



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17- N. 8 - Oitavo levantamento | **MAIO 2017**



Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Elza Mary de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Mayanne Silva (estagiária)

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA **grãos**

V. 4 - SAFRA 2016/17 - N.7 - Oitavo levantamento | **MAIO 2017**

Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 4 Safra 2016/17 - Oitavo levantamento, Brasília, p. 1-144 maio 2017.

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Danielle Barros Ferreira (Inmet)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Rogério Dias Coimbra (Geint)
Leonardo Amazonas (Gerpa - soja)
Thomê Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Antonio Sergio Ribeiro Camelo (Geint)

Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão)
Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)
Miriam R. da Silva (Latis - Conab/Inmet)
Marcia dos Santos Seabra (Inmet)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Jocktã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nólêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valetim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Luiz Vissoci (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hécio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niecio Ribeiro (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); César Rubin, Dionízio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO)

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agrônômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretária Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n. 1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo-----8



2. Introdução-----10



3. Estimativa de área plantada ----- 12



4. Estimativa de produtividade ----- 17



5. Estimativa de produção ----- 22



6. Crédito rural -----27



7. Prognóstico climático - Inmet -----35



8. Monitoramento agrícola ----- 39



9. Análise das culturas ----- 43

9.1. Culturas de verão -----	43
9.1.1. Algodão -----	43
9.1.2. Amendoim -----	49
9.1.3. Arroz -----	54
9.1.4. Feijão -----	60
9.1.5. Girassol - -----	87
9.1.6. Mamona -----	89
9.1.7. Milho -----	92
9.1.8. Soja -----	104
9.1.9. Sorgo -----	112
9.2. Culturas de inverno -----	117
9.2.1. Aveia -----	117
9.2.2. Canola -----	118
9.2.3. Centeio -----	119
9.2.4. Cevada -----	120
9.2.5. Trigo -----	121
9.2.6. Triticale -----	123



12. Balanço de oferta e demanda ----- 124



13. Calendários de plantio e colheita ----- 126





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2016/17

Para a safra 2016/17 a estimativa é de 232,02 milhões de toneladas. Crescimento de 24,3% em relação à safra 2015/16, o que equivale a 45,41 milhões de toneladas.

A área plantada está estimada em 60,36 milhões de hectares. O crescimento previsto é de 3,5% se comparada com a safra 2015/16.

Algodão: as condições climáticas continuam favorecendo a cultura e a produção deve atingir 2,24 milhões de toneladas, sendo 1,49 milhão de toneladas de pluma.

Amendoim primeira safra: o aumento de área plantada e de produtividade resultam em 430,5 mil toneladas de produção, crescimento de 10,7% em relação à safra anterior.

Arroz: apesar da queda na área de sequeiro (17,6%), a retomada da semeadura nas áreas irrigadas (4,3%) e as condições climáticas favorecendo toda a região produtora resultam em 11,96 milhões de toneladas de produção.

Feijão primeira safra: o incremento de área e a produtividade favorecida pelas boas condições climáticas refletem em uma boa produção de 1,38 milhão de toneladas, sendo 858,1 mil toneladas de feijão comum cores, 316,5 mil toneladas de feijão comum preto e 205,8 mil toneladas de feijão caupi.

Feijão segunda safra: o acréscimo de área nesta safra e as boas expectativas de produtividades resultam numa safra de 1,26 milhão de toneladas. A produção deverá ser de 624 mil toneladas de feijão comum cores, 219,1 mil toneladas de feijão comum preto e 415 mil toneladas de feijão caupi.

Milho primeira safra: incremento de área e condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento da cultura. Produção estimada de 30,15 milhões de toneladas.

Milho segunda safra: é a oitava safra seguida de aumento na área plantada desta cultura devido à sucessão de cultura com a soja, plantada na primeira safra. A estimativa é de produção de 62,68 milhões de toneladas cultivadas em 11,7 milhões de hectares.

Soja: com a colheita praticamente finalizada, o observado é de crescimento de 18,4% na produção, atingindo 113 milhões de toneladas.

Trigo: a estimativa é de redução na área plantada em razão do preço do produto e aos estoques de ótima qualidade da safra passada.





2. INTRODUÇÃO

Visando fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) tem, dentre os primordiais objetivos, o acompanhamento da safra brasileira de grãos.

É bom ressaltar que no citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

Assim, a Companhia, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se informações da área plantada com as culturas de inverno e de terceira safra, que se encontram em desenvolvimento, e a de segunda safra, que se encontram em processo de colheita.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se

outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Dessa maneira, os resultados quando divulgados devem ter ali registrados a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Conab, registra, pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborar, nosso especial agradecimento a todos.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

Oitavo levantamento da safra brasileira de grãos aponta para uma área cultivada de 60 milhões de hectares. São informações coletadas pelos técnicos da Conab em todas as principais regiões produtoras do país. Além do avanço da área plantada das culturas de primeira safra, este levantamento também confirma a possibilidade de maior plantio de culturas de segunda safra, sobretudo o milho segunda safra. O aumento de área plantada em relação à última safra é de aproximadamente 2 milhões de hectares.

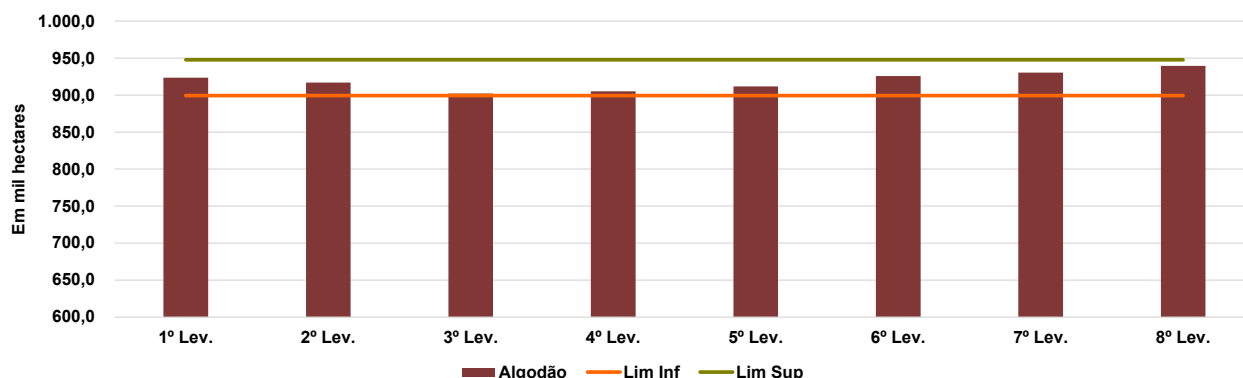
O algodão tem seu cultivo concentrado em Mato Grosso e Bahia, mas presente também em Mato Grosso do Sul, Goiás e Maranhão, uma vez que estes estados apresentam condições edafoclimáticas favoráveis à tecnificação. Nas principais regiões produtoras do país é comum a ocorrência de chuvas em janeiro e fevereiro, quando as temperaturas são altas e a umidade do ar elevada, coincidindo com o período vegetativo da cultura. A partir de março, há um decréscimo na temperatura e na precipitação pluviométrica, mesmo que eventualmente haja chuvas. O plantio mais tardio em relação à soja tem a função de evitar que a colheita do algodão coincida com o período chuvoso. Se isso ocorrer, a abertura dos frutos (maçã) será lenta e pode prejudicar a colheita da fibra, além de ser um ambiente propício para o desenvolvimento de doenças fúngicas.

Esta é uma das razões para que a área plantada de al-

godão sofresse alterações ao longo dos levantamentos. Como a semeadura é realizada após o término do plantio da soja, isso faz que a semeadura seja concentrada em janeiro e fevereiro, ou seja, neste momento é que há realmente a definição da área a ser plantada. Outro fator, comum no Mato Grosso, é que a maior

parte da área plantada é cultivada na segunda safra, assim, a concretização do plantio depende exclusivamente do plantio da soja na época ideal, com colheita programada para janeiro e semeadura do algodão na sequência.

Gráfico 1 – Estimativa de área plantada de algodão



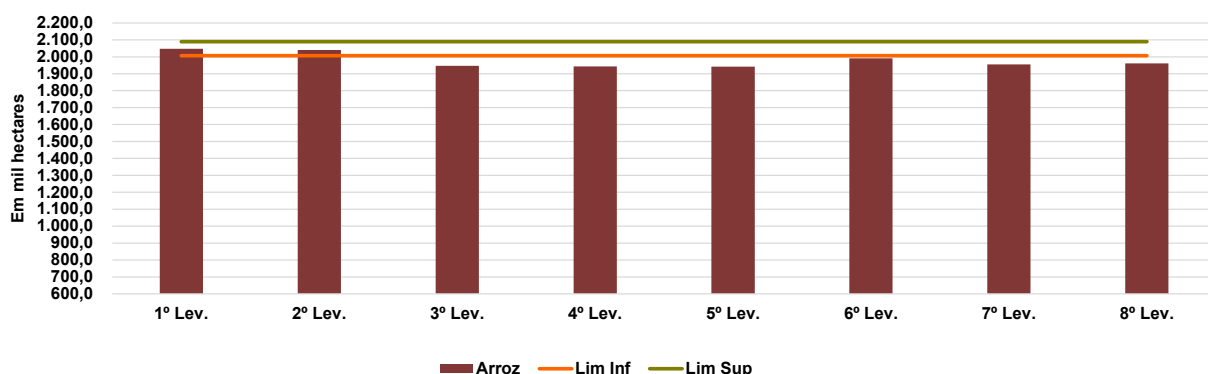
Fonte: Conab.

Há tendência de redução da área plantada do arroz de sequeiro em quase todos os estados produtores. Por competir área de soja com milho, uma vez que são cultivadas no mesmo período, na maior parte das vezes ela perde lugar para estes cultivos devido a sua menor rentabilidade. Maranhão e Mato Grosso, estados com as maiores áreas plantadas de sequeiro, são exemplos dessa retração. Já as áreas cultivadas sob irrigação, a tendência é de manutenção e/ou incremento do seu

cultivo.

A área plantada de arroz sofreu modificação ao longo dos levantamentos, principalmente pela incerteza do produtor em cultivar milho ou soja nas áreas de arroz de sequeiro. Após a definição da semeadura destas culturas, e apesar de ficar fora dos limites inferiores e superiores, a estimativa é para uma área de 1,96 milhão de hectares.

Gráfico 2 – Estimativa de área plantada de arroz



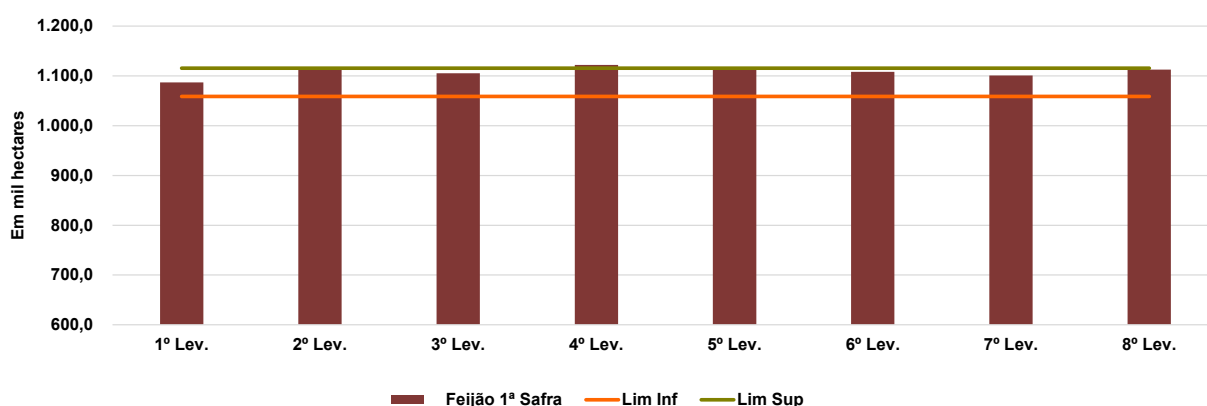
Fonte: Conab.

O feijão primeira safra apresenta concentração da área plantada na Bahia, Piauí, Paraná e Minas Gerais, apesar de ser cultivado amplamente no território nacional. Estima-se que a área a ser destinada para a cultura do feijoeiro aumente na maior parte dos es-

tados produtores, influenciado pelos preços de mercado e a possibilidade de clima favorável. Tanto o feijão comum cores, quanto o caupi, apresentam ganho de área. O feijão comum preto deve ter redução de área, cedendo área para o feijão comum cores.



Gráfico 3 – Estimativa de área plantada de feijão primeira safra



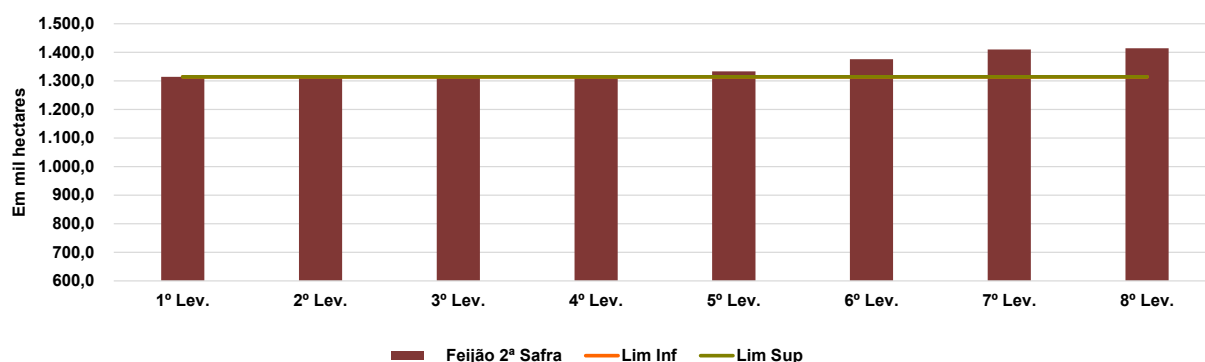
Fonte: Conab.

O produtor tem optado por plantio de uma área maior na segunda safra por não concorrer com a soja, e também por não haver chuvas coincidindo com a colheita, o que favorece a colheita.

A boa expectativa para o feijão segunda safra vem se confirmando, tanto pelas condições climáticas propí-

cias ao plantio e desenvolvimento, quanto para a colheita em época com menor intensidade de chuvas e consequentemente melhor qualidade do grão colhido. Diante disso, a perspectiva também é de aumento na área plantada de feijão comum cores, caupi e feijão comum preto.

Gráfico 4 – Estimativa de área plantada de feijão segunda safra



Fonte: Conab.

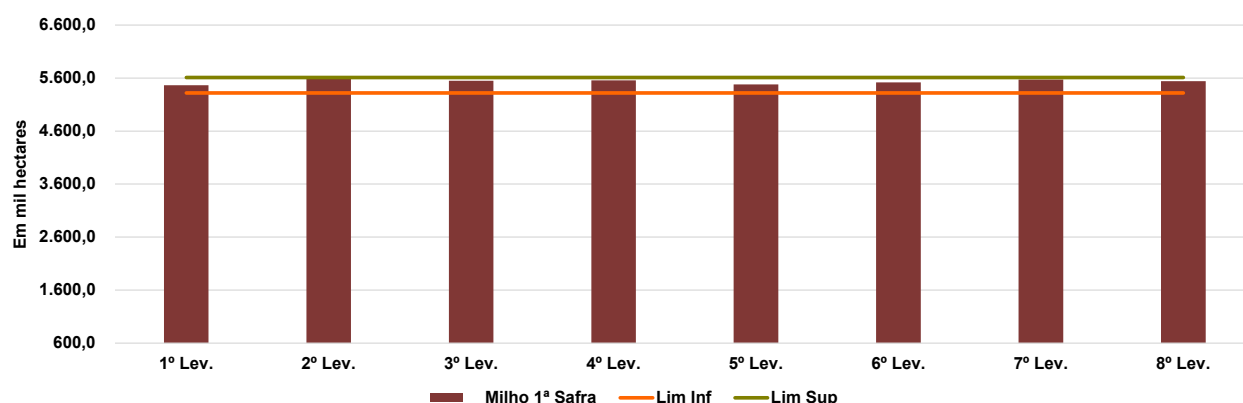
O milho cultivado na primeira safra sempre concorre com o cultivo da soja, o que tem resultado em quedas recorrentes de área cultivada. No entanto, nesta safra, observa-se a expansão das áreas para garantir o abastecimento estadual das cadeias produtivas que possuem o milho como matéria-prima e atender a renegociação das dívidas da última safra. No Matopiba há expectativa de aumento da área plantada na Bahia e no Maranhão. Piauí e Tocantins devem perder área para a soja, uma vez que na safra passada as condições não foram adequadas para o cultivo da oleaginosa.

O milho primeira safra é plantado em diferentes épocas nas diferentes regiões do país. A Região Sul come-

ça o plantio em julho, mas com picos de semeadura de agosto a outubro. As Regiões Sudeste, Centro-Oeste e Norte (com exceção do Tocantins) plantam de outubro a dezembro, mas com pico em novembro. O Matopiba planta de novembro a fevereiro, com picos em dezembro e janeiro. O restante da Região Nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco) semeiam a partir de janeiro, com alta em fevereiro e março, se o regime pluviométrico permitir. Esse calendário diversificado acaba por influenciar a estimativa de área plantada, uma vez que a definição de áreas, em algumas regiões, acontece mais tardiamente. Porém a área permanece dentro dos limites divulgados no primeiro levantamento e bem estável entre os levantamentos.



Gráfico 5 – Estimativa de área plantada de milho primeira safra

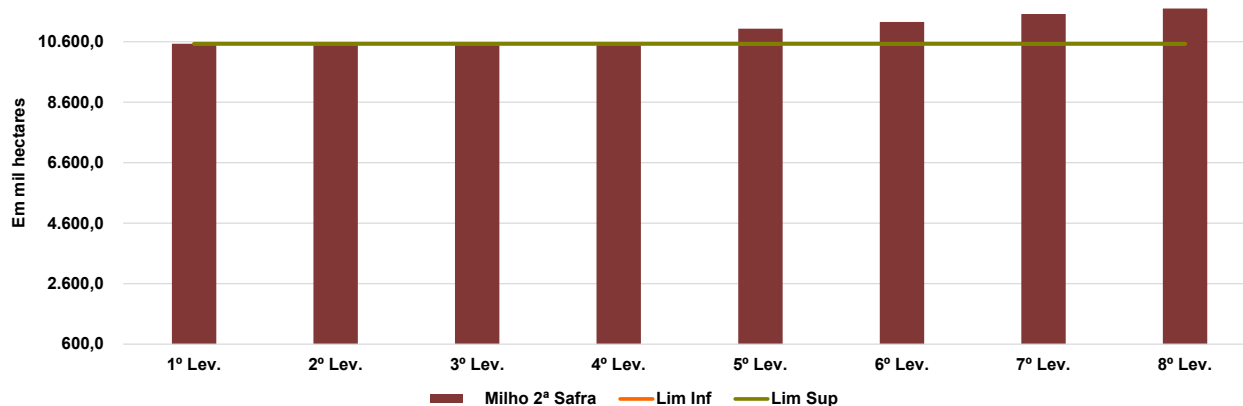


Fonte: Conab.

Para a segunda safra de milho a estimativa é de aumento na área semeada. A destinação de área para o cultivo deve ultrapassar os 11,7 milhões de hectares, aumento de 10,8%. Semelhante ao feijão segunda safra, o milho segunda safra é semeado a partir de

janeiro, após a colheita da soja. Os bons regimes pluviométricos, coincidindo com dias de tempo aberto, têm propiciado o avanço do plantio de milho segunda safra e deve ocupar cerca de 35% da área plantada com soja.

Gráfico 6 – Estimativa de área plantada de milho segunda safra

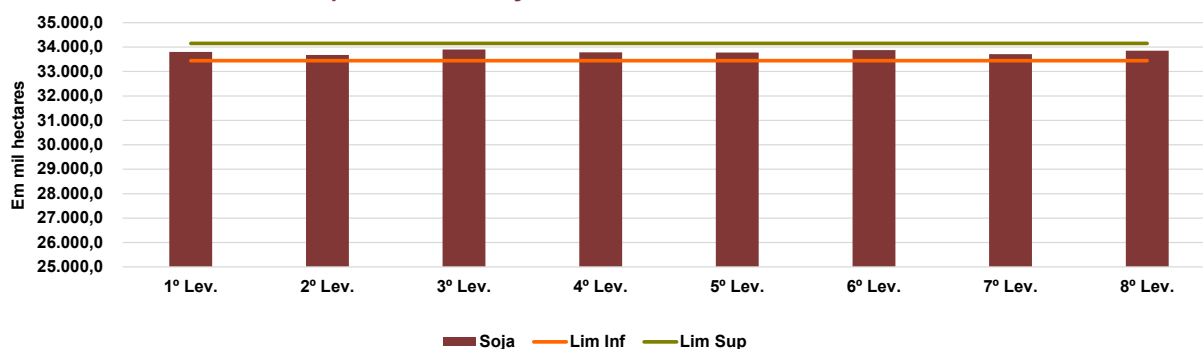


Fonte: Conab.

A destinação de áreas para cultivo da soja apresenta avanço em áreas em rotação cultivadas com algodão primeira safra, milho primeira safra, feijão primeira safra e arroz de sequeiro. O calendário de semeadura similar, a disponibilidade de sementes com alto desempenho agrônomo e de pacotes tecnológicos acessíveis, são alguns dos fatores técnicos que corroboram para a expansão da área plantada. Portanto, a estimativa de área plantada de soja é crescente em quase todos os estados produtores.

A soja tem sido a principal cultura cultivada no país e, pela sua rentabilidade, tem ocupado lugar de outras culturas, mas principalmente, tem seu avanço sobre áreas de pastagens que tem sido reconvertida para o cultivo de grãos. Apesar das incertezas no início do cultivo, quanto ao trimestre chuvoso para a semeadura da cultura, houve precipitações favoráveis e o avanço foi superior aos anos anteriores. A soja praticamente já teve a sua colheita totalizada, cedendo área para o cultivo de algodão segunda safra, milho segunda safra e feijão.

Gráfico 7 – Estimativa de área plantada de soja



Fonte: Conab.

Tabela 1 – Estimativa de área – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Abr/2017 (b)	Mai/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	955,2	930,4	939,7	(1,6)	(15,5)
AMENDOIM TOTAL	119,6	123,4	126,0	5,4	6,4
AMENDOIM 1ª SAFRA	110,3	115,0	117,5	6,5	7,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	9,3	8,4	8,5	(8,6)	(0,8)
ARROZ	2.008,0	1.954,5	1.961,4	(2,3)	(46,6)
ARROZ SEQUEIRO	607,7	505,7	500,9	(17,6)	(106,8)
ARROZ IRRIGADO	1.400,3	1.448,8	1.460,5	4,3	60,2
FEIJÃO TOTAL	2.837,5	3.078,0	3.093,8	9,0	256,3
FEIJÃO 1ª SAFRA	978,6	1.101,0	1.112,7	13,7	134,1
CARIOCA	409,9	481,4	480,1	17,1	70,2
PRETO	180,5	174,9	174,2	(3,5)	(6,3)
CAUPI	388,2	444,7	458,4	18,1	70,2
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.311,2	1.410,2	1.414,4	7,9	103,2
CARIOCA	404,6	414,1	426,9	5,5	22,3
PRETO	118,0	128,8	130,5	10,6	12,5
CAUPI	788,6	867,3	857,0	8,7	68,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	547,7	566,8	566,7	3,5	19,0
CARIOCA	477,2	491,6	491,2	2,9	14,0
PRETO	0,2	0,2	0,2	-	-
CAUPI	70,3	75,0	75,3	7,1	5,0
GIRASSOL	51,5	61,6	62,9	22,1	11,4
MAMONA	31,8	30,5	30,5	(4,1)	(1,3)
MILHO TOTAL	15.922,5	17.077,1	17.242,8	8,3	1.320,3
MILHO 1ª SAFRA	5.356,6	5.556,0	5.540,4	3,4	183,8
MILHO 2ª SAFRA	10.565,9	11.521,1	11.702,4	10,8	1.136,5
SOJA	33.251,9	33.711,3	33.852,5	1,8	600,6
SORGO	579,0	608,1	611,7	5,6	32,7
SUBTOTAL	55.757,0	57.574,9	57.921,3	3,9	2.164,3
SORGO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Abr/2017 (b)	Mai/2017 (c)	(b/a)	(b-a)
AVEIA	291,5	294,2	299,4	2,7	7,9
CANOLA	47,5	46,1	46,1	(2,9)	(1,4)
CENTEIO	2,5	2,7	2,6	4,0	0,1
CEVADA	95,6	104,8	112,0	17,2	16,4
TRIGO	2.118,4	2.055,0	1.953,5	(7,8)	(164,9)
TRITICALE	23,5	23,0	22,2	(5,5)	(1,3)
SUBTOTAL	2.579,0	2.525,8	2.435,8	(5,6)	(143,2)
BRASIL	58.336,0	60.100,7	60.357,1	3,5	2.021,1

Legenda: * Ponto médio dos limites superior e inferior.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.





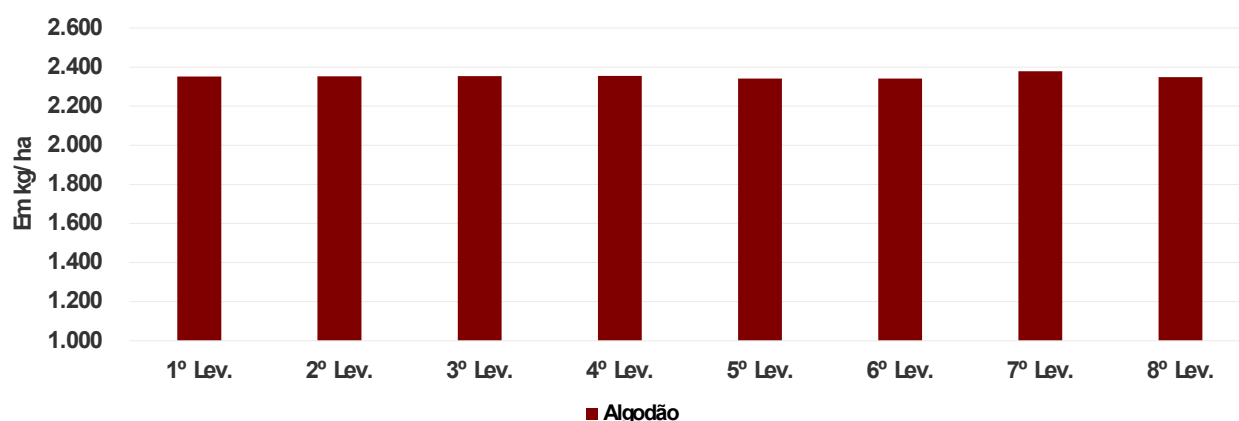
4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

Para algumas culturas, o pacote tecnológico utilizado pelo produtor é de alto nível e não há tanta variação entre as safras, como é o caso da soja e algodão.

O alto custo de cultivo, a dependência da demanda do mercado externo e a verticalização da produção levam o produtor a utilizar o melhor pacote tecnológico para a cultura do algodão em comparação às demais culturas de grãos. Sendo assim, a cultura fica dependente apenas das condições climáticas. O que se pode observar é que, diferentemente da safra passada que foi fortemente influenciada pelo efeito El Niño, nesta safra as condições climáticas têm contribuído muito para as boas condições da cultura.

Já o milho e o feijão possuem variações. São culturas que apresentam áreas aplicando o uso de elevado pacote tecnológico e, ao mesmo tempo, determinadas regiões onde se prioriza o plantio para consumo de pequenas propriedades, as quais nem sempre utilizam os melhores pacotes disponíveis. Para o arroz também há muitas variações, mas de modo geral, a cultura irrigada é suplementada com um pacote de alto nível.

Gráfico 8 – Estimativa de produtividade de algodão

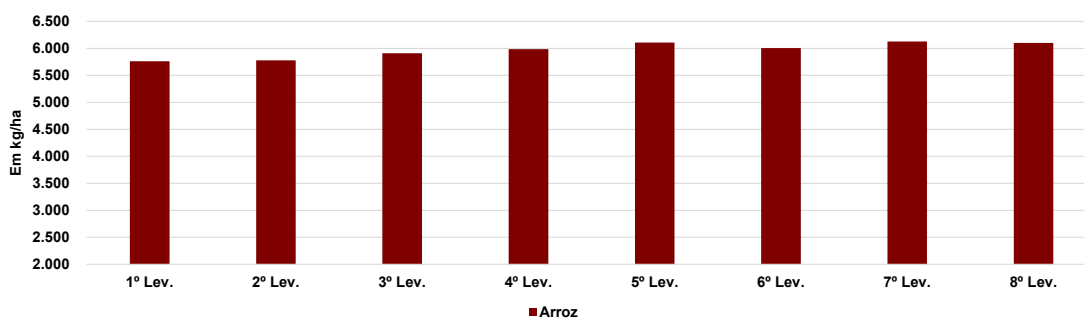


Fonte: Conab.

O aumento da área de plantio de arroz irrigado e queda no plantio de sequeiro são responsáveis pelo aumento da média de produtividade de arroz do Brasil, uma vez que o manejo irrigado alcança produtividade

muito superior ao de sequeiro. As boas condições climáticas em todo o desenvolvimento da cultura têm influenciado o aumento das estimativas de produtividade do arroz.

Gráfico 9 – Estimativa de produtividade de arroz

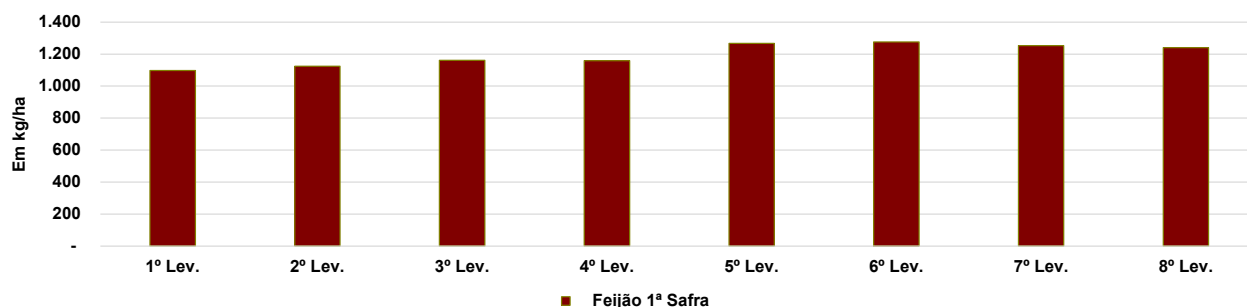


Fonte: Conab.

O feijão primeira safra é uma cultura com uso de alta tecnologia na Região Sul, com cultivo de feijão comum cores e preto, e Centro-Oeste, com predominância do cultivo de feijão comum cores. Na região Norte/Nordeste é predominante o cultivo de caupi com baixa tecnologia. Minas Gerais cultiva os três tipos, com diferentes níveis tecnológicos. Em São Paulo há a predo-

minância de feijão comum cores com alta tecnologia, alcançando uma das maiores produtividades do país. A recuperação no potencial produtivo em relação a outras safras e as boas condições climáticas têm favorecido o aumento da produtividade para o feijão primeira safra.

Gráfico 10 – Estimativa de produtividade de feijão primeira safra



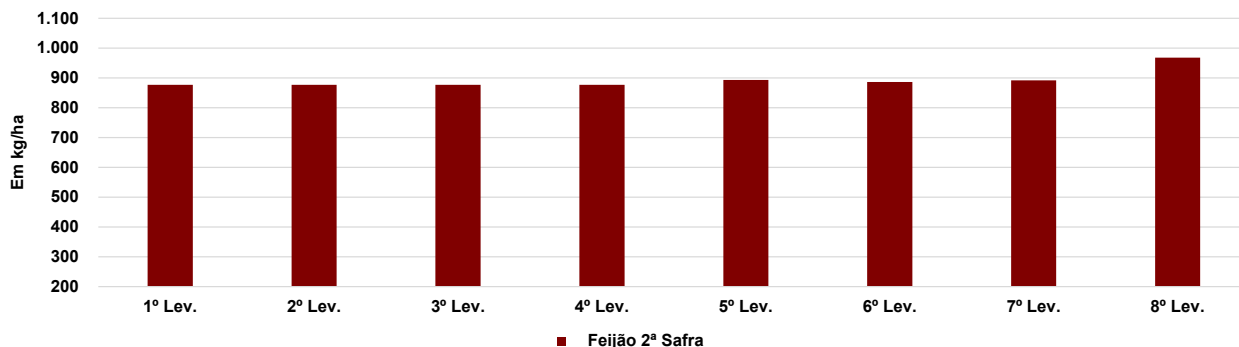
Fonte: Conab.



O feijão segunda safra mantém a expectativa de ter uma boa safra em termos de produtividade. A captação das informações de campo, substituindo as produtividades derivadas dos cálculos estatísticos dos

primeiros levantamentos, assinala para o aumento da produtividade do feijão segunda safra em relação à safra passada.

Gráfico 11 – Estimativa de produtividade de feijão segunda safra

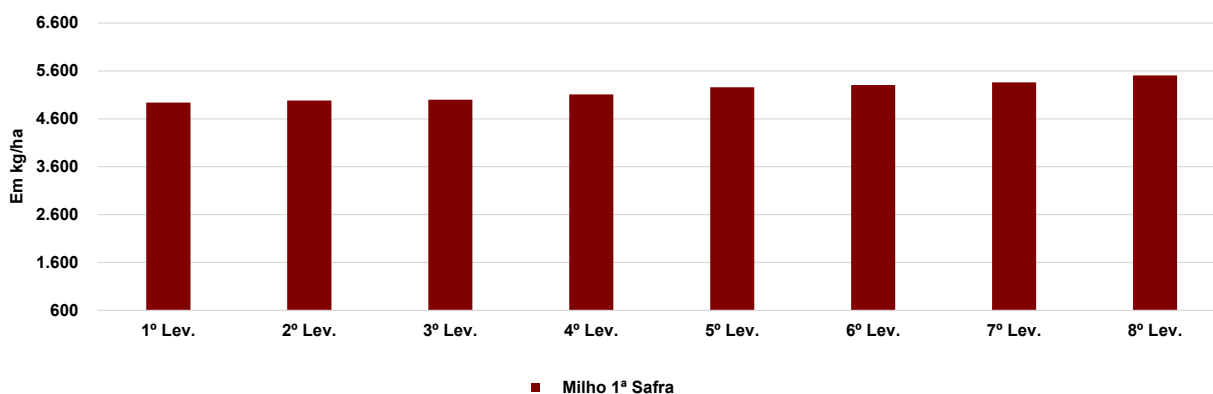


Fonte: Conab.

A quebra de produtividade de milho segunda safra no ano passado levou muitas Unidades da Federação, principalmente aquelas que possuem grande volume para consumo próprio, a investir nesta cultura, tanto com aumento de área como melhores tratamentos culturais.

Para o milho primeira safra as boas condições climáticas apresentadas contribuíram para a expressão de boas produtividades, justificando o investimento realizado nesta cultura.

Gráfico 12 – Estimativa de produtividade de milho primeira safra



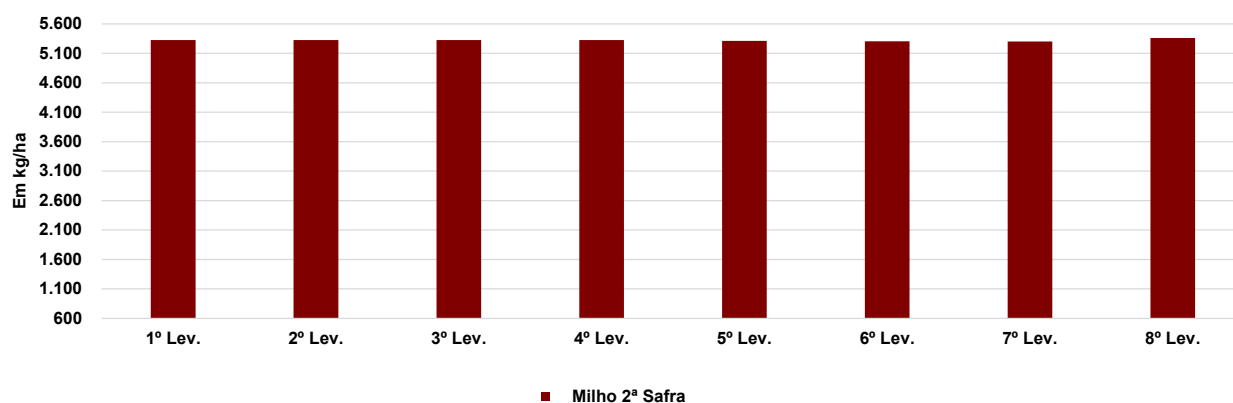
Fonte: Conab.

A expectativa para o milho segunda safra é de que haja a recuperação da sua produtividade, após o baixo rendimento na última safra. Neste levantamento

permanece a expectativa de boas produtividades para a cultura.



Gráfico 13 – Estimativa de produtividade de milho segunda safra

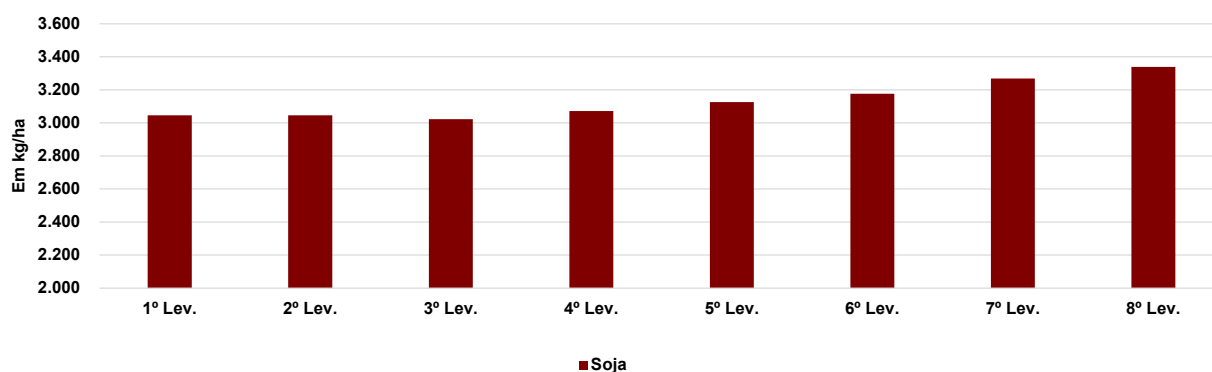


Fonte: Conab.

A soja é uma cultura em que há alto investimento por parte do produtor, tanto em equipamentos, quanto em tecnologia de sementes, adubação e defensivos agrícolas. Com a colheita quase que totalmente fina-

lizada, o bom desenvolvimento da cultura ao longo de todo o ciclo resultou em produtividade média bem superior à observada na última safra.

Gráfico 14 – Estimativa de produtividade de soja



Fonte: Conab.



Tabela 2 – Estimativa de produtividade - Brasil– Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Abr/2017 (b)	Mai/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.028	2.379	2.380	17,3	351,8
ALGODÃO EM PLUMA	1.350	1.583	1.584	17,3	234,1
AMENDOIM TOTAL	3.396	3.512	3.549	4,5	152,8
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.524	3.625	3.664	3,9	139,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.873	1.968	1.962	4,8	89,0
ARROZ	5.280	6.113	6.099	15,5	819,0
ARROZ SEQUEIRO	2.028	2.190	2.234	10,2	206,1
ARROZ IRRIGADO	6.692	7.482	7.425	11,0	733,2
FEIJÃO TOTAL	886	1.067	1.076	21,5	190,0
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.057	1.253	1.240	17,4	183,6
CORES	1.619	1.783	1.787	10,4	168,8
PRETO	1.601	1.813	1.816	13,4	215,1
CAUPI	210	459	449	113,3	238,4
FEIJÃO 2ª SAFRA	696	863	890	27,8	193,7
CORES	1.226	1.466	1.462	19,2	235,7
PRETO	1.494	1.677	1.679	12,4	184,8
CAUPI	305	454	485	59,1	179,9
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.034	1.216	1.217	17,7	182,5
CORES	1.070	1.304	1.305	22,0	235,2
PRETO	2.000	3.000	3.000	50,0	1.000,0
CAUPI	578	637	638	10,3	59,6
GIRASSOL	1.224	1.479	1.477	20,7	253,4
MAMONA	465	493	509	9,5	44,1
MILHO TOTAL	4.178	5.356	5.383	28,8	1.204,9
MILHO 1ª SAFRA	4.809	5.375	5.441	13,2	632,8
MILHO 2ª SAFRA	3.859	5.347	5.356	38,8	1.497,0
SOJA	2.870	3.268	3.338	16,3	468,0
SORGO	1.782	2.798	2.778	55,9	996,8
SUBTOTAL	3.202	3.844	3.895	21,6	693,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Abr/2017 (b)	Mai/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	2.840	2.366	2.365	(16,7)	(475,0)
CANOLA	1.514	1.553	1.555	2,7	41,0
CENTEIO	2.600	1.741	1.692	(34,9)	(908,0)
CEVADA	3.921	3.020	2.998	(23,5)	(923,0)
TRIGO	3.175	2.661	2.672	(15,8)	(503,0)
TRITICALE	2.898	2.517	2.514	(13,3)	(384,0)
SUBTOTAL	3.131	2.619	2.625	(16,2)	(506,0)
BRASIL (2)	3.199	3.793	3.844	20,2	644,8

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/ 2017.





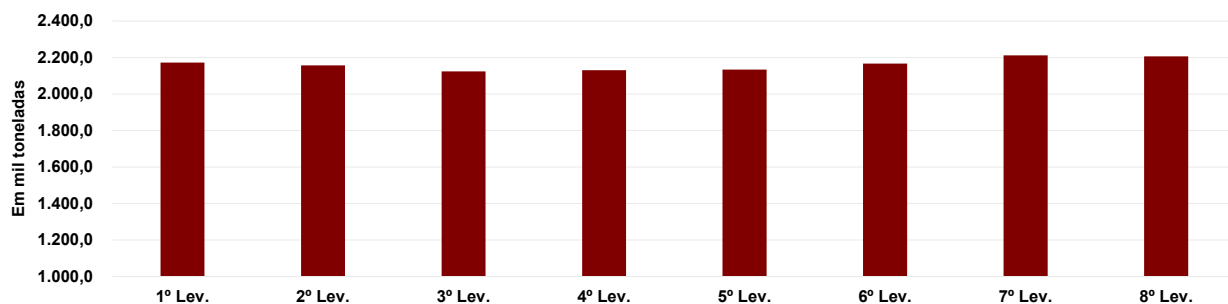
5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (232,02 MILHÕES DE TONELADAS)

A estimativa é de 232,02 milhões de toneladas de grãos para a safra 2016/17, sendo um aumento de 24,3% em relação à safra passada, o que equivale a 45,41 milhões de toneladas. A produtividade média das culturas são elevadas em face das boas condições climáticas apresentadas nessa safra e o aumento da área reflete numa produção superior aos anos anteriores.

A soja e o milho, principais culturas produzidas no país, apresentam ganho na produção de 18,4 e 39,5%, respectivamente. Os dois produtos correspondem a quase 90% do que é produzido. A soja deve alcançar uma produção de 113 milhões de toneladas. Para o milho a estimativa é de 92,83 milhões de toneladas, distribuídas entre primeira safra (30,15 milhões de toneladas) e segunda safra (62,68 milhões de toneladas).

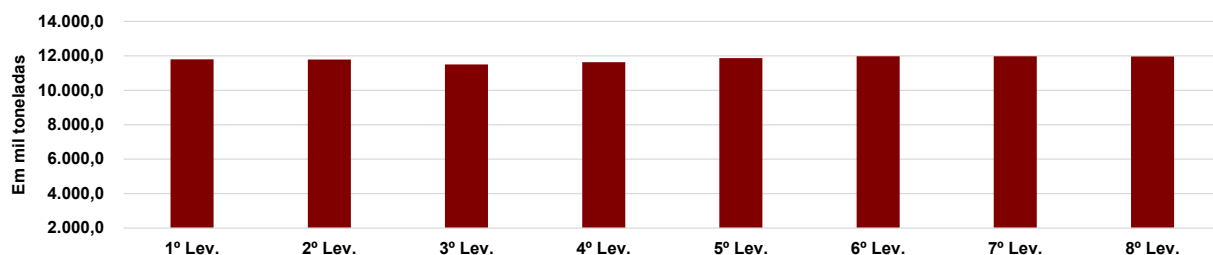
Já o arroz e feijão devem alcançar uma produção de 11,96 milhões de toneladas e 3,33 milhões de toneladas, respectivamente. Distribuídas por safra, a produção de feijão está estimada em 1,38 milhão de toneladas na primeira safra, 1,26 milhão de toneladas na segunda safra e 689,4 mil toneladas na terceira safra. A produção de feijão comum cores deve alcançar 2,12 milhões de toneladas, a de feijão comum preto está estimada em 536,1 mil toneladas e a de feijão caupi em 669,2 mil toneladas.

Gráfico 15 – Estimativa de produção de caroço de algodão



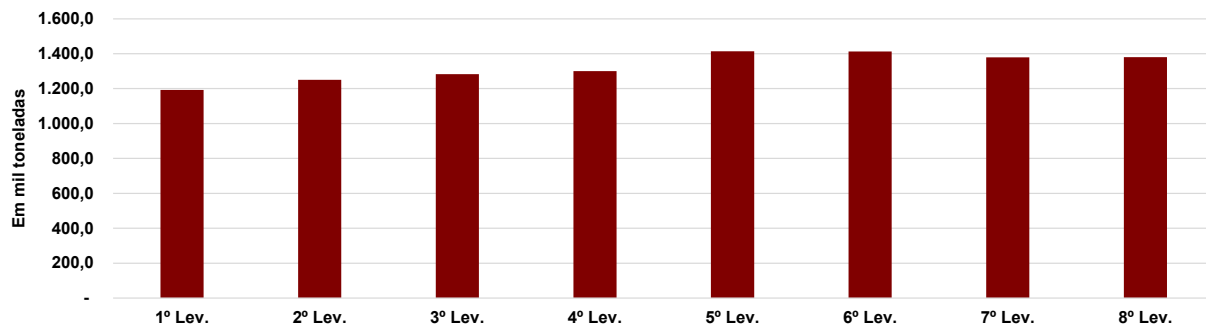
Fonte: Conab.

Gráfico 16 – Estimativa de produção de arroz



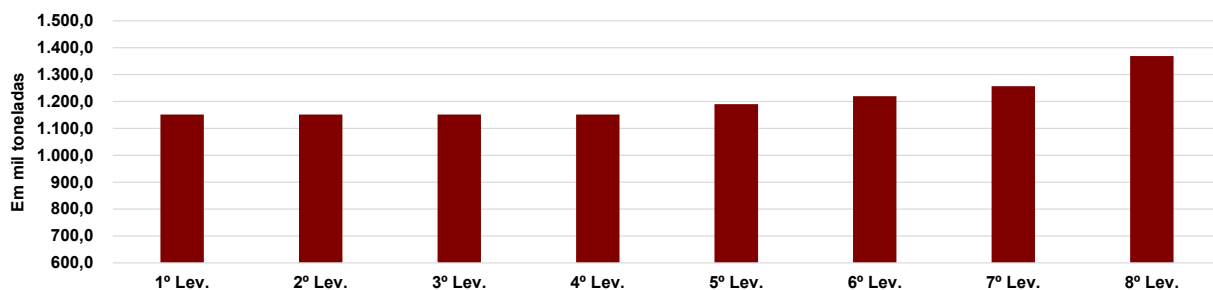
Fonte: Conab.

Gráfico 17 – Estimativa de produção de feijão primeira safra



Fonte: Conab.

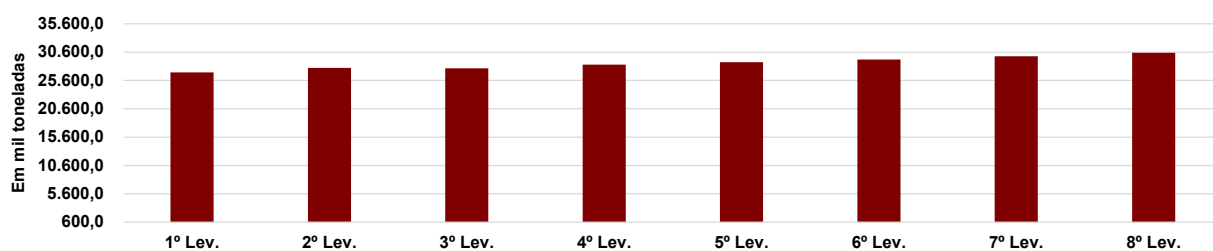
Gráfico 18 – Estimativa de produção de feijão segunda safra



Fonte: Conab.

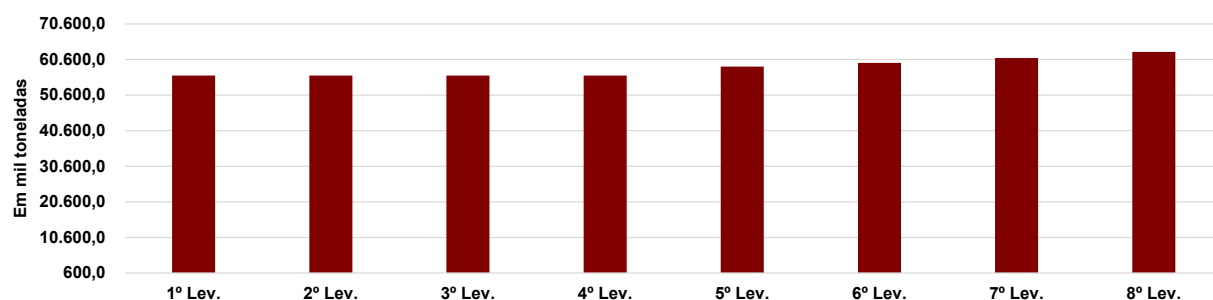


Gráfico 19 – Estimativa de produção de milho primeira safra



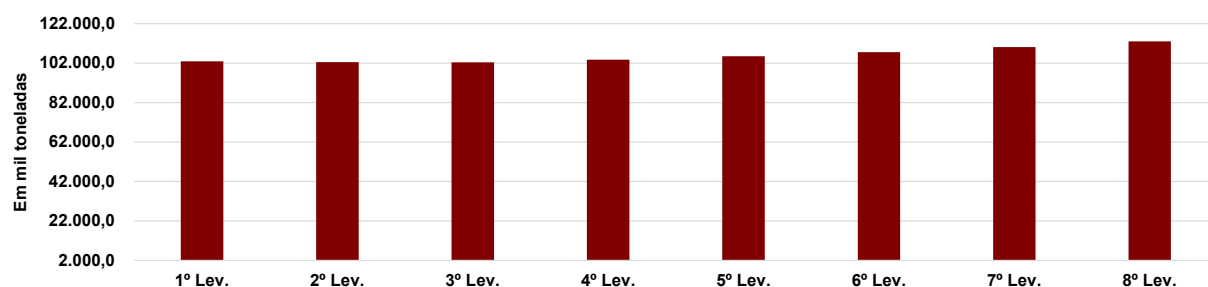
Fonte: Conab.

Gráfico 20 – Estimativa de produção de milho segunda safra



Fonte: Conab.

Gráfico 21 – Estimativa de produção de soja



Fonte: Conab.



Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Abr/2017 (b)	Mai/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (¹)	1.937,1	2.212,9	2.236,0	15,4	298,9
ALGODÃO - PLUMA	1.289,2	1.473,2	1.488,8	15,5	199,6
AMENDOIM TOTAL	406,1	433,4	447,2	10,1	41,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	388,8	416,8	430,5	10,7	41,7
AMENDOIM 2ª SAFRA	17,3	16,6	16,7	(3,5)	(0,6)
ARROZ	10.603,0	11.948,0	11.963,1	12,8	1.360,1
ARROZ SEQUEIRO	1.232,6	1.107,8	1.119,2	(9,2)	(113,4)
ARROZ IRRIGADO	9.370,4	10.840,2	10.843,9	15,7	1.473,5
FEIJÃO TOTAL	2.512,9	3.285,6	3.327,8	32,4	814,9
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.034,3	1.379,6	1.380,4	33,5	346,1
CARIOCA	663,5	858,2	858,1	29,3	194,6
PRETO	289,1	317,1	316,5	9,5	27,4
CAUPI	81,7	204,2	205,8	151,9	124,1
FEIJÃO 2ª SAFRA	912,6	1.216,7	1.258,4	37,9	345,8
CARIOCA	496,1	607,1	624,0	25,8	127,9
PRETO	176,3	216,1	219,1	24,3	42,8
CAUPI	240,2	393,6	415,4	72,9	175,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	566,6	689,3	689,4	21,7	122,8
CARIOCA	525,5	640,9	640,7	21,9	115,2
PRETO	0,4	0,6	0,6	50,0	0,2
CAUPI	40,7	47,8	48,1	18,2	7,4
GIRASSOL	63,1	91,1	92,9	47,2	29,8
MAMONA	14,8	15,0	15,5	4,7	0,7
MILHO TOTAL	66.530,6	91.468,5	92.832,6	39,5	26.302,0
MILHO 1ª SAFRA	25.758,1	29.861,1	30.151,0	17,1	4.392,9
MILHO 2ª SAFRA	40.772,7	61.607,4	62.681,6	53,7	21.908,9
SOJA	95.434,6	110.161,7	113.013,4	18,4	17.578,8
SORGO	1.031,5	1.701,2	1.699,6	64,8	668,1
SUBTOTAL	178.534,5	221.317,4	225.628,5	26,4	47.094,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Abr/2017 (b)	Mai/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	827,8	696,2	708,2	(14,4)	(119,6)
CANOLA	71,9	71,6	71,7	(0,3)	(0,2)
CENTEIO	6,5	4,7	4,4	(32,3)	(2,1)
CEVADA	374,8	316,5	335,8	(10,4)	(39,0)
TRIGO	6.726,8	5.468,1	5.219,1	(22,4)	(1.507,7)
TRITICALE	68,1	57,9	55,8	(18,1)	(12,3)
SUBTOTAL	8.075,9	6.615,0	6.395,0	(20,8)	(1.680,9)
BRASIL (²)	186.610,4	227.932,4	232.023,5	24,3	45.413,1

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	(g)	(g/f)
NORTE	2.540,1	2.831,6	11,5	2.731	3.199	17,2	6.937,1	9.059,4	30,6
RR	39,9	51,3	28,6	3.900	4.010	2,8	155,6	205,7	32,2
RO	474,1	534,5	12,7	3.338	3.226	(3,3)	1.582,5	1.724,4	9,0
AC	52,4	46,8	(10,7)	2.065	1.968	(4,7)	108,2	92,1	(14,9)
AM	11,4	14,0	22,8	1.912	2.157	12,8	21,8	30,2	38,5
AP	4,6	4,8	4,3	891	938	5,2	4,1	4,5	9,8
PA	730,8	850,4	16,4	2.931	3.045	3,9	2.142,3	2.589,6	20,9
TO	1.226,9	1.329,8	8,4	2.382	3.318	39,3	2.922,6	4.412,9	51,0
NORDESTE	7.396,9	7.820,2	5,7	1.329	2.266	70,5	9.827,4	17.717,7	80,3
MA	1.420,1	1.554,0	9,4	1.748	3.123	78,7	2.481,7	4.852,9	95,5
PI	1.360,0	1.465,7	7,8	1.089	2.418	122,1	1.480,5	3.544,5	139,4
CE	850,3	930,4	9,4	267	592	121,6	227,3	550,4	142,1
RN	56,6	67,6	19,4	323	552	70,8	18,3	37,3	103,8
PB	173,1	196,9	13,7	191	375	96,5	33,1	73,9	123,3
PE	388,1	376,1	(3,1)	176	260	47,9	68,3	97,9	43,3
AL	61,6	61,6	-	722	818	13,3	44,5	50,4	13,3
SE	195,9	195,9	-	923	4.202	355,2	180,9	823,1	355,0
BA	2.891,2	2.972,0	2,8	1.831	2.587	41,3	5.292,8	7.687,3	45,2
CENTRO-OESTE	23.584,2	24.615,6	4,4	3.192	4.020	25,9	75.290,5	98.950,3	31,4
MT	14.001,5	14.818,2	5,8	3.101	3.913	26,2	43.425,3	57.976,5	33,5
MS	4.213,1	4.408,5	4,6	3.267	4.108	25,7	13.765,7	18.111,0	31,6
GO	5.213,9	5.229,4	0,3	3.366	4.207	25,0	17.549,7	22.000,6	25,4
DF	155,7	159,5	2,4	3.531	5.406	53,1	549,8	862,2	56,8
SUDESTE	5.315,5	5.468,3	2,9	3.658	4.107	12,3	19.444,4	22.457,4	15,5
MG	3.304,5	3.388,4	2,5	3.574	4.179	16,9	11.809,3	14.160,8	19,9
ES	24,4	24,0	(1,6)	2.098	2.083	(0,7)	51,2	50,0	(2,3)
RJ	4,3	4,8	11,6	1.907	1.938	1,6	8,2	9,3	13,4
SP	1.982,3	2.051,1	3,5	3.822	4.016	5,1	7.575,7	8.237,3	8,7
SUL	19.499,3	19.626,5	0,7	3.852	4.272	10,9	75.111,0	83.838,4	11,6
PR	9.686,4	9.732,4	0,5	3.700	4.269	15,4	35.842,0	41.546,8	15,9
SC	1.279,9	1.317,1	2,9	4.880	5.288	8,4	6.245,9	6.965,0	11,5
RS	8.533,0	8.577,0	0,5	3.870	4.119	6,4	33.023,1	35.326,6	7,0
NORTE/NORDESTE	9.937,0	10.651,8	7,2	1.687	2.514	49,0	16.764,5	26.777,1	59,7
CENTRO-SUL	48.399,0	49.710,4	2,7	3.509	4.129	17,7	169.845,9	205.246,1	20,8
BRASIL	58.336,0	60.362,2	3,5	3.199	3.844	20,2	186.610,4	232.023,2	24,3

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.





6. CRÉDITO RURAL

Pela extensão territorial e pelas condições do calendário agrícola, a situação das culturas pode se apresentar em diversas condições: colheitas de arroz, feijão, milho e soja; plantios de milho, feijão e soja; desenvolvimento vegetativo de algodão, feijão, milho e soja e início do plantio das culturas de inverno.

Nesse contexto as informações do crédito rural podem contribuir para a compreensão e acompanhamento das principais culturas avaliadas pela Companhia. Deve-se levar em conta que as análises são realizadas tomando por base o crédito liberado pelas instituições financeiras, mas tem-se a consciência que outras fontes são utilizadas pelos produtores rurais. A análise apresentada terá como foco em janeiro e março dos anos de 2013 a 2017.

As informações de custeio foram obtidas do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 28 de abril de 2017, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o financiamento sem vínculo a programa específico.

6.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES CONSTANTES DO SICOR E DO BACEN

O Gráfico 22 demonstra que a utilização do crédito de custeio no período tem o melhor desempenho desde 2013, com aumento de aproximadamente 14%.

No financiamento sem vínculo a programa específico o crescimento é observado no custeio de algodão, arroz, feijão, milho, soja, aveia, canola e cevada. No Pronamp, o aumento é observado no financiamento de algodão, feijão e milho. No Pronaf, destaca-se o cresci-

mento na do plantio de utilização feijão, milho, aveia, canola e cevada.

O financiamento do trigo é inferior à safra passada em todas as fontes de financiamento, o que tem relação com a previsão de redução de área para esta safra.

A situação relatada acima explica a participação percentual dos programas observados no Gráfico 23.

Gráfico 22 – Financiamento – Todos os Programas – Janeiro a março de 2013 a 2017

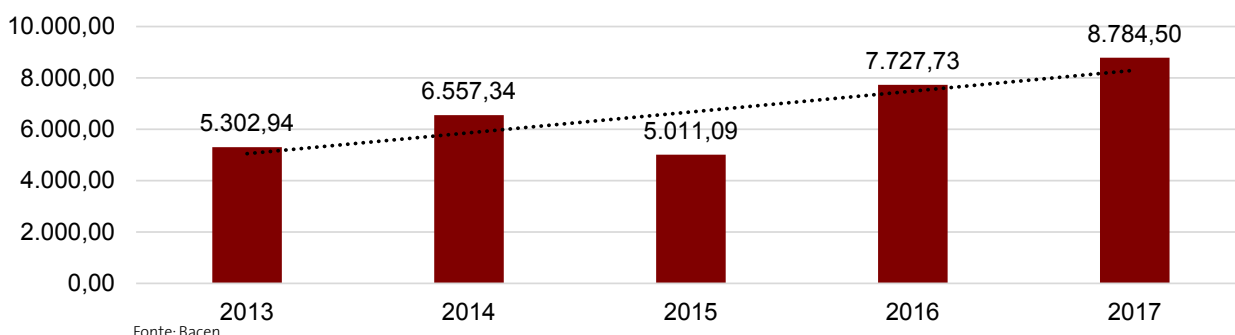
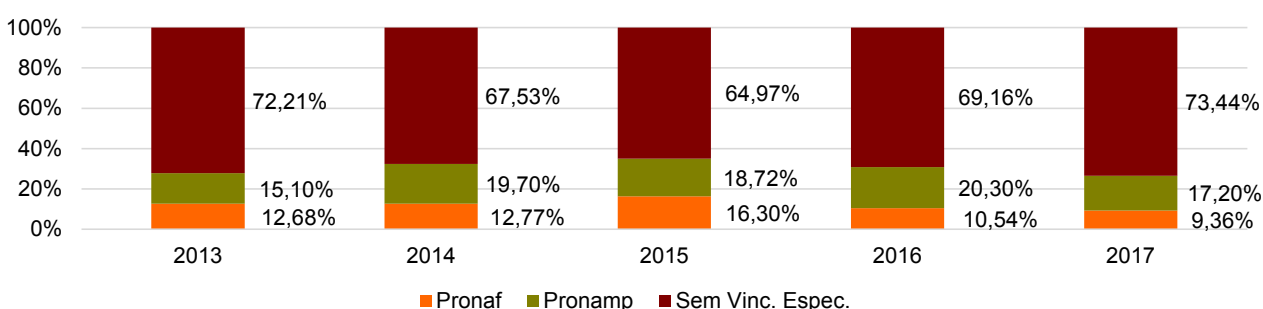


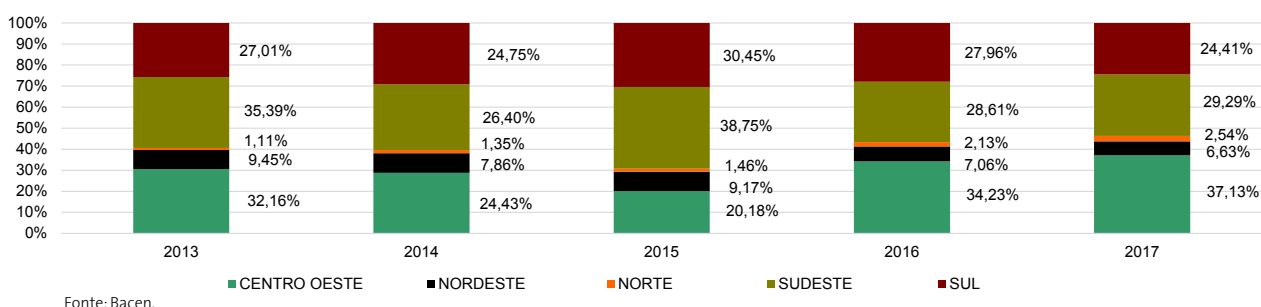
Gráfico 23- Tipo de financiamento – Participação programas– Janeiro a março de 2013 a 2017



O Gráfico 24 demonstra a participação na utilização do crédito por região geográfica, o que é compatível com o processo produtivo. Cabe registrar que o comportamento do crédito no período analisado tem a

tendência de crescimento nas principais regiões produtoras, exceto no Sul onde o crédito é semelhante ao utilizado na safra 2015/16.

Gráfico 24 - Participação por região – Janeiro a março de 2013 a 2017



As análises seguintes serão particularizadas para os produtos arroz, feijão, milho e soja, tendo como fonte

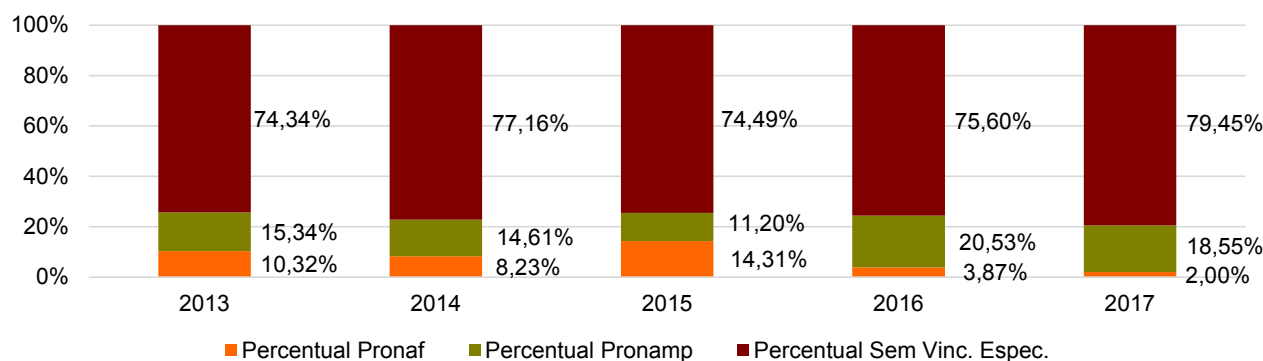
as informações do crédito rural obtidas do Sicor/Bacen, nos anos de 2013 a 2017.

6.2. A CULTURA DO ARROZ

Pode-se observar, nas informações da safra divulgada pela Conab, que a área do arroz de sequeiro tem sofrido redução significativa em relação à safra anterior (16,8%), seja pela baixa utilização do plantio de arroz para abertura de área de produção, seja pela migra-

ção para outras culturas mais rentáveis. Essa situação pode explicar o comportamento na utilização do crédito pelo Pronaf e do Pronamp (Gráfico 25). Por outro lado, o momento é de colheita na principal região produtora.

Gráfico 25 – Arroz - Tipo de financiamento –Participação por programa - Janeiro a março de 2013 a 2017

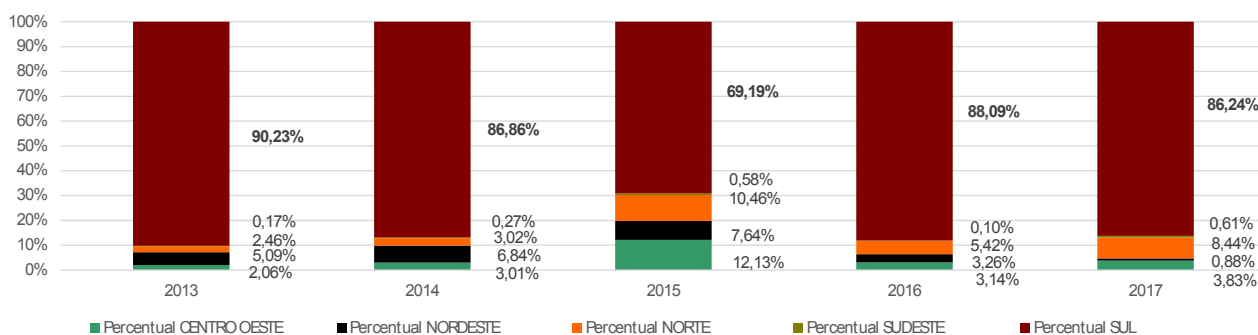


Fonte: Bacen.

As Regiões Sul (86,24%) e Norte (8,44%) concentram os recursos do crédito. Tal situação espelha a importância dessas regiões na produção de arroz no Brasil (Gráfico 26). Cabe comentar que mesmo representando percentual pequeno em relação às regiões citadas,

observa-se que houve aumento de 32%, comparado-se com a safra 2015/16, na Região Centro-Oeste, que se explica pelo aumento de área em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Gráfico 26 – Arroz - Participação por região - Janeiro a março de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

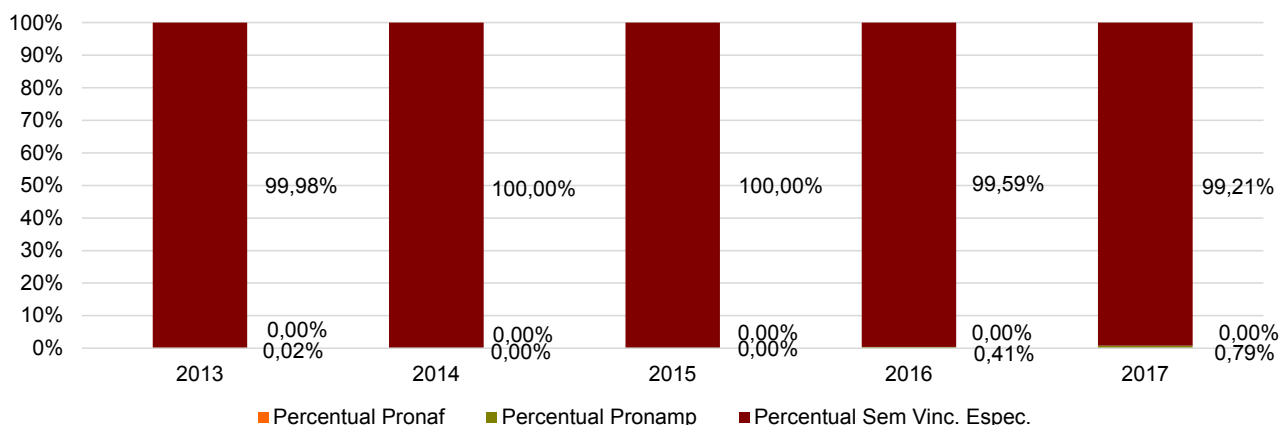
6.3. A CULTURA DO ALGODÃO

A concentração do crédito no financiamento sem vínculo específico (Gráfico 27) se explica pela característica do sistema de plantio que exige altos investimentos. Em relação a 2016, houve aumento de 29%

do crédito utilizado principalmente pelo aumento de área em Mato Grosso (maior estado produtor) e no Maranhão.



Gráfico 27 - Algodão – Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a março de 2013 a 2017

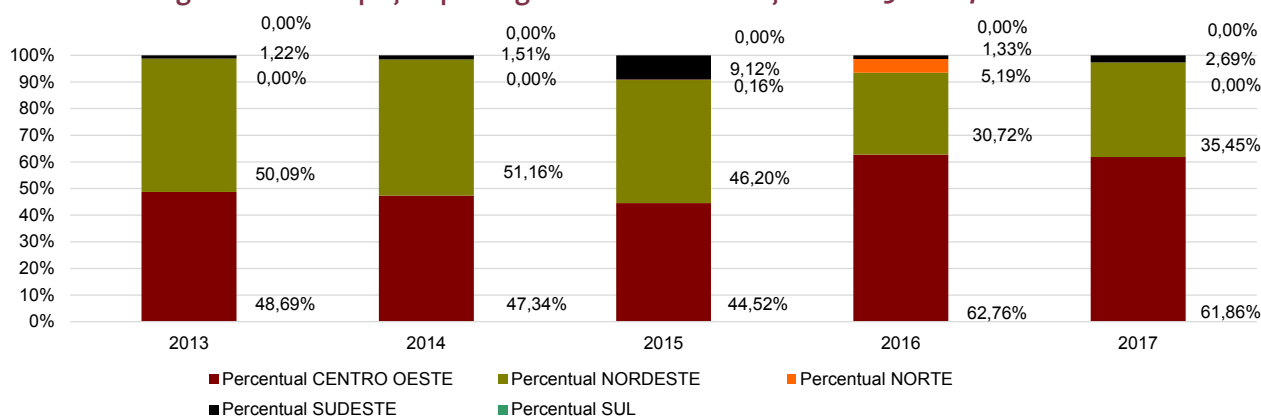


Fonte: Bacen.

As Regiões Centro-Oeste e Nordeste são as principais regiões produtoras, o que explica as informações do

Gráfico 28. Os de preços do algodão incentiva os investimentos na cultura.

Gráfico 28 - Algodão - Participação por região – Janeiro a março de 2013 a 2017



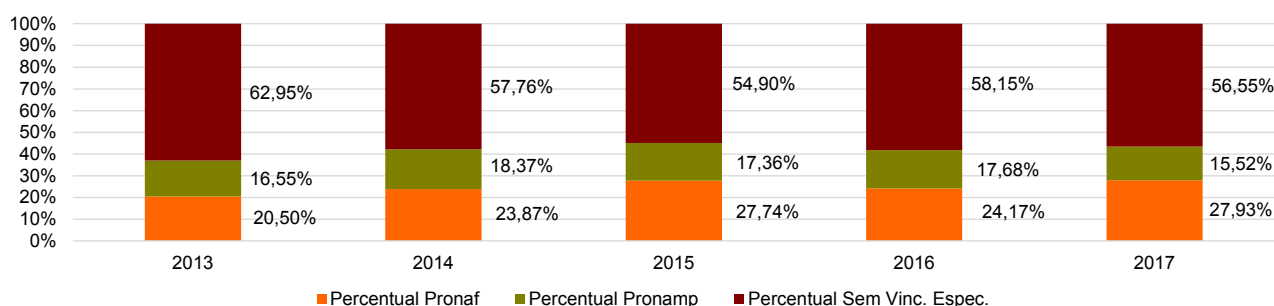
Fonte: Bacen.

6.3. A CULTURA DO FEIJÃO

Pelo que consta no Gráfico 29, percebe-se aumento na participação do Pronaf, retomando o mesmo nível de 2015. No momento há colheita e plantio de feijão dependendo da região. A expectativa é de aumento

de área para o plantio do feijão, o que explica o crescimento de 49% na utilização do crédito se comparado com a safra passada.

Gráfico 29- Feijão – Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a março de 2013 a 2017



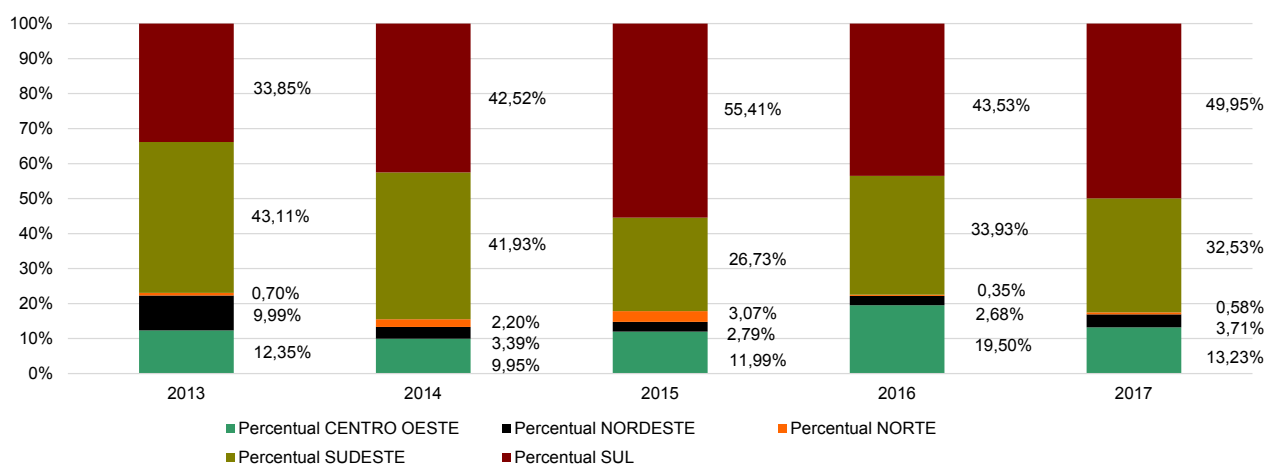
Fonte: Bacen.



As informações constantes no Gráfico 9 são compatíveis com as principais regiões produtoras, especialmente em razão do aumento de área na segunda sa-

fra de feijão, que, pelas informações da Conab (sétimo levantamento), indicam aumento expressivo na produção no Paraná e Mato Grosso.

Gráfico 30 – Feijão - Participação por região - Janeiro a março de 2013 a 2017



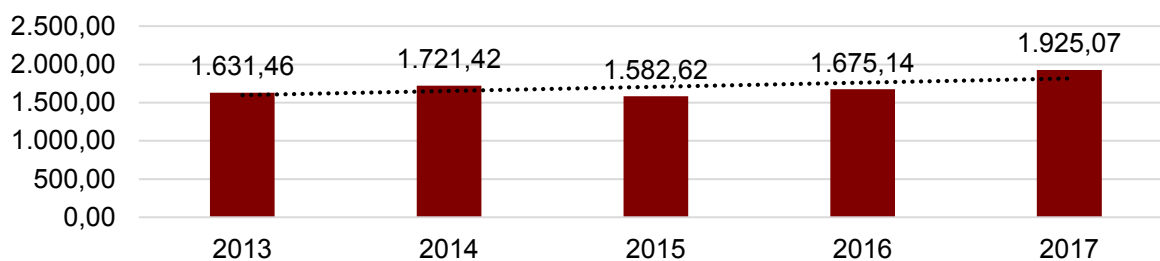
Fonte: Bacen.

6.4. A CULTURA DO MILHO

Observa-se que a utilização do crédito de milho teve aumento em todos os tipos de financiamento: no Pronaf (10%), Pronamp (4,5%) e no financiamento sem vínculo específico (21%). O montante utilizado em

2017 é o maior da série constante do Gráfico 31. Esse movimento se explica pela perspectiva de aumento da produção na primeira e segunda safra de milho.

Gráfico 31 - Milho – Financiamento todos programas - Janeiro a março de 2013 a 2017



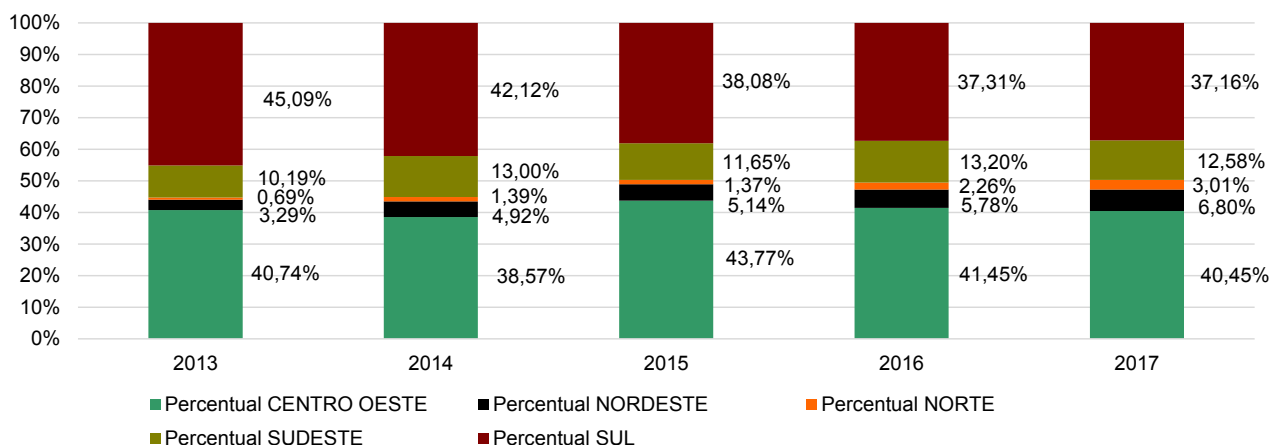
Fonte: Bacen.

A previsão de produção é de crescimento de 37% em relação à safra 2015/16. As maiores regiões produtoras são, pela ordem, o Centro-Oeste, o Sul e o Sudeste, o que é compatível com as informações constantes

do Gráfico 32. Na Região Nordeste (Bahia, Maranhão e Piauí) e no Norte (Pará, Rondônia e Tocantins) têm perspectivas de aumento de produção em relação à safra passada.



Gráfico 32 – Milho - Participação por região - Janeiro a março de 2013 a 2017



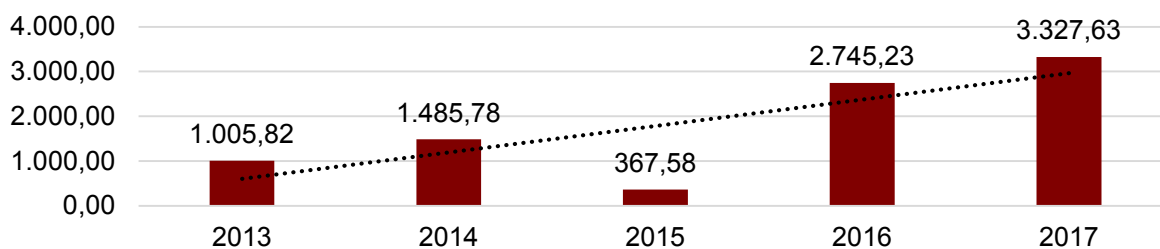
Fonte: Bacen.

6.5. A CULTURA DA SOJA

O crescimento do financiamento para o plantio da soja tem relação direta com a previsão de aumento

da produção que pode atingir mais de 110 milhões de toneladas (Gráfico 33).

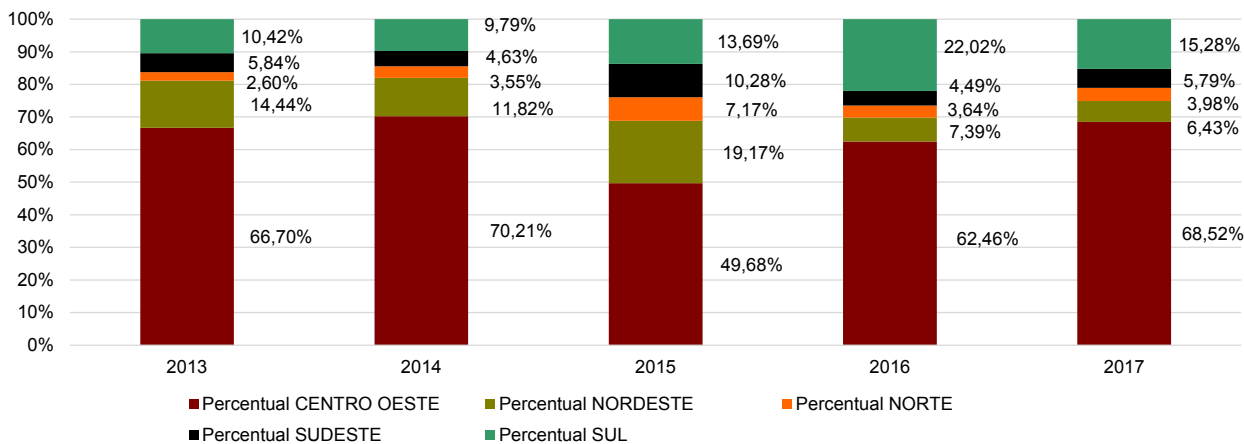
Gráfico 33 – Soja - Financiamento todos programas – Janeiro a março de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

As informações do Gráfico 34 espelham as regiões produtoras.

Gráfico 34 – Soja – Participação por região - Janeiro a março de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

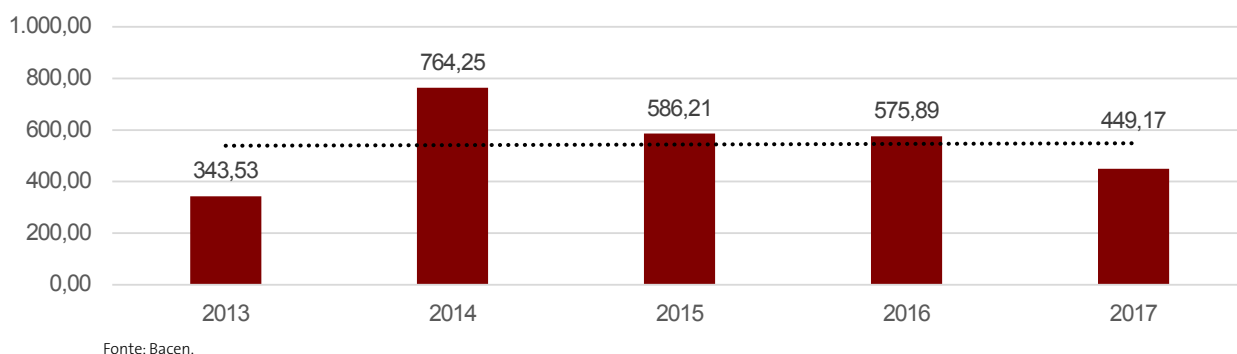


6.6. A CULTURA DO TRIGO

A estimativa de safra da Conab (sétimo levantamento) indica redução de 3% na área de plantio de trigo. O montante de crédito utilizado para o custeio em 2017

(Gráfico 35) demonstra a tendência de menor produção. No entanto, o produtor ainda está no processo de tomada de decisão de investimentos.

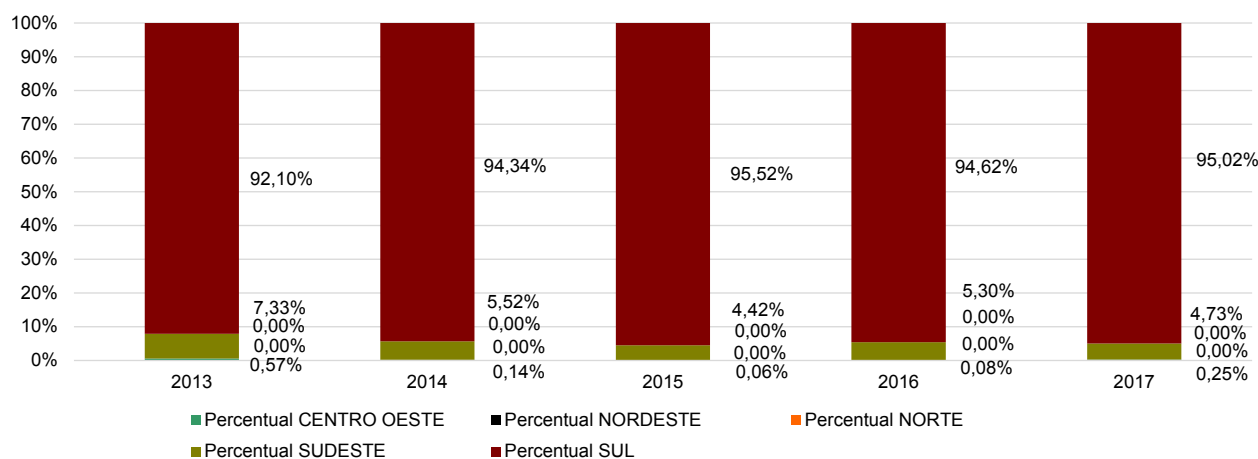
Gráfico 35 – Soja - Financiamento todos programas – Janeiro a março de 2013 a 2017



As informações constantes no Gráfico 36 espelham a concentração do plantio na Região Sul. A análise do

crédito nos indica aumento no financiamento de trigo na Região Centro-Oeste.

Gráfico 36 – Soja – Participação por região - Janeiro a março de 2013 a 2017



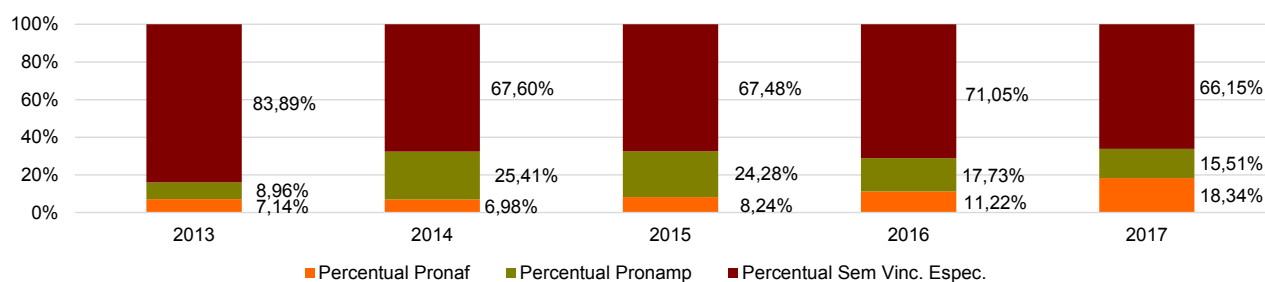
6.7. AS CULTURAS DE AVEIA, CANOLA E CEVADA

Na safra passada a produção dessas culturas fizeram parte da opção do produtor no plantio de inverno. No Gráfico 37, observa-se o uso do Pronaf com maior in-

tensidade nesta safra. Considerando o início do calendário de plantio é necessário aguardar novas informações para indicar a tendência nesta safra.



Gráfico 37 – Aveia, canola e cevada - Tipo de financiamento – Participação por programa Janeiro a março de 2013 a 2017

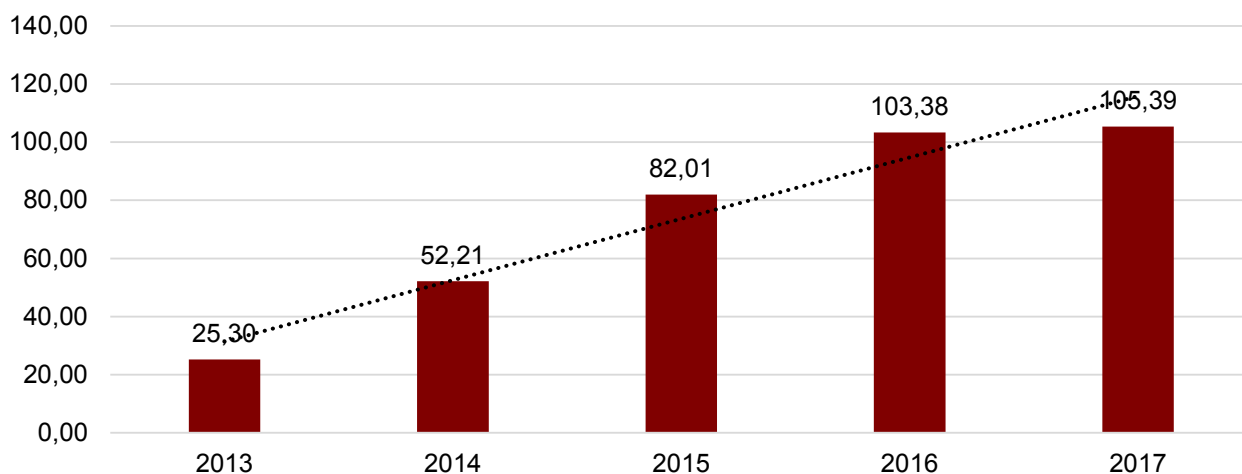


Fonte: Bacen.

A Região Sul concentra 99% dos créditos utilizados para o custeio dos produtos de inverno tratados neste espaço. O Gráfico 38 nos oferece informações de ten-

dência, com características de evolução desde 2013, visto que neste ano o crédito já é maior que nas safras anteriores.

Gráfico 38 – Aveia, canola e cevada - Financiamento todos programas – Janeiro a março de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.





7. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹ - INMET

7.1.CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

7.1.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE ABRIL DE 2017

De forma geral, as condições climáticas no Brasil durante abril, no que se refere à quantidade acumulada de precipitação, foram favoráveis à atividade agrícola nas principais regiões produtoras do país. Na Região Nordeste, onde houve um maior contraste na distribuição espacial das chuvas, os acumulados ficaram entre 30 e 300 mm, porém dentro da normalidade climatológica do período na maioria das localidades. Os maiores deficits de chuva se concentraram no semiárido da Bahia, Pernambuco e Piauí, enquanto a faixa norte do Nordeste apresentou condição oposta, ou seja, excesso hídrico por precipitação. A faixa leste da região – área que se estende do recôncavo baiano até o Rio Grande do Norte, com aproximadamente 100 Km de largura do litoral em direção ao interior do continente – teve seu início de período chuvoso, conhecido como quadra chuvosa, dentro da faixa normal para o período. Na região cacaueira, sul da Bahia, o acumulado de precipitação em abril ficou acima da média (Figura 1).

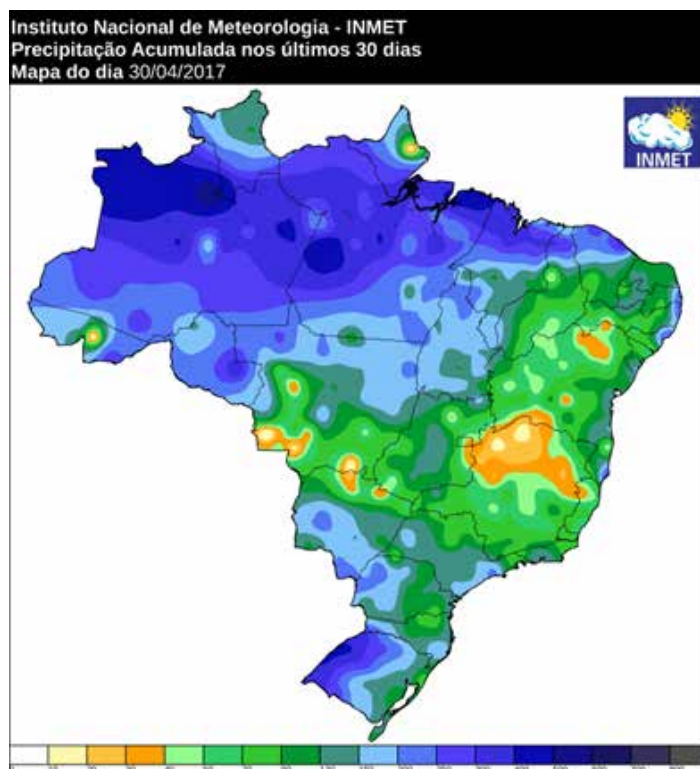
Semelhantemente, em grande parte das Regiões Sudeste e Centro-Oeste, também ocorreram chuvas dentro da faixa normal do período, com volumes entre 90 e 200 mm, favorecendo as lavouras nas locali-

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

dades com plantio de segunda safra. Porém, no nordeste de Goiás, no centro-norte de Minas Gerais e no Distrito Federal, os volumes observados nas estações meteorológicas do Inmet foram bem inferiores, e se concentraram na faixa entre 20 e 50 mm.

Em Tocantins e sul do Maranhão, o volume total de chuvas no mês ficou na faixa entre 120 e 250 mm, atingindo ou ultrapassando a média climatológica em grande parte das áreas com o cultivo de segunda safra nesses estados (Figura 1).

Figura 1 - Acumulado de 30 dias de precipitação pluviométrica em abril de 2017 no Brasil



Fonte: Inmet..

7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS EM ABRIL DE 2017

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da segunda quinzena de abril (Figura 2) mostra a dissipação total das águas mais frias no Pacífico Equatorial e uma expansão das águas mais quentes, se comparado com todo o mês anterior, com predomínio maior de anomalias positivas entre 0,1 e 1° C (área marcada com uma elipse no mapa), caracterizando, ainda, uma condição de normalidade, mas com uma discreta tendência em direção a uma fase positiva (*El Niño*). Contudo, a forte anomalia positiva observada em março próxima à costa do Equador e do Peru, e que causou excesso de chuvas nos países andinos mais ao norte, foi bastante atenuada em abril.

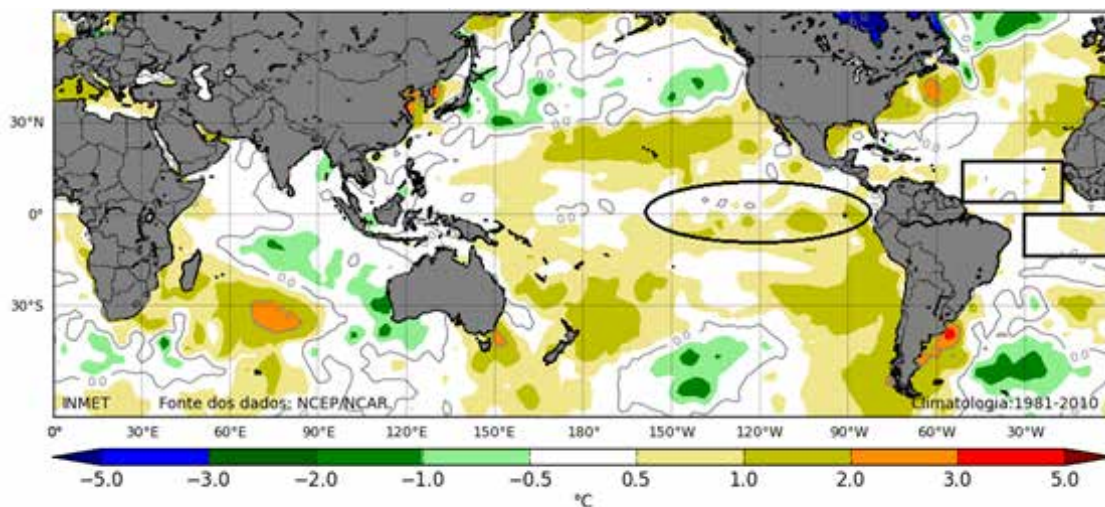
Quanto ao Oceano Atlântico Tropical, a sua condição térmica na superfície é extremamente importante para o posicionamento do principal sistema de grande escala que causa chuvas no centro-norte do Nordeste, a Zona de Convergência Intertropical (ZCIT), até meados de maio. Quanto mais o Atlântico Tropical

Norte se resfria ao mesmo tempo em que o Atlântico Tropical Sul se aquece, mais a ZCIT se aproxima da Região Nordeste, gerando instabilidade na atmosfera e, consequentemente, mais chuva. Essa fase do gradiente térmico do Atlântico Tropical é chamada de Dipolo Negativo do Atlântico Tropical.

O mapa de anomalia de TSM da segunda quinzena de abril (Figura 2) também mostra que os dois lados do Atlântico Tropical apresentaram anomalias positivas. Porém, o Atlântico Tropical como um todo está mais aquecido, contribuindo para um deslocamento da ZCIT mais para o norte, se afastando do nordeste do Brasil. As previsões do *Tokyo Climate Center* (TCC) - indicam que há uma leve tendência de intensificação de um Dipolo positivo em maio, que, de maneira geral, pode desfavorecer as chuvas no norte da Região Nordeste no final do seu período chuvoso, dependendo da intensidade desse dipolo.



Figura 2 - Mapa de anomalias da TSM no período 1º a 15 de abril/2017 destacando as áreas de El Niño/La Niña (elipse) e Dipolo do Atlântico (retângulos)

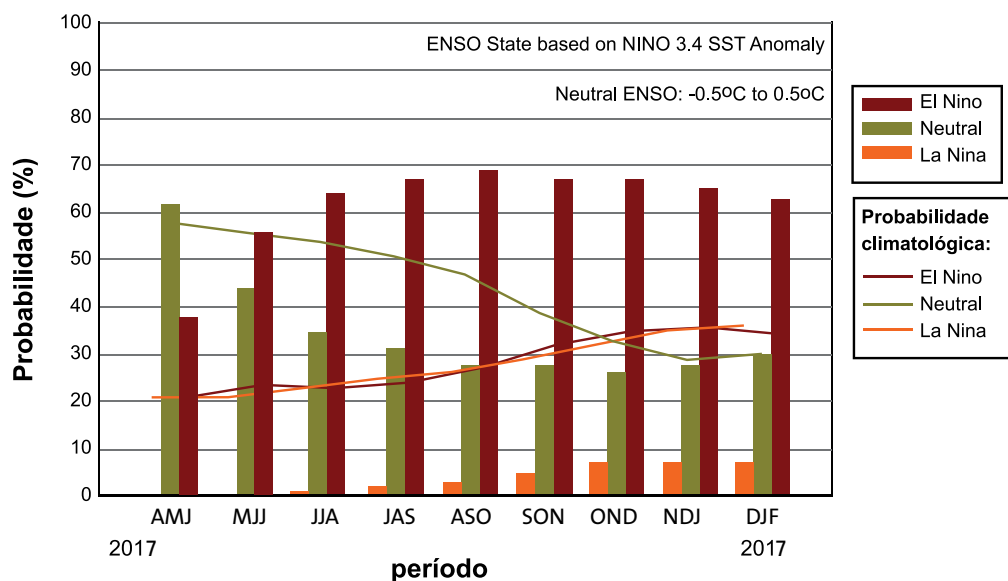


Fonte: Inmet.

Os modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) indicam alta probabilidade de que o Oceano Pacífico Tropical se mantenha em uma fase de neutralidade no primeiro semestre de 2017 (Gráfico 39). Contudo, o mesmo mo-

delo de previsão indica alta probabilidade de formação de um novo episódio de El Niño, provavelmente de baixa intensidade, a partir do segundo semestre de 2017.

Gráfico 39 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI.



7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO DE CHUVA PARA O BRASIL – PERÍODO MAIO-JUNHO-JULHO/2017

Diversos modelos de previsão climática, como o do Inmet indicam probabilidades significativas de chuvas dentro da faixa normal ou acima na maior parte da Região Sul do Brasil. Pode-se derivar dessa previsão que, em face da alta probabilidade de precipitações acima da média, sendo as precipitações desta região resultantes essencialmente da chegada de sistemas frontais, há significativa probabilidade de ocorrência de chegada de massas de ar frio com maior frequência, potencializando o risco de ondas de frio e ocorrência de geadas, principalmente com a aproximação do inverno.

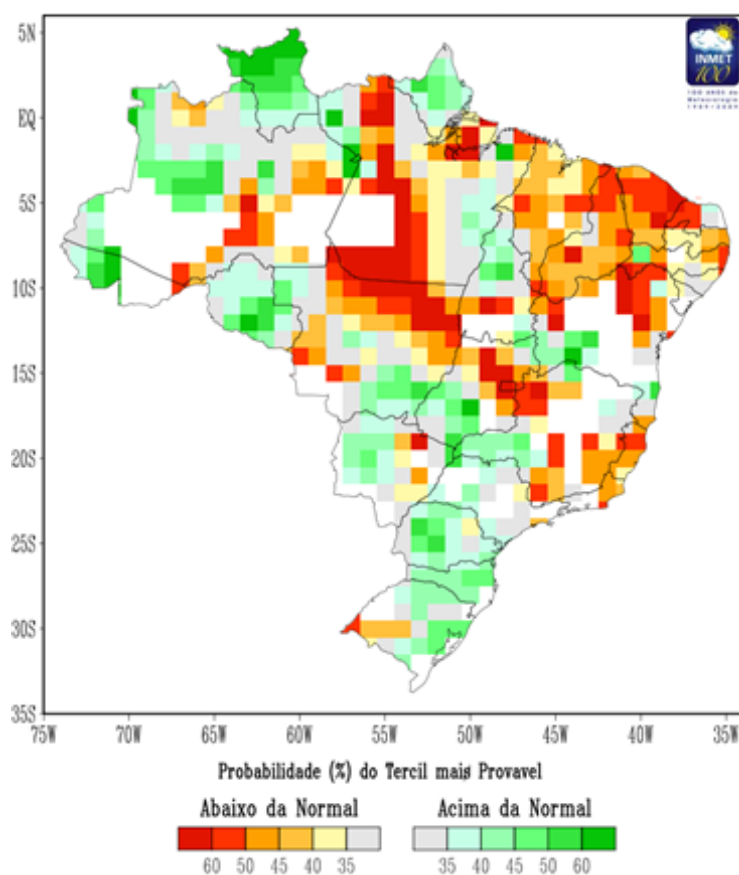
Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, os prognósticos climáticos indicam que devem prevalecer áreas com chuvas dentro da faixa normal ou abaixo. Salientado que, estas regiões estão entrando no período climático seco a partir de maio ou junho, dependendo da localidade, e se estendendo até setembro.

Na Região do Matopiba a previsão climática indica que pode haver considerável variação na distribuição espacial das chuvas, contudo, pode-se inferir que, de maneira geral, há maior probabilidade de chuvas abaixo da faixa normal do trimestre na maior parte da região, havendo uma probabilidade, porém menor, de chuvas acima da média em algumas localidades no norte do Tocantins (Figura 3).

No Nordeste, as previsões climáticas indicam uma predominância de áreas com chuvas abaixo da média, principalmente no semiárido. Na área que engloba Alagoas, Sergipe e uma pequena área da Bahia próxima ao estado sergipano, o modelo do Inmet indica a probabilidade de chuvas mais próximas à média do período.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (www.inmet.gov.br)

Figura 3 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre maio-junho-julho/2017



Fonte: Inmet.

1º mozar de Araújo Salvador - meteorologista do Inmet - Brasília.





8. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE VERÃO (PRIMEIRA E SEGUNDA SAFRAS – 2016/17) E DE INVERNO (SAFRA 2017) - ABRIL/2017

O monitoramento agrícola tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite.

Dentre os parâmetros observados, destacam-se os agrometeorológicos: precipitação acumulada, desvios da precipitação com relação às médias históricas (anomalia), o déficit e/ou o excesso hídrico e a umidade disponível no solo; e/ou os espectrais: índice de vegetação calculado a partir de imagens de satélite, que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento. Os resultados desse monitoramento são apresentados em tabelas no capítulo referente à análise das culturas, e a classificação por mesorregião é feita da seguinte forma:

- Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas ou geadas e baixas temperaturas;
- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas ou geadas e baixas temperaturas;
- Alta restrição: quando houver problemas crônicos

ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações ou geadas e baixas temperaturas, que podem causar impactos significativos na produção.

O monitoramento foi realizado nas principais mesor-regiões produtoras de grãos que estavam em produção no último mês.

8.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO - ABRIL/2017

Os principais parâmetros agrometeorológico utilizados no monitoramento foram a precipitação total acumulada; a anomalia da precipitação; a precipitação decenal; o déficit e/ou o excesso hídrico acumulado no mês; a média diária do armazenamento hídrico no solo; e o armazenamento hídrico diário a cada 10 dias.

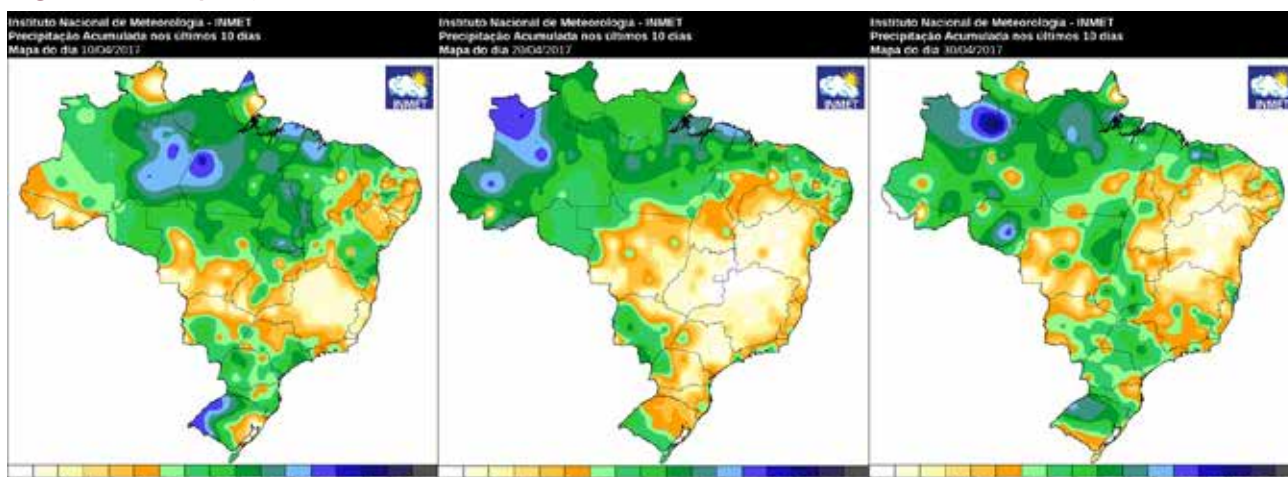
Na maioria das regiões produtoras do país, com exceção de parte do Semiárido, as chuvas foram suficientes para a manutenção da umidade do solo e o desenvolvimento das lavouras. Nos mapas decenais da precipitação acumulada observa-se, no entanto, que nas regiões produtoras do leste de Goiás, do leste do Mato Grosso do Sul, do noroeste e do Triângulo em Minas Gerais e do oeste da Bahia os índices pluviométricos foram menores e as chuvas ocorreram de forma mal distribuída. Figura 4). Isso acarretou em um déficit hídrico significativo em parte dessas regiões (Figura 5).

Já a média diária de armazenamento hídrico no solo indica menores índices no noroeste de Minas Gerais (Figura 6). Assim como, os dados do armazenamento a cada 10 dias, que mostram uma expansão das áreas com menores índices se estendendo pelo oeste da

Bahia e pelo leste de Goiás (Figura 7). Essa condição de restrição pode ter prejudicado lavouras de milho segunda safra em floração/frutificação no noroeste de Minas e no leste de Goiás, e lavouras de algodão que ainda se encontravam em frutificação no oeste da Bahia. Entretanto, até o período do levantamento de safra em campo, não foram verificados danos significativos por falta de chuvas nessas regiões, onde as condições para o desenvolvimento das lavouras de segunda safra estão bem mais favoráveis do que no ano anterior.

Quando se comparam os mapas de precipitação acumulada e de anomalia da precipitação de abril de 2017 com o do mesmo período do ano passado (Figuras 8 e 9), observa-se que neste ano as chuvas foram mais intensas. Mesmo nas regiões onde elas ocorreram abaixo da média em 2017, as anomalias foram menores do que em 2016. Além disso, a precipitação acumulada em março/abril deste ano favoreceu a manutenção do armazenamento hídrico no solo em boa parte das regiões produtoras. Pelo mapa da média diária de armazenamento hídrico no solo em abril de 2016 (Figura 10), observa-se que no ano passado os índices de umidade eram menores e abrangiam uma área mais extensa.

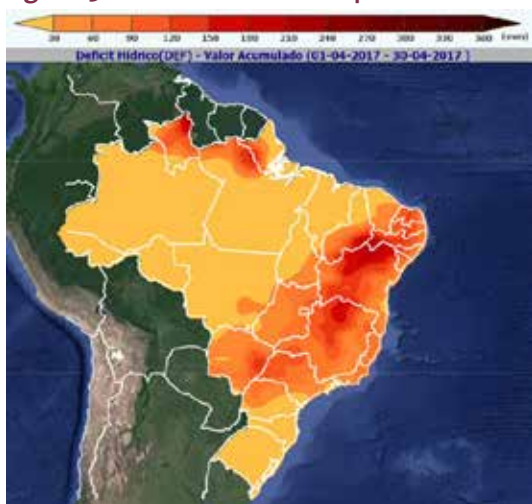
Figura 4 - Precipitação acumulada de 1º a 10, de 11 a 20 e de 21 a 30 de abril/2017



Fonte: Inmet/Sisdagro.

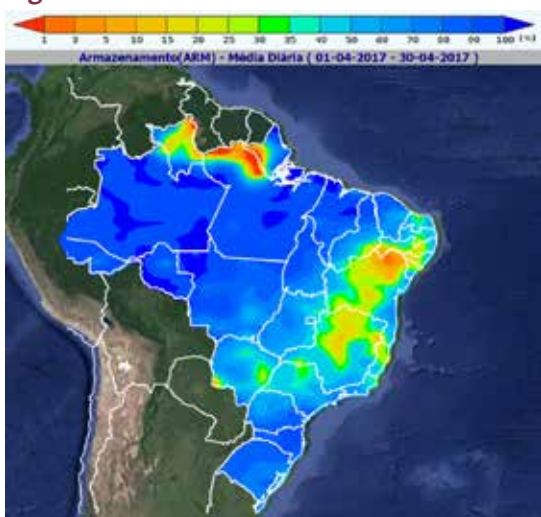


Figura 5 – Deficit hídrico no período de 1º a 30 de abril/2017



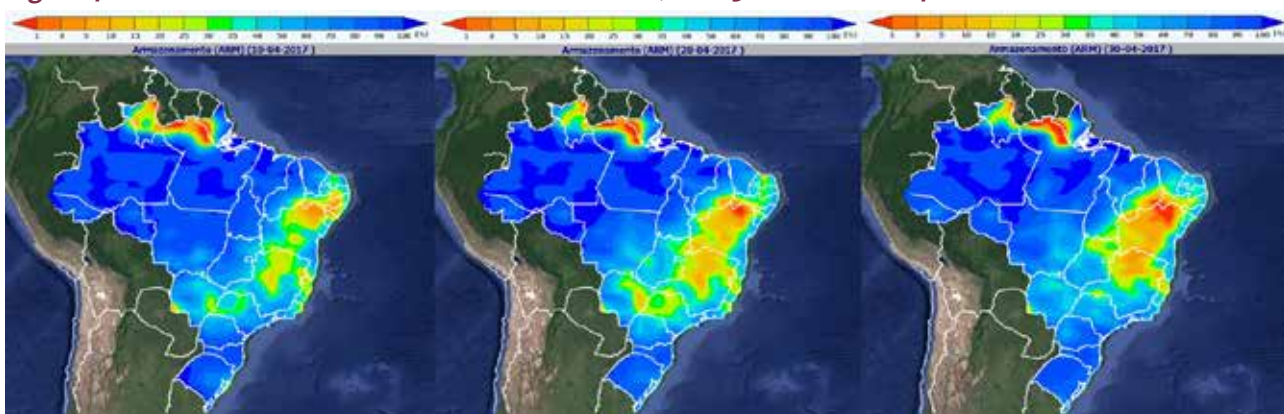
Fonte: Inmet/Sisdagro..

Figura 6 – Média diária do armazenamento hídrico em abril/2017



Fonte: Inmet/Sisdagro.

Figura 7 - Armazenamento hídrico diário dos dias 10, 20 e 30 de abril/2017



Fonte: Inmet/Sisdagro.



Figura 8 – Precipitação total acumulada e anomalia da precipitação em abril/2017

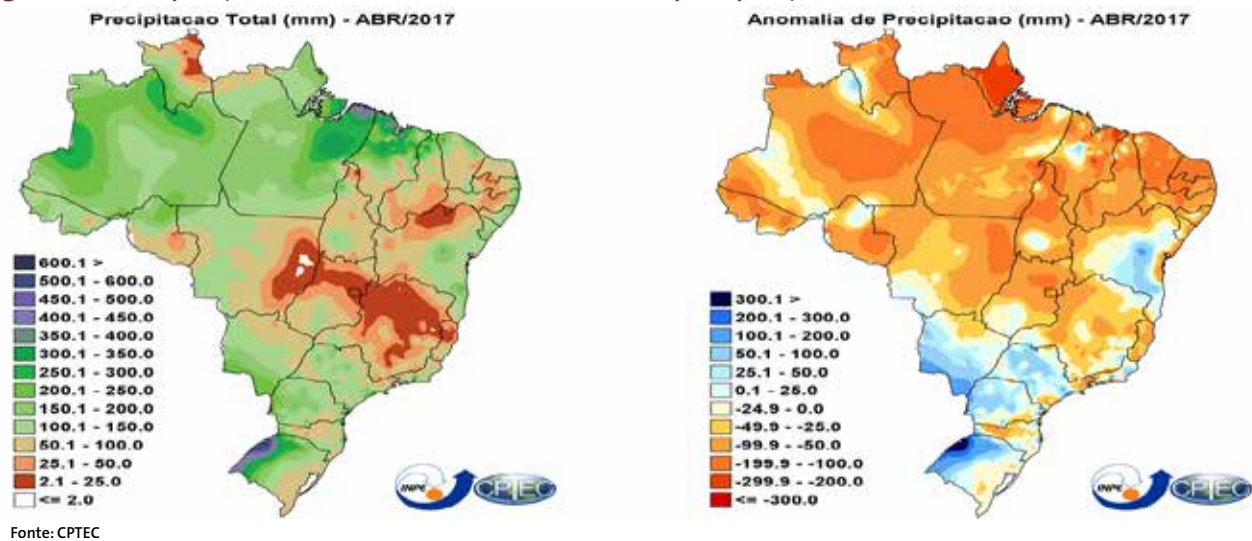


Figura 9 – Precipitação total acumulada e anomalia da precipitação em abril/2016

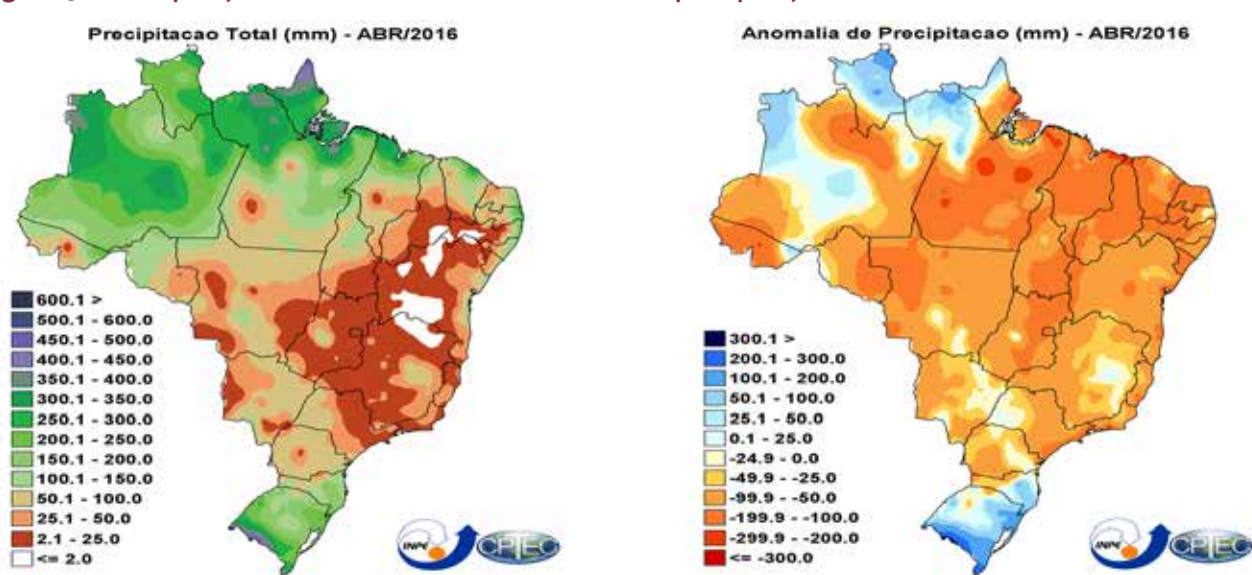
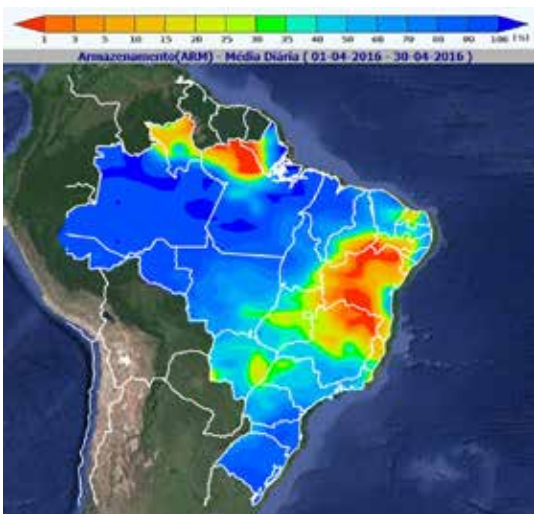


Figura 10 – Média diária do armazenamento hídrico em abril/2016



Fonte: Inmet/Sisdagro.





9. ANÁLISE DAS CULTURAS

9.1 CULTURAS DE VERÃO

9.1.1. ALGODÃO

Oitavo levantamento da safra brasileira de algodão apontou para uma área plantada de 939,7 mil hectares, 1,6% menor que o ocorrido no exercício passado. A atual estimativa de área, apesar do aumento verificado a cada levantamento, foi influenciada pelo quadro de oferta e demanda interno mais ajustado, descolando da conjuntura externa, que vinha pressionando os preços da pluma por ocasião do plantio, comparando-se com os elevados custos de produção da lavoura. A despeito desses números, o bom desenvolvimento do clima nos principais estados produtores deverá possibilitar um incremento na produção, estimado em 15,5% em relação à safra passada, atingindo 3.724,8 mil toneladas de algodão em caroço.

A Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, experimentou neste levantamento forte alteração na expectativa de plantio, uma vez que até a quinta apuração apontava-se para redução na área comparada com o exercício anterior. Nos dois últimos levantamentos ocorreram uma reversão dessa tendência, com um crescimento de 3,3% em relação à safra 2015/16, tendo como suporte o Mato Grosso, principal produtor nacional e responsável por essa alteração estatística.

Em Mato Grosso, de uma forma geral, os preços praticados no mercado interno contribuíram para o in-

cremento da área total dedicada à cotonicultura na safra 2016/17, saltando dos 600,8 mil hectares na safra anterior, para 628 mil hectares no ciclo atual. As melhores condições climáticas também têm favorecido a produtividade média do algodoeiro de primeira e segunda safras.

As lavouras de algodão de primeira safra estão predominantemente localizadas na região sudeste do estado. A segunda quinzena de abril foi marcada por clima seco, com pouca incidência de chuvas. Ainda assim, o algodão apresenta bom desenvolvimento, com boa parte das lavouras no estágio de floração. Os dias ensolarados estão ajudando nas ações preventivas para o controle de pragas e doenças. A área destinada ao algodão primeira safra foi estimada em 88,2 mil hectares, recuo de 23,1% em relação aos 114,7 mil hectares da safra anterior. O principal motivo da redução é a preferência do produtor pelo cultivo da soja, realizando o plantio do algodão na segunda safra após a colheita da oleaginosa. Em relação à produtividade, estima-se um rendimento médio de 3.797 kg/ha, ante aos 3.578 kg/ha da safra anterior. Esse ganho de 6,1% deve-se principalmente às condições climáticas satisfatórias registradas para essa safra em todo o estado de Mato Grosso. O cultivo do algodão de segunda safra, cuja semeadura foi de 539,9 mil hectares no ciclo 2016/17, registrou incremento de 11,1% em relação aos 486,100 mil hectares cultivados na safra passada. A opção por esse cultivo acontece de forma disseminada em todas as regiões do estado, com predominância na região oeste, cujo clima foi chuvoso no decorrer de abril, mas nada que atrapalhasse os tratamentos culturais do algodoeiro. Em termos de produtividade média das lavouras de segunda safra de algodão, a expectativa de rendimento é positiva, com 3.912 kg/ha, número 7% superior aos 3.655 kg/ha registrados na última temporada.

Em Goiás, a expectativa dos produtores é que a atual safra de algodão será de recuperação dos níveis de produtividades. Acredita-se que o desempenho das lavouras dará suporte para que se retorne aos patamares históricos devido às melhores condições climáticas, mesmo considerando a forte redução na área plantada. Não foram relatados maiores problemas com relação a financiamento e à aquisição de insumos para o plantio. Atualmente as lavouras de algodão, situadas na região leste do estado, encontram-se em plena fase de frutificação, apresentando o início da fase de abertura dos capulhos. As plantas encontram-se vigorosas e não foram relatados maiores problemas com relação a ataques de pragas e doenças na cultura. Já na região sudoeste do estado as plantas encontram-se vigorosas e não foram relatados problemas com relação a ataques de pragas e doenças. A cultura encontra-se nas fases de floração

e frutificação e as populações do bicudo estão baixas. O controle está sendo feito conforme as recomendações técnicas.

Em Mato Grosso do Sul as lavouras situadas na região nordeste apresentam-se em bom estado de desenvolvimento e potencial produtivo. Com aproximadamente 130 dias após a emergência, as doenças nesta fase que mais se destacam são o mofo branco e o apodrecimento das maçãs, que acontecem devido às condições climáticas desfavoráveis e ao fechamento das entrelinhas, ocasionando um ambiente favorável ao aparecimento de patógenos que causam o apodrecimento das maçãs. Na região de Costa Rica foi detectado infestações mais severas de mosca branca e pulgão. Como são insetos sugadores, podem ocasionar danos à qualidade da fibra do algodão. Com relação ao bicudo, na maioria das propriedades foi detectada a presença, mas devido ao monitoramento constante dos produtores, sua infestação tem sido baixa e localizada nas bordas dos talhões. A baixa incidência de chuvas, na primeira quinzena de abril, foi favorável para o algodão safra que ainda apresenta boa umidade no solo. Quanto ao algodão segunda safra, predomina a fase de desenvolvimento vegetativo e as lavouras encontram-se em bom estado de desenvolvimento. Na região central e sul do estado o algodão da primeira safra já está todo colhido e a produtividade média foi calculada em 4.300 Kg/ha.

Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão apresentou redução importante em relação à safra passada em virtude da disposição dos produtores em não investirem na lavoura neste exercício (19,3%). Em Minas Gerais, principal produtor regional, o plantio está estimado atingir 16,5 mil hectares, sinalizando redução de 15,8% em relação à safra anterior. Em face da normalização no clima, projeta-se uma produtividade média de 3.750 kg/ha, superior em 9,6% à obtida na safra passada.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, o levantamento indicou forte redução da área (11,9%), comparado à safra anterior. Na Bahia, maior produtor regional e segundo nacional, a lavoura ocupa a área de 202 mil hectares e a colheita avança em algumas regiões. Estima-se que no vale do São Francisco a colheita já tenha atingido 65% da cultura de sequeiro. Enquanto que as áreas irrigadas estão em estágios anteriores à colheita. Espera-se rendimento de 3.940 kg/ha de algodão em caroço, com o fracionamento médio de 40% de pluma e 60% de caroço. A colheita deve ser iniciada em junho. Os campos de algodão estão distribuídos no centro-sul, vale do São Francisco e extremo-oeste em manejo irrigado e sequeiro, de renovação anual e semi-perene, de plantio direto e convencional. No centro-sul estima-se o cul-



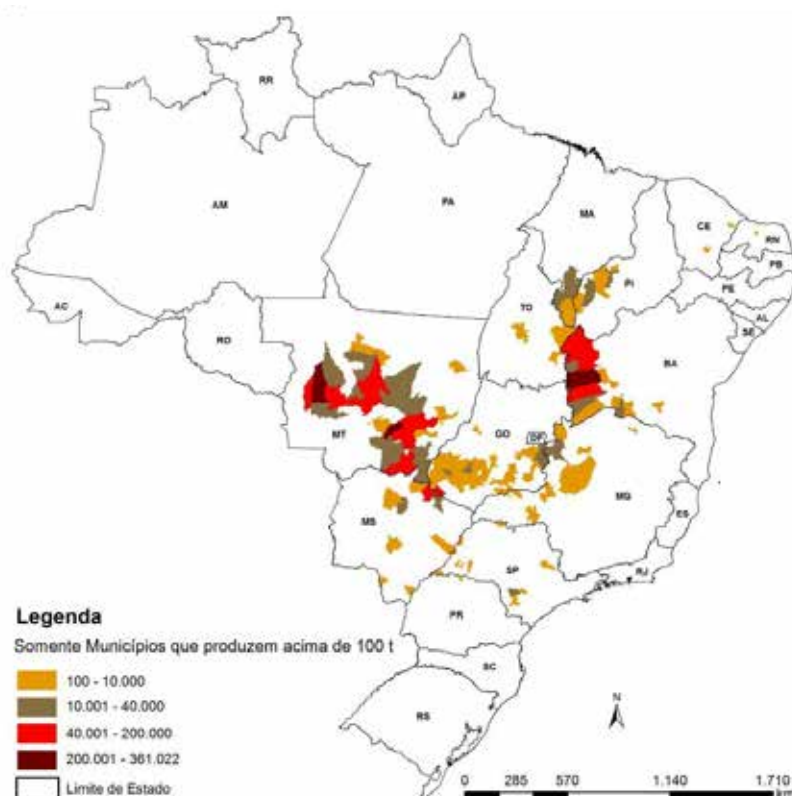
tivo de 11.220 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado, com gotejamento. As lavouras de sequeiro, localizadas na microrregião de Bom Jesus da Lapa, sofreram com a intensidade da estiagem que castiga a região. A produtividade esperada é de 450 kg/ha de algodão em caroço. Nessa região não há vazio sanitário para plantas de algodão em estágio vegetativo (ausência de flores e frutos), havendo cultivos semi-perenes que reduzem o custo de produção e aumentam a produtividade, visto que a principal dificuldade nessa região é o curto período de chuvas.

No vale do São Francisco estima-se o cultivo de 3,5 mil hectares de cultivo irrigado com pivô central. As lavouras foram plantadas após a colheita da soja. A produtividade esperada é de 4.330 kg/ha de algodão em caroço. No extremo-oeste estima-se o cultivo de 190,8 mil hectares, entre áreas de sequeiro e irrigado com

pivô central. As lavouras de sequeiro estão apresentando ótimo desenvolvimento. As chuvas de fevereiro e março proporcionaram às plantas um desenvolvimento há muitos anos não visto pelos produtores. Considerando a média entre os plantios de sequeiro e irrigado estima-se uma produtividade de 4.063 kg/ha de algodão em caroço. No momento as culturas encontram-se em estágios diversos desde vegetativo até a colheita.

No Maranhão a área do algodão está concentrada na região sul, com um plantio correspondente a 22,2 mil hectares, representando incremento de 6,2% em relação ao exercício passado. O plantio foi concluído como programado e a cultura encontra-se na fase de frutificação. O município de Balsas, pela primeira vez, plantará algodão de segunda safra. A área é igual a 3.600 hectares e o plantio já foi finalizado.

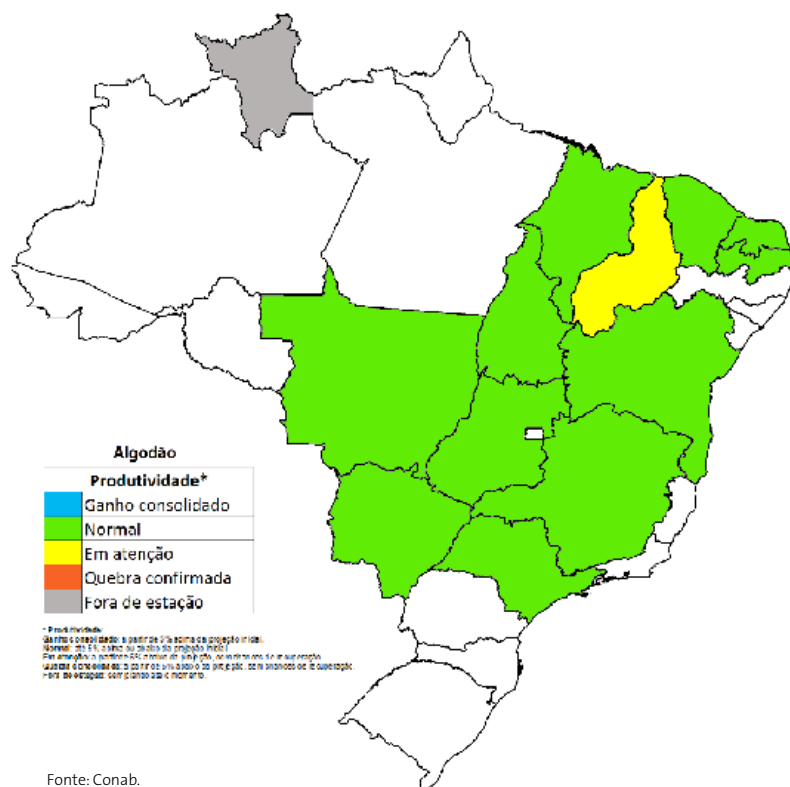
Figura 11 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 12 – Mapa da estimativa de produtividade- Algodão



Fonte: Conab.

Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão primeira safra

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Extremo Oeste Baiano	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Centro Sul Baiano	C		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Noroeste de Minas			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra			PP/P	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra					P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 5- Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	2.787	3.887	39,5	21,7	28,4	30,9
RR	-	2,5	-	-	4.200	-	-	10,5	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	2.787	3.724	33,6	21,7	17,9	(17,5)
NORDESTE	262,3	231,0	(11,9)	2.703	3.912	44,7	709,0	903,6	27,4
MA	20,9	22,2	6,2	3.949	3.915	(0,9)	82,5	86,9	5,3
PI	5,5	5,6	1,8	1.212	3.354	176,7	6,7	18,8	180,6
CE	0,3	0,4	19,5	534	642	20,2	0,2	0,3	50,0
RN	0,3	0,3	-	4.300	4.461	3,7	1,3	1,3	-
PB	0,1	0,5	400,0	414	870	110,1	-	0,4	-
BA	235,2	202,0	(14,1)	2.629	3.940	49,9	618,3	795,9	28,7
CENTRO-OESTE	660,4	682,2	3,3	3.653	3.990	9,2	2.412,7	2.722,0	12,8
MT	600,8	628,0	4,5	3.664	3.973	8,4	2.201,3	2.495,0	13,3
MS	29,9	28,0	(6,4)	4.090	4.300	5,1	122,3	120,4	(1,6)
GO	29,7	26,2	(11,8)	3.000	4.069	35,6	89,1	106,6	19,6
SUDESTE	23,8	19,2	(19,3)	3.400	3.689	8,5	80,9	70,8	(12,5)
MG	19,6	16,5	(15,8)	3.420	3.750	9,6	67,0	61,9	(7,6)
SP	4,2	2,7	(35,7)	3.305	3.314	0,3	13,9	8,9	(36,0)
SUL	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,3	(11,8)	2.706	3.911	44,6	730,7	932,0	27,5
CENTRO-SUL	685,1	701,4	2,4	3.643	3.982	9,3	2.495,6	2.792,8	11,9
BRASIL	955,2	939,7	(1,6)	3.378	3.964	17,4	3.226,3	3.724,8	15,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

Tabela 6 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	1.115	1.555	39,5	8,7	11,4	31,0
RR	-	2,5	-	-	1.680	-	-	4,2	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	1.115	1.490	33,6	8,7	7,2	(17,2)
NORDESTE	262,3	231,0	(11,9)	1.081	1.564	44,7	283,6	361,5	27,5
MA	20,9	22,2	6,2	1.580	1.566	(0,9)	33,0	34,8	5,5
PI	5,5	5,6	1,8	485	1.342	176,7	2,7	7,5	177,8
CE	0,3	0,4	19,5	187	225	20,3	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	1.634	1.695	3,7	0,5	0,5	-
PB	0,1	0,5	400,0	145	305	110,3	-	0,2	-
BA	235,2	202,0	(14,1)	1.052	1.576	49,8	247,3	318,4	28,8
CENTRO-OESTE	660,4	682,2	3,3	1.460	1.594	9,2	963,9	1.087,6	12,8
MT	600,8	628,0	4,5	1.466	1.589	8,4	880,5	998,0	13,3
MS	29,9	28,0	(6,4)	1.616	1.699	5,1	48,3	47,6	(1,4)
GO	29,7	26,2	(11,8)	1.182	1.603	35,6	35,1	42,0	19,7
SUDESTE	23,8	19,2	(19,3)	1.357	1.473	8,6	32,3	28,3	(12,4)
MG	19,6	16,5	(15,8)	1.368	1.500	9,6	26,8	24,8	(7,5)
SP	4,2	2,7	(35,7)	1.305	1.309	0,3	5,5	3,5	(36,4)
SUL	0,9	-	(100,0)	778	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	828	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,3	(11,8)	1.082	1.564	44,6	292,3	372,9	27,6
CENTRO-SUL	685,1	701,4	2,4	1.455	1.591	9,3	996,9	1.115,9	11,9
BRASIL	955,2	939,7	(1,6)	1.350	1.584	17,3	1.289,2	1.488,8	15,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



Tabela 7 - Comparativo de área, produtividade e produção - Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	1.672	2.332	39,5	13,0	17,0	30,8
RR	-	2,5	-	-	2.520	-	-	6,3	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	1.672	2.234	33,6	13,0	10,7	(17,7)
NORDESTE	262,3	231,0	(11,9)	1.622	2.347	44,7	425,4	542,1	27,4
MA	20,9	22,2	6,2	2.369	2.349	(0,8)	49,5	52,1	5,3
PI	5,5	5,6	1,8	727	2.012	176,8	4,0	11,3	182,5
CE	0,3	0,4	19,5	347	417	20,2	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,3	-	2.666	2.766	3,8	0,8	0,8	-
PB	0,1	0,5	400,0	269	566	110,4	-	0,2	-
BA	235,2	202,0	(14,1)	1.577	2.364	49,9	371,0	477,5	28,7
CENTRO-OESTE	660,4	682,2	3,3	2.194	2.396	9,2	1.448,8	1.634,4	12,8
MT	600,8	628,0	4,5	2.198	2.384	8,5	1.320,8	1.497,0	13,3
MS	29,9	28,0	(6,4)	2.474	2.602	5,2	74,0	72,8	(1,6)
GO	29,7	26,2	(11,8)	1.818	2.466	35,6	54,0	64,6	19,6
SUDESTE	23,8	19,2	(19,3)	2.043	2.216	8,5	48,6	42,5	(12,6)
MG	19,6	16,5	(15,8)	2.052	2.250	9,6	40,2	37,1	(7,7)
SP	4,2	2,7	(35,7)	2.000	2.005	0,2	8,4	5,4	(35,7)
SUL	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,3	(11,8)	1.623	2.347	44,6	438,4	559,1	27,5
CENTRO-SUL	685,1	701,4	2,4	2.187	2.391	9,3	1.498,7	1.676,9	11,9
BRASIL	955,2	939,7	(1,6)	2.028	2.380	17,3	1.937,1	2.236,0	15,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

9.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) em seu relatório semanal de 2 de maio de 2017, a estimativa da produção mundial de pluma na safra 2016/17 é de 22,76 milhões de toneladas e projeta-se para a safra 2017/18 uma produção de 23,58 milhões de toneladas. Esses resultados significariam um aumento estimado de 8% e 11,9%, respectivamente, comparando estas duas safras com a safra 2015/16, que apresentou uma produção de 21,06 milhões de toneladas.

Ainda de acordo com o Icac, o consumo mundial estimado segundo o comitê deverá ser de 24,11 milhões de toneladas em 2016/17. Já para a safra 2017/18, a previsão é que o consumo fique em 24,55 milhões de toneladas. Em se confirmando as previsões expostas acima, a produção mundial total estimada, para a safra 2016/17, será inferior ao consumo mundial em 1,35 milhão de toneladas de algodão. Sendo assim, os estoques mundiais de algodão deverão terminar esta safra no menor patamar dos últimos seis anos.

Panorama nacional

Segundo o levantamento de safra da Conab, a intenção de plantio para a safra 2016/17 é de 1.469 mil toneladas, 13,9% maior que a safra 2015/16. Apesar da expectativa de queda de cerca de 1,6% na área a ser plantada, de 955,2 mil hectares para 939,7 mil hectares, um aumento significativo na produtividade de cerca de 15,8% deverá compensar as perdas de área. O clima favorável até agora nas principais regiões produtoras e os preços atrativos atuais da pluma são responsáveis por essa expectativa de aumento na disposição de plantio.

Assumindo uma importante posição entre os países produtores de algodão, o Brasil possui grande vantagem competitiva e estratégica, devido a sua posição geográfica. Segundo o ranking ordenado pelo Icac, o país assume a quinta posição entre os maiores produtores, atrás da Índia, China, Estados Unidos e Paquistão, já entre os maiores consumidores de pluma ocupa a oitava posição.



Tabela 8 – Configuração do quadro de oferta e demanda

DISCRIMINAÇÃO	2011	2012	2013	2014	2015	2016 (1)	2017 (2)
O F E R T A	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.665,2	1.725,2
Estoque Inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2
Produção	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.289,2	1.469,00
- Centro/Sul	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	996,9	1.096,1
- Norte/Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	501,2	292,3	372,9
Importações	144,2	3,5	17,4	31,5	2,1	27,0	55,0
D E M A N D A	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.464,0	1.330,0
Consumo Interno	900,0	895,2	920,2	883,5	820,0	660,0	700,0
Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	834,3	804,0	630,0
Estoque Final	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2	395,2
Meses de Uso	3,8	2,9	2,5	3,2	2,5	1,6	3,6

Legenda: (1) preliminar (2) estimativa.

Fonte: Conab/ Secex/SRF-MF/ Sinditextil-Abit/Anea/Cooperativas/Icac.

9.1.2. AMENDOIM

9.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Para o amendoim primeira safra está estimado, nesta temporada, um incremento de área de 6,5% e produção de 10,7% em relação à safra anterior. O aumento na produtividade dessa safra é de 3,9%, alcançando os 3.664 kg/ha.

São Paulo responde por mais de 90% da produção nacional de amendoim, visto que 80% do cultivo de amendoim no interior paulista ocorre em áreas de renovação das lavouras de cana-de-açúcar. Destacam-se as regiões da Alta Mogiana (Ribeirão Preto, Dumont, Jaboticabal e Sertãozinho) e Alta Paulista (Tupã e Marília). Grande parte da produção (80% é destinada aos países europeus), enquanto que o restante é consumido internamente pelas fábricas de doces. O amendoim gera renda aos produtores, reduz os custos com os tratamentos culturais das lavouras de cana-de-açúcar em torno de 30%, além de proporcionar efeitos positivos ao solo, bem como ajudar no controle das pragas que infestam as lavouras. O melhoramento genético de variedades rasteiras, que garantem maior produtividade das lavouras do grão, é um dos motivos para o crescimento na produtividade e produção do amendoim paulista. O oitavo levantamento sinaliza com crescimento da área plantada de 6,2% em relação à safra anterior, bem como ganho de produtividade em 4,7%, resultado de bons tratamentos culturais e excelente clima durante o desenvolvimento dessa cultura.

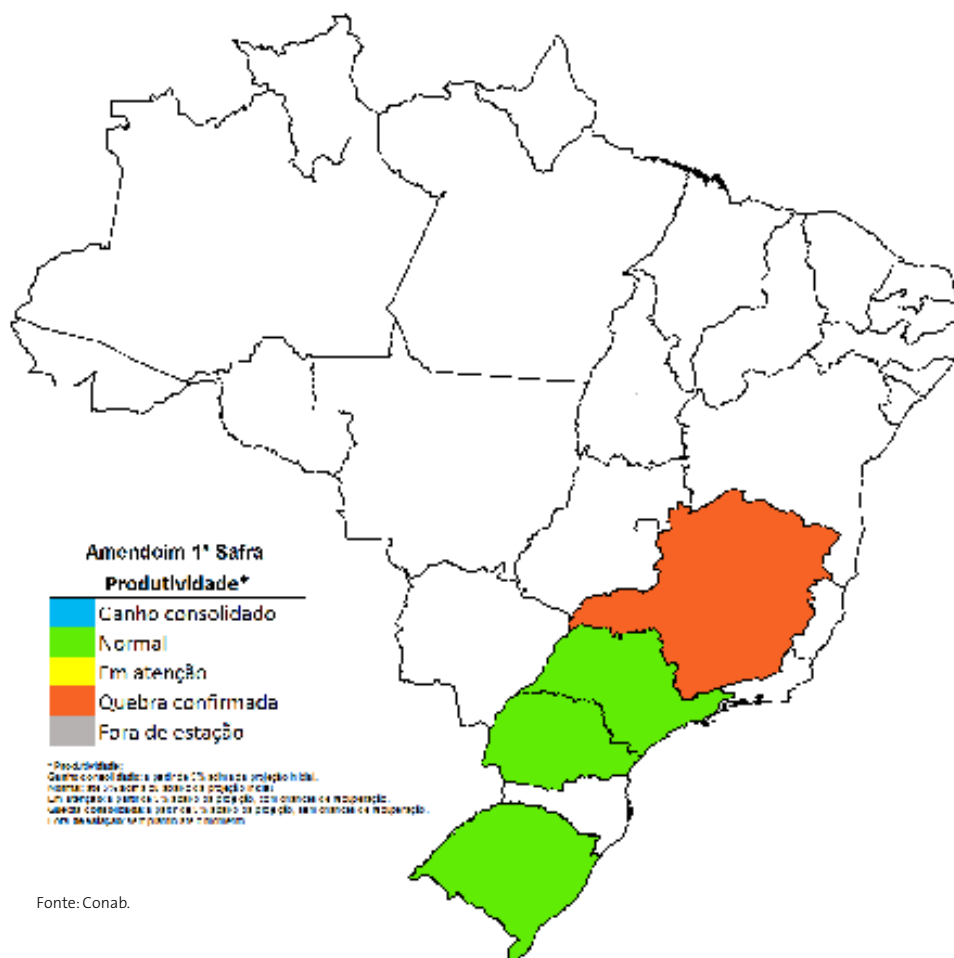
No Paraná, a colheita já alcança 80% da área total cultivada, estimada em cerca de 2 mil hectares, e deve

ser finalizada em maio. A cultura não possui expressão econômica no estado, sendo, em sua maioria, produzida para subsistência. O rendimento de 2.641 kg/ha está 1,2% inferior ao da safra anterior, devido, principalmente, ao período de estiagem ocorrido em novembro de 2016, fase em que a cultura estava em desenvolvimento vegetativo.

Em Minas Gerais, o cultivo de amendoim deve totalizar 2,6 mil hectares, representando um aumento de 30% relativo à safra passada, quando foram plantados 2 mil hectares. O aumento ocorreu, notadamente, nas áreas de plantio comercial, concentradas na região do Triângulo Mineiro, que responde por 85% da área de cultivo e por 95% do volume de produção do estado. O plantio foi realizado entre início de novembro e meados de dezembro, seja nas áreas altamente tecnificadas do Triângulo Mineiro, cuja produção é voltada para a exportação, seja nas áreas de agricultura familiar das regiões do Rio Doce, Jequitinhonha, Mucuri, central e norte do estado, usualmente conduzidas com baixo nível tecnológico. Estima-se que 80% das lavouras se encontram em maturação e 20% já foram colhidas. O rendimento deve ser de 3.000 kg/ha, o que representa, em relação à safra anterior, uma redução em torno de 21,1%, justificada pela baixa tecnologia utilizada nas novas áreas. Entretanto, em virtude do aumento das áreas cultivadas, a produção estadual deverá ser de 7,8 mil toneladas, o que representa um aumento de 2,6% em relação à safra 2015/16.



Figura 13 - Mapa da estimativa de produtividade - Amendoim primeira safra.



Fonte: Conab.

Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legenda:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 9 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	105,1	112,1	6,7	3.543	3.688	4,1	372,4	413,4	11,0
MG	2,0	2,6	30,0	3.800	3.000	(21,1)	7,6	7,8	2,6
SP	103,1	109,5	6,2	3.538	3.704	4,7	364,8	405,6	11,2
SUL	5,2	5,4	3,8	3.149	3.164	0,5	16,4	17,1	4,3
PR	1,8	2,0	11,1	2.674	2.641	(1,2)	4,8	5,3	10,4
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
CENTRO-SUL	110,3	117,5	6,5	3.524	3.664	3,9	388,8	430,5	10,7
BRASIL	110,3	117,5	6,5	3.524	3.664	3,9	388,8	430,5	10,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

9.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

A produção de amendoim segunda safra é estimada em 16,7 mil toneladas, plantada em uma área de 8,5 mil hectares. A segunda safra, também chamada de safra da seca, tem menor produção do que a primeira safra, por não encontrar condições climáticas tão ideais que o cultivo de amendoim requer.

Em São Paulo, o período mais adequado ao cultivo do amendoim segunda safra vai do início de fevereiro, após

a colheita do amendoim primeira safra, até meados de março. Esta safra é responsável por aproximadamente 3% da produção total de amendoim no estado, sendo cultivado predominantemente na alta paulista (Tupã e Herculândia), combinada com o processo de reforma de pastagens. A estimativa é de redução da produção em 7,9%, comparada à última safra, influenciada principalmente pela redução da área, de 6,3%, em relação à safra anterior.

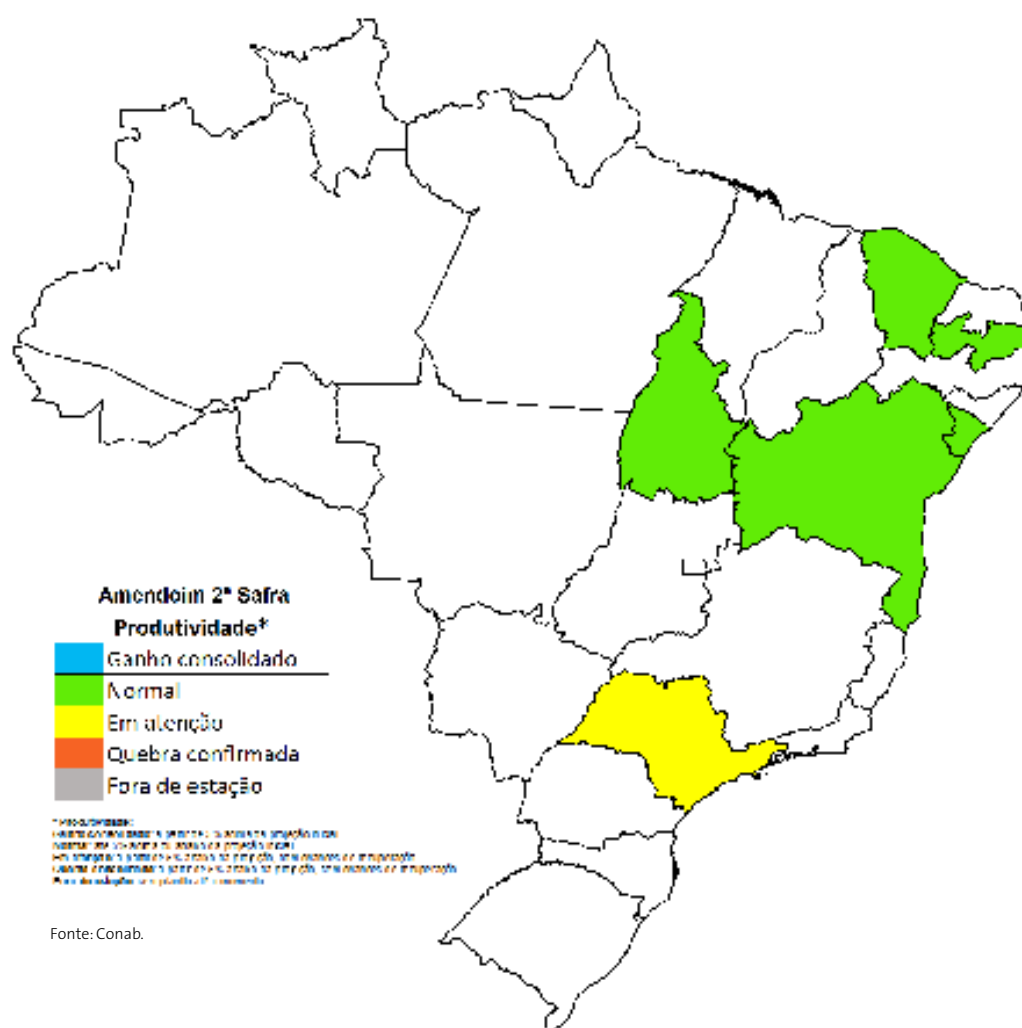
Figura 14 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 15 - Mapa da estimativa de produtividade - Amendoim segunda safra



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
AL	Agreste Alagoano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SE	Agreste Sergipano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Metropolitana de Salvador	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto						P	DV	F	FR	M	C	
	Ribeirão Preto						P	DV	F	FR	M	C	
	Presidente Prudente						P	DV	F	FR	M	C	
	Marília						P	DV	F	FR	M	C	
	Assis						P	DV	F	FR	M	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

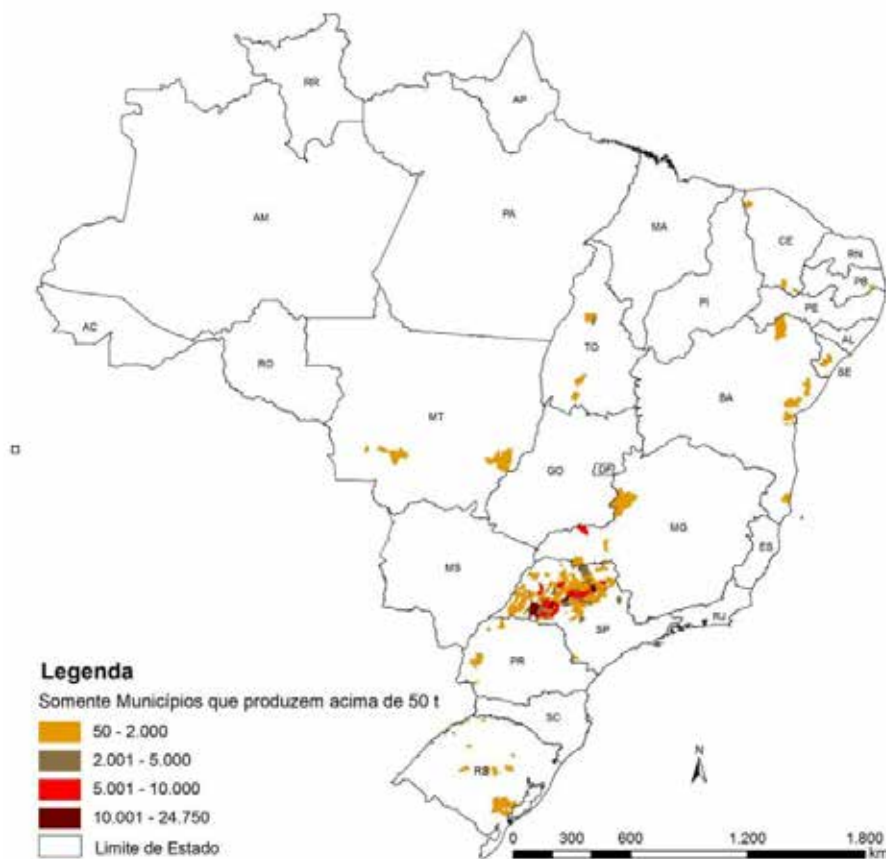
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,3	(57,1)	1.740	3.668	110,8	1,2	1,1	(8,3)
TO	0,7	0,3	(57,1)	1.740	3.668	110,8	1,2	1,1	(8,3)
NORDESTE	3,4	3,4	-	989	1.132	14,4	3,3	3,9	18,2
CE	0,3	0,4	33,3	368	1.000	171,7	0,1	0,4	300,0
PB	0,5	0,4	(20,0)	433	650	50,1	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
MT	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
SUDESTE	5,1	4,8	(5,9)	2.490	2.444	(1,8)	12,7	11,7	(7,9)
SP	5,1	4,8	(6,3)	2.490	2.444	(1,8)	12,7	11,7	(7,9)
NORTE/NORDESTE	4,1	3,7	(9,8)	1.117	1.337	19,7	4,5	5,0	11,1
CENTRO-SUL	5,2	4,8	(7,7)	2.469	2.444	(1,0)	12,8	11,7	(8,6)
BRASIL	9,3	8,5	(8,6)	1.873	1.962	4,8	17,3	16,7	(3,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

9.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 16 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,3	(57,1)	1.740	3.668	110,8	1,2	1,1	(8,3)
TO	0,7	0,3	(57,1)	1.740	3.668	110,8	1,2	1,1	(8,3)
NORDESTE	3,4	3,4	-	989	1.132	14,4	3,3	3,9	18,2
CE	0,3	0,4	33,3	368	1.000	171,7	0,1	0,4	300,0
PB	0,5	0,4	(20,0)	433	650	50,1	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
MT	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
SUDESTE	110,2	116,9	6,1	3.494	3.637	4,1	385,1	425,1	10,4
MG	2,0	2,6	30,0	3.800	3.000	(21,1)	7,6	7,8	2,6
SP	108,2	114,3	5,6	3.489	3.651	4,7	377,5	417,3	10,5
SUL	5,2	5,4	3,8	3.149	3.164	0,5	16,4	17,1	4,3
PR	1,8	2,0	11,1	2.674	2.641	(1,2)	4,8	5,3	10,4
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
NORTE/NORDESTE	4,1	3,7	(9,8)	1.117	1.337	19,7	4,5	5,0	11,1
CENTRO-SUL	115,5	122,3	5,9	3.477	3.616	4,0	401,6	442,2	10,1
BRASIL	119,6	126,0	5,4	3.396	3.549	4,5	406,1	447,2	10,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

9.1.3. ARROZ

O oitavo levantamento de arroz, na safra 2016/17, aponta redução na área plantada de 2,3% em relação à safra passada, influenciada pela redução das áreas no sistema de sequeiro. Em contrapartida, observa-se o aumento do plantio em área irrigada, o que ajuda a explicar uma estimativa de aumento de produtividade em 15,5%. A produção deve chegar a 11.968,1 mil toneladas, um aumento de 12,8% em relação à safra passada.

A Região Sul, responsável por cerca de 81,6% da produção nacional, deve ter 1,9% de incremento de área em relação à safra anterior. O cultivo do arroz é irrigado em quase sua totalidade e apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. No Rio Grande do Sul as lavouras de arroz encaminham-se para o final da colheita atingindo, até o momento, mais de 90% da área cultivada. Até o primeiro decêndio de abril as condições eram favoráveis à colheita, pois a reduções da precipitação em março contribuiu para isso. No entanto, nos dois terços subsequentes de abril, houve elevado índice pluviométrico em algumas regiões, ultrapassando 500 mm em Uruguaiana e São Borja, o que acarretou sérios transtornos como alagamentos, enchentes e enxurradas, prejudicando não somente a colheita como a qualidade do grão atingido. Em outros locais próximos a cursos d'água houve até mesmo perda total de áreas por inundação. Além disso, o excesso de chuvas tornou precária a infraestrutura viária, causando demora no escoamento

da safra. Ainda não é possível saber a dimensão dos danos causados pelas chuvas no resultado final da região, mas, por outro lado, como restava pouca área a ser colhida e as demais regiões do estado não foram afetadas pela chuva, não deve gerar impacto significativo na produtividade média já estabelecida. De maneira geral, com exceção do relatado anteriormente, as lavouras apresentaram ótima qualidade de grãos, com produtividade de 7.725 kg/ha, superior em 13% à safra anterior. A colheita deverá se encerrar em breve, ficando a depender basicamente das condições meteorológicas.

Em Santa Catarina a colheita do arroz se encontra em fase final, com menos de 3% de área para ser colhida. O avanço da colheita comprovou a expectativa de alta produtividade para o estado, em torno de 7.452 kg/ha, um aumento de aproximadamente 4,4% em relação à safra passada. Dessa forma, devem ser colhidas cerca de 1.098 toneladas de arroz na safra 2016/17. A qualidade do grão colhido, principalmente no sul do estado, está muito boa, fato que se deve ao clima favorável ao longo de praticamente todo o ciclo da cultura e a boa sanidade das lavouras. Na região norte, onde o cultivo de lavouras de soca ou rebrota é prática comum, a ocorrência de vendavais e a chegada do frio podem ter prejudicado o desenvolvimento dessas lavouras, podendo resultar em reduções nas produtividades desse segundo corte.



A Região Norte, segunda maior produtora nacional, teve uma redução de 0,5% na sua área plantada em relação à temporada passada.

Em Tocantins o plantio da safra de sequeiro é tradicionalmente realizado por agricultores familiares para o consumo próprio e pela agricultura empresarial para a abertura de área para o cultivo de soja. Nesta safra observa-se uma redução de 25% das áreas para cultivo em sequeiro em relação à safra passada. Essa tendência de queda da área para este segmento é influenciada pela opção dos produtores por cultura com melhores expectativas de mercado, como o milho e a soja, bem como pela diminuição de abertura de área. A cultura está próxima do fechamento do seu ciclo, apresentando 76,3% da área cultivada já colhida e o restante praticamente todo já em maturação. Com o clima mais regular, nesta temporada, a expectativa é de uma produtividade média de 31,6% maior que na safra anterior. Com relação ao plantio irrigado houve um incremento de 8% na área cultivada e aumento de 2,4% na produtividade, com isso, espera-se um crescimento de produção em 10,6%. A cultura já se encontra em estágio final do seu ciclo e do total da área cultivada nesta safra, aproximadamente 90% já foi colhido e o restante encontra-se em fase de maturação. Apesar do registro de ocorrência de Brusone, em janeiro, a expectativa é de que não haja redução significativa na produtividade, graças também ao bom comportamento do clima em fevereiro e março.

Em Rondônia, a colheita encontra-se avançada. A produtividade é relativamente menor em relação à safra anterior, avaliada em 2.826 kg/ha. Apesar das lavouras em andamento se mostrarem em estado adequado e o arroz colhido apresentando-se com bons grãos, a ocorrência de Brusone e o manejo inadequado do solo explicam, em parte, o impacto da produtividade nesta safra. A produtividade só não foi mais afetada porque os produtores tentaram contornar esses problemas durante a safra. Além disso, algumas poucas lavouras estão sofrendo com as chuvas na hora da colheita.

No Pará o cultivo de arroz ocupa a área de 71,8 mil hectares, uma redução em torno de 1,5% ante à última safra. O plantio foi finalizado e a cultura encontra-se em fase de enchimento de grãos e maturação, visto que já foi colhido em torno de 40% da área total. Espera-se um rendimento de 2.642 kg/ha e uma produção esperada de 189,7 mil toneladas. Esse aumento de 3,3% na produção é em virtude do acréscimo de produtividade na ordem de 4,9% em relação à safra passada. Os campos de arroz de sequeiro estão distribuídos por todo o estado em plantio convencional. Já os campos de arroz irrigado se concentram na Mesorregião do Marajó, nos municípios de Cachoeira do Arari e Salva-terra.

No Centro-Oeste, terceira maior região produtora, predomina o cultivo em sequeiro. No entanto, a expectativa é que a área em sequeiro tenha uma redução de 21,5%, enquanto a área sob cultivo irrigado é 158,1% maior em relação à safra passada.

Em Mato Grosso a área estimada é de 141,9 mil hectares, uma redução de 7% em relação à safra passada. Essa redução se dá principalmente nas áreas de arroz de sequeiro, enquanto as áreas de cultivo irrigado estão sob expansão. Para o arroz de sequeiro estima-se que 80% dos 131 mil hectares semeados já esteja colhido. A produção esperada é de 424,7 mil toneladas e apesar de ser 1,4% menor que na última safra, as cotações do cereal reduziram, por isso, os produtores com estrutura de armazenamento estão segurando o produto, a fim de conseguir melhores preços a partir da entressafra. Em termos de qualidade, o cereal tem avaliação positiva, tendo em vista que o clima favorável nesta safra beneficiou o desempenho produtivo das lavouras de arroz de sequeiro mato-grossense, com rendimento 13,3% superior ao registrado na safra 2015/16. Já as lavouras de arroz irrigado estão localizadas na região médio-norte do estado e são plantadas na segunda safra, em áreas de pivô que antes foram ocupadas por lavouras de soja de ciclo precoce. A sucessão com o arrozal deve-se à expectativa dos bons preços que atraíram os produtores, além da rotação de cultura com a oleaginosa. A lavoura está se desenvolvendo bem, com a cultura em estágio de desenvolvimento vegetativo avançado e início de período reprodutivo. A área de arroz irrigado é de aproximadamente 10,9 mil hectares e a produtividade média esperada para esta safra é de 3.815 kg/ha. Assim, é prevista uma produção de 41,6 mil toneladas de arroz irrigado, com expectativa de colheita a partir de junho.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura do arroz encontra-se em final de colheita. Por alguns municípios apresentarem variedades tardias e a prática dos produtores aproveitarem soqueiras para a produção, a colheita que estava prevista para terminar no final de março se estenderá até ao final de maio. O clima até o momento vem contribuindo para o término da colheita e os produtores vêm acompanhando as lavouras através de monitoramento de pragas e doenças, além de outras práticas agrícolas. Até o momento, em torno de 95% do cereal está colhido e a produtividade média estimada é de 6.000 kg/ha, cerca de 23,5% superior em relação à safra anterior, produzidos em uma área de aproximadamente 15,5 mil hectares.

Em Goiás a cultura de arroz de terras altas ou de sequeiro encontra-se sob forte declínio, sendo cultivada em pequenas e isoladas áreas, com baixa aplicação de tecnologia e apenas para subsistência. Existe um programa executado pelo governo estadual que doa



sementes e demais insumos agrícolas para os agricultores familiares e a maior parte do arroz de sequeiro é realizado através deste programa. O arroz de sequeiro é produzido numa área de 7,5 mil hectares, cerca de 71,2% menor do que na última safra. Já a produção de arroz irrigado está presente em cinco municípios, totalizando uma área de 14,9 mil hectares, com um rendimento de 6.300 kg/ha.

Na Região Nordeste a cultura é realizada nos dois sistemas, sequeiro e irrigado. A cultura tem tido declínio nas áreas, tanto de sequeiro quanto de irrigado, resultado da opção do produtor por culturas mais rentáveis. A expectativa detectada neste levantamento é de redução na área em 19,3% e uma produção 2,2% maior, comparada ao exercício anterior.

Maranhão deverá apresentar redução de 22,6% na área plantada em relação à safra 2015/16. Essa retração é observada a cada nova safra, principalmente nas áreas de arroz em sistema de sequeiro, mas as áreas irrigadas também devem sofrer uma redução em relação à última safra. A produtividade deve chegar a 1.568 kg/ha, 6,1% maior em relação à safra passada devido às condições meteorológicas favoráveis para a cultura, diferentemente do ocorrido na safra anterior. A área plantada com arroz irrigado equivale 1.400 hectares, 1% do total das lavouras de arroz no estado e responsável por 3% da produção, provocada pelo alto rendimento, quando comparada com o resto das lavouras da região, de 5.020 kg/ha.

O Piauí deve chegar à produção de 105,5 mil toneladas de arroz, cerca de 76,7% maior em relação à safra passada, que foi severamente castigada pelo regime climático. O plantio do arroz irrigado iniciou-se em janeiro e sua produtividade esperada é de 4.325 kg/ha. Já para o arroz de sequeiro a produtividade gira em torno de 1.384 kg/ha. As lavouras estão em boas condições, predominantemente nas fases de maturação

(80%) e colheita (20%), já apresentando os primeiros cachos. A incidência de pragas tem sido baixa, não apresentando dificuldade no controle.

Na Bahia o cultivo de arroz ocupa a área de 8,1 mil hectares em sequeiro, concentrados no extremo oeste do estado. Espera-se a produtividade de 900 kg/ha. A colheita deve ser realizada em maio, com a expectativa de produção em torno de 7,3 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 3,8% na área cultivada e aumento de 82,5% na produção em relação à safra passada.

Sergipe é responsável por 8,7% da produção de arroz da Região Nordeste. Através do plantio irrigado de 5,1 mil hectares, deverá produzir 35 mil toneladas, principalmente por possuir uma ótima produtividade, de 6.866 kg/ha.

A cultura tem pouca expressão na Região Sudeste. A área plantada deve ser inferior em 8,7% ao se comparar com a safra passada. São Paulo, maior produtor regional, deverá apresentar uma redução de 7% em relação à área plantada da última safra. A produção deverá ser 2,6% maior que na última safra e se concentra nas regiões do Vale do Paraíba, sob irrigação. Devido às dificuldades enfrentadas, o produtor paulista tem migrado para culturas mais rentáveis (soja e milho), na expectativa de ganhos maiores.

Em Minas Gerais a área de plantio de arroz é estimada em 6 mil hectares, apresentando uma pequena redução de 7,7% em comparação ao observado na safra passada. A menor competitividade desta cultura em relação a outras mais rentáveis e de menor risco, como soja e milho, explicam essa pequena área cultivada de arroz. As lavouras encontram-se predominantemente em fase de maturação (35%) e colheita (65%). A expectativa é para uma produtividade de 2.520 kg/ha, 9,3% maior que na última safra.



Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Arroz

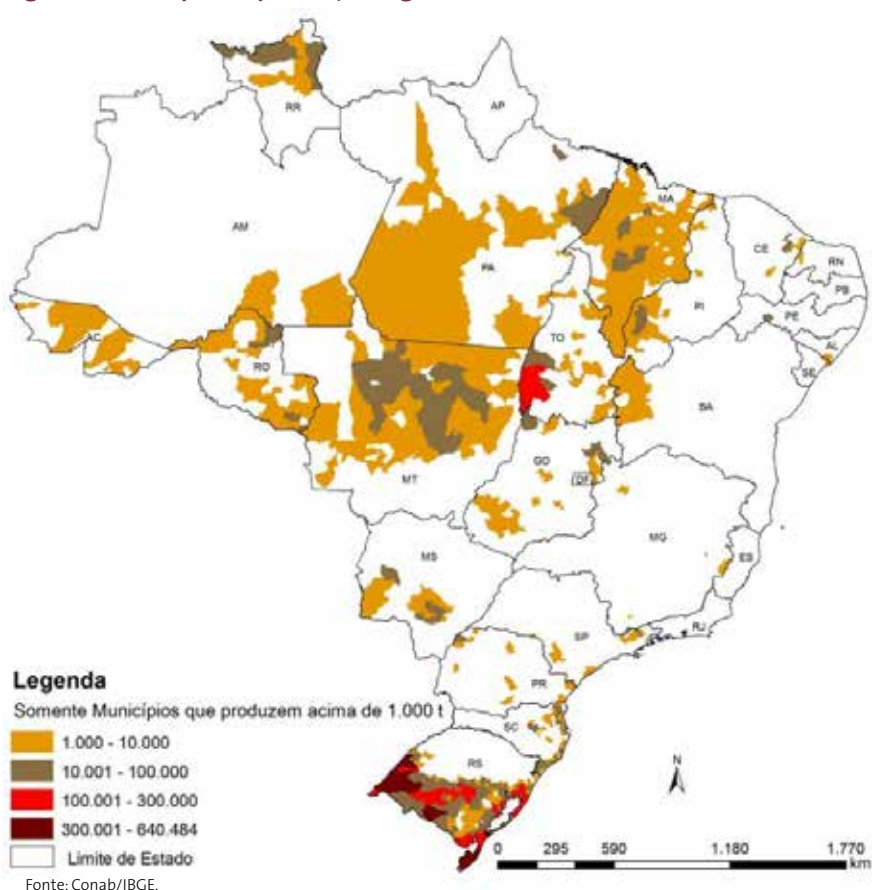
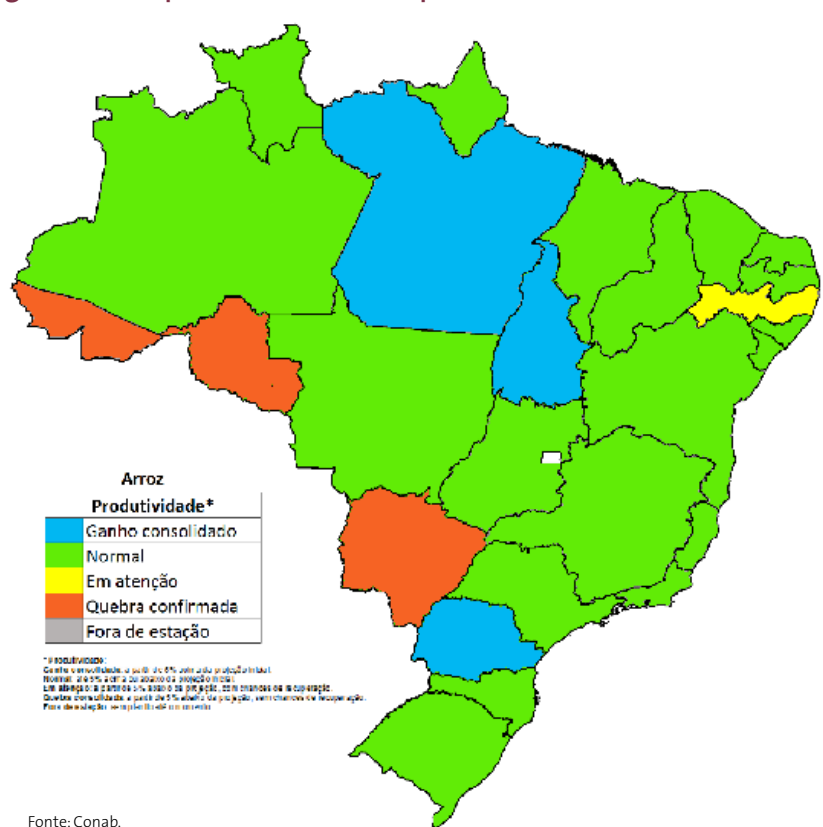


Figura 18 – Mapa da estimativa de produtividade - Arroz



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense		PP	G/DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 12 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	154,8	142,2	(8,1)	2.432	2.439	0,3	376,5	346,8	(7,9)
RO	42,6	40,6	(4,8)	3.423	2.826	(17,4)	145,8	114,7	(21,3)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.303	(3,7)	6,9	5,6	(18,8)
AM	1,9	2,1	10,5	2.290	2.084	(9,0)	4,4	4,4	-
AP	1,5	1,7	11,0	918	1.030	12,2	1,4	1,8	28,6
PA	68,0	66,7	(1,9)	2.413	2.505	3,8	164,1	167,1	1,8
TO	35,7	26,8	(25,0)	1.509	1.986	31,6	53,9	53,2	(1,3)
NORDESTE	266,2	212,2	(20,3)	1.141	1.473	29,2	303,6	312,6	3,0
MA	179,7	139,1	(22,6)	1.456	1.533	5,3	261,6	213,2	(18,5)
PI	73,2	60,0	(18,1)	476	1.384	190,8	34,8	83,0	138,5
CE	4,7	4,1	(12,4)	648	2.024	212,3	3,0	8,3	176,7
PB	0,8	0,9	12,5	197	872	342,6	0,2	0,8	300,0
BA	7,8	8,1	3,8	510	900	76,5	4,0	7,3	82,5
CENTRO-OESTE	176,5	138,5	(21,5)	3.014	3.196	6,1	532,0	442,7	(16,8)
MT	150,5	131,0	(13,0)	2.861	3.242	13,3	430,6	424,7	(1,4)
GO	26,0	7,5	(71,2)	3.900	2.400	(38,5)	101,4	18,0	(82,2)
SUDESTE	3,3	2,7	(18,2)	2.221	2.551	14,8	7,3	6,9	(5,5)
MG	1,0	0,7	(30,0)	800	850	6,3	0,8	0,6	(25,0)
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.505	1,0	0,5	0,3	(40,0)
RJ	0,5	0,3	(40,5)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	1,6	1,6	-	3.027	3.088	2,0	4,8	4,9	2,1
SUL	6,9	5,3	(23,2)	1.920	1.924	0,2	13,2	10,2	(22,7)
PR	6,9	5,3	(23,2)	1.920	1.924	0,2	13,2	10,2	(22,7)
NORTE/NORDESTE	421,0	354,4	(15,8)	1.615	1.861	15,2	680,1	659,4	(3,0)
CENTRO-SUL	186,7	146,5	(21,5)	2.960	3.138	6,0	552,5	459,8	(16,8)
BRASIL	607,7	500,9	(17,6)	2.028	2.234	10,2	1.232,6	1.119,2	(9,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



Tabela 13 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	110,6	121,9	10,2	5.799	5.961	2,8	641,3	726,6	13,3
RR	8,6	11,9	38,9	7.023	7.000	(0,3)	60,4	83,3	37,9
PA	4,9	5,1	4,0	4.000	4.433	10,8	19,6	22,6	15,3
TO	97,1	104,9	8,0	5.781	5.917	2,4	561,3	620,7	10,6
NORDESTE	17,1	16,5	(3,5)	5.260	5.435	3,3	90,1	89,6	(0,6)
MA	1,8	1,4	(21,1)	3.700	5.020	35,7	6,7	7,0	4,5
PI	5,9	5,2	(11,5)	4.212	4.325	2,7	24,9	22,5	(9,6)
CE	-	0,6	-	-	5.900	-	-	3,5	-
RN	1,0	1,0	-	2.931	3.309	12,9	2,9	3,3	13,8
PE	0,3	0,2	(33,3)	4.500	4.000	(11,1)	1,4	0,8	(42,9)
AL	3,0	3,0	-	5.720	5.831	1,9	17,2	17,5	1,7
SE	5,1	5,1	-	7.255	6.866	(5,4)	37,0	35,0	(5,4)
CENTRO-OESTE	16,0	41,3	158,1	4.753	5.532	16,4	76,0	228,5	200,7
MT	2,0	10,9	445,0	4.000	3.815	(4,6)	8,0	41,6	420,0
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.000	23,5	68,0	93,0	36,8
GO	-	14,9	-	-	6.300	-	-	93,9	-
SUDESTE	13,9	13,0	(6,5)	3.399	3.579	5,3	47,3	46,5	(1,7)
MG	5,5	5,3	(3,6)	2.580	2.740	6,2	14,2	14,5	2,1
SP	8,4	7,7	(8,3)	3.935	4.156	5,6	33,1	32,0	(3,3)
SUL	1.242,7	1.267,8	2,0	6.853	7.693	12,3	8.515,7	9.752,7	14,5
PR	19,3	19,7	2,1	5.533	7.685	38,9	106,8	151,4	41,8
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.452	4,4	1.052,3	1.098,4	4,4
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.725	13,0	7.356,6	8.502,9	15,6
NORTE/NORDESTE	127,7	138,4	8,4	5.727	5.898	3,0	731,4	816,2	11,6
CENTRO-SUL	1.272,6	1.322,1	3,9	6.788	7.585	11,7	8.639,0	10.027,7	16,1
BRASIL	1.400,3	1.460,5	4,3	6.692	7.425	11,0	9.370,4	10.843,9	15,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

Tabela 14 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	265,4	264,1	(0,5)	3.835	4.064	6,0	1.017,8	1.073,4	5,5
RR	8,6	11,9	38,4	7.023	7.000	(0,3)	60,4	83,3	37,9
RO	42,6	40,6	(4,7)	3.423	2.826	(17,4)	145,8	114,7	(21,3)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.303	(3,7)	6,9	5,6	(18,8)
AM	1,9	2,1	10,5	2.290	2.084	(9,0)	4,4	4,4	-
AP	1,5	1,7	13,3	918	1.030	12,2	1,4	1,8	28,6
PA	72,9	71,8	(1,5)	2.520	2.642	4,9	183,7	189,7	3,3
TO	132,8	131,7	(0,8)	4.633	5.117	10,5	615,2	673,9	9,5
NORDESTE	283,3	228,7	(19,3)	1.389	1.759	26,6	393,7	402,2	2,2
MA	181,5	140,5	(22,6)	1.478	1.568	6,1	268,3	220,2	(17,9)
PI	79,1	65,2	(17,6)	755	1.619	114,5	59,7	105,5	76,7
CE	4,7	4,7	-	648	2.519	288,7	3,0	11,8	293,3
RN	1,0	1,0	-	2.931	3.309	12,9	2,9	3,3	13,8
PB	0,8	0,9	12,5	197	872	342,6	0,2	0,8	300,0
PE	0,3	0,2	(33,3)	4.500	4.000	(11,1)	1,4	0,8	(42,9)
AL	3,0	3,0	-	5.720	5.831	1,9	17,2	17,5	1,7
SE	5,1	5,1	-	7.255	6.866	(5,4)	37,0	35,0	(5,4)
BA	7,8	8,1	3,8	510	900	76,5	4,0	7,3	82,5
CENTRO-OESTE	192,5	179,8	(6,6)	3.159	3.733	18,2	608,0	671,2	10,4
MT	152,5	141,9	(7,0)	2.876	3.286	14,3	438,6	466,3	6,3
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.000	23,5	68,0	93,0	36,8
GO	26,0	22,4	(13,8)	3.900	4.994	28,1	101,4	111,9	10,4
SUDESTE	17,2	15,7	(8,7)	3.173	3.402	7,2	54,6	53,4	(2,2)
MG	6,5	6,0	(7,7)	2.306	2.520	9,3	15,0	15,1	0,7
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.505	1,0	0,5	0,3	(40,0)
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	10,0	9,3	(7,0)	3.790	3.972	4,8	37,9	36,9	(2,6)
SUL	1.249,6	1.273,1	1,9	6.825	7.669	12,4	8.528,9	9.762,9	14,5
PR	26,2	25,0	(4,6)	4.581	6.464	41,1	120,0	161,6	34,7
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.452	4,4	1.052,3	1.098,4	4,4
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.725	13,0	7.356,6	8.502,9	15,6
NORTE/NORDESTE	548,7	492,8	(10,2)	2.572	2.995	16,4	1.411,5	1.475,6	4,5
CENTRO-SUL	1.459,3	1.468,6	0,6	6.299	7.141	13,4	9.191,5	10.487,5	14,1
BRASIL	2.008,0	1.961,4	(2,3)	5.280	6.099	15,5	10.603,0	11.963,1	12,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



9.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

No período comercial 2016/17 da balança comercial consolidada, de março de 2016 até fevereiro de 2017, observa-se um déficit no saldo de 293,7 mil toneladas, base casca. Esse resultado contrário ao identificado no período 2015/16, no qual acumulou um superávit de 858,8 mil toneladas, é reflexo de menor safra nacional e da valorização do real. Em abril, o Brasil exportou 37,9 mil toneladas de arroz base casca e importou 72,1 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$509,3/t, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, se mantiveram em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em abril, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 51,7 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 394,03/t de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados de São Paulo e Minas Gerais. Sobre a Argentina e o Uruguai, o produto importado vem sendo direcionado principalmente para São Paulo, Minas Gerais, Maranhão e Pernambuco. Para o final da co-

mercialização da safra 2016/17, a previsão é de uma importação e exportação de mil toneladas, pois espera-se uma recuperação da produção interna e um arrefecimento do real.

Acerca do consumo, este é estimado em torno de 11,5 milhões de toneladas em virtude de uma oferta interna do grão mais restrita e do cenário econômico brasileiro. Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2016/17 deverá ser 12,8% superior em relação à safra 2015/16, atingindo 12 milhões toneladas. Essa expansão de produção ocorre em razão da atual boa condição climática nas lavouras e à consequente normalidade da produtividade na cultura, após o forte declínio na última safra influenciado pelas fortes chuvas na Região Sul do país.

Logo, em meio a todas as variáveis expostas, encontra-se um cenário de estoque de passagem ajustado. Cabe ressaltar, todavia, que é esperada uma recomposição do volume perdido ao longo da safra 2015/16, sendo previsto um estoque final de 923,2 mil toneladas para a safra 2016/17.

Tabela 15 - Oferta e demanda

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo Aparente	Exportação	Estoque de passagem
2006/07	2.259,5	11.315,9	1.069,6	14.645,0	12.305,5	313,1	2.026,4
2007/08	2.026,4	12.074,0	589,9	14.690,3	11.866,7	789,9	2.033,7
2008/09	2.033,7	12.602,5	908,0	15.544,2	12.118,3	894,4	2.531,5
2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16 (*)	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.400,0	893,7	459,6
2016/17 (**)	459,6	11.963,6	1.000,0	13.423,2	11.500,0	1.000,0	923,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

9.1.4. FEIJÃO

9.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

O plantio da safra 2016/17 aponta para um crescimento na área plantada estimado em 134 mil hectares, o que configura incremento de 13,7% em relação à safra passada, que foi de 978,6 mil hectares. A produtividade média obtida para esta cultura está estimada em 1.240 kg/ha, na média nacional, 17,4% acima da obtida

na última temporada. Com esses resultados de área e produtividade, a produção nacional é estimada em 1.380,4 mil toneladas, representando acréscimo de 33,5% em relação à safra de 2015/16, que foi de 1.034,3 mil toneladas. As boas condições climáticas favoreceram a cultura.



Feijão comum cores

Na Região Sul é esperado incremento na área plantada em 28,6%, alcançando 123,5 mil hectares. Em face das boas condições climáticas, estima-se um aumento na produtividade de 7,2%, saindo de 1.792 kg/ha para 1.922 kg/ha em relação à safra 2015/16. A estimativa de produção é de 237,3 mil toneladas, aumento de 38% em relação à safra anterior, que foi de 172 mil toneladas.

No Paraná o produto já estava completamente colhido desde o mês anterior e com comercialização avançada, quase concluída. Os preços pagos ao produtor foram bem abaixo do esperado, pois houve muita oferta do grão. A qualidade, no geral, foi boa, com casos pontuais de perda de qualidade devido à colheita em tempo chuvoso. O incremento da área plantada/colhida se reverteu em aumento de produtividade, a qual ficou em 1.782 kg/ha, ou seja, 11,2% superior em relação à safra passada.

Em Santa Catarina o plantio do feijão cores primeira safra encontra-se colhido, e sua produtividade manteve-se nos índices de 2.134 kg/ha. A comercialização desta classe se dá quase que imediatamente após a colheita, aproveitando a qualidade do produto novo (cor do tegumento). Assim, estima-se que haja pouco produto na mão do produtor, o qual comercializou o grão por valores entre R\$ 120,00 a R\$ 140,00/sc, dependendo da qualidade.

No Rio Grande do Sul está previsto para esta safra uma manutenção da área cultivada com feijão cores e produtividade semelhante à safra passada, em 2.400 kg/ha. Manutenção também na produção em 24 mil toneladas.

Na Região Sudeste a expectativa é de incremento de 14,2% da área semeada com a leguminosa. Para o exercício 2016/17 a estimativa é de 225,3 mil hectares, impulsionada pelos preços atrativos. O clima teve comportamento favorável e refletiu no aumento na produtividade de 10,9% em relação à safra de 2015/16, saindo de 1.576 kg/ha para 1.748 kg/ha. A estimativa é de produção de 394 mil toneladas.

Em São Paulo o feijão cores é praticamente todo produzido na região sudoeste do estado, compreendendo os municípios de Avaré, Taquarituba, entre outros. Seu plantio é realizado nos meses de julho a agosto, sendo grande parte sob irrigação. Sua colheita ocorre entre os meses de dezembro e janeiro. Encerrou a presente safra 2016/17 com expressivo crescimento de área de 62,2% devido aos excelentes preços que o mercado praticava no momento da opção pelo plantio. Houve também um bom ganho de produtividade

de 9,6%, em face das excelentes condições climáticas ocorridas durante o desenvolvimento desta leguminosa e à alta tecnificação do setor.

Em Minas Gerais a área semeada na safra atual está estimada em 142,4 mil hectares, retração em 1,4% comparativamente à safra anterior. Com produtividade média de 1.289 kg/ha, variação negativa de 2,1%, comparativamente à safra passada devido ao veranico ocorrido entre meados de dezembro e janeiro de 2017, a produção poderá alcançar 183,6 mil toneladas, 3,4% inferior à safra passada. As lavouras se encontram totalmente colhidas.

No Espírito Santo a produção esperada do feijão cores é de 1,7 mil toneladas para a safra 2016/17, inferior em 52,8% em relação à safra 2015/16 devido à redução na área plantada em 38% e redução na produtividade em 23,6%. A escassez de chuvas inviabilizou o plantio e impactou no desenvolvimento da cultura.

Na Região Norte-Nordeste o plantio da safra 2016/17 iniciou em janeiro 2017 e só é cultivado na Bahia e em Tocantins. Percebe-se ainda que há uma resistência dos produtores ao plantio do feijão cores, por se tratar de uma cultura que necessita de um período chuvoso bem definido na fase de desenvolvimento do grão.

Na Bahia, para colheita do feijão cores a estimativa de produção é de 57 mil hectares, e até abril a colheita atingiu 30,1%. Os números da safra atual representam aumento de 13,3% na área cultivada e aumento de 68,5% na produção em relação à safra passada. No entanto, cerca de 50% da área cultivada está sob alta restrição hídrica devido à escassez de chuva. Os produtores desta região com escassez hídrica, em sua maioria pequenos produtores, terão produtividades muito baixas. Os outros 50% das lavouras estão sob baixa hídrica ou sob irrigação, puxando para cima a produtividade do estado. Os campos de verão do feijão cores estão distribuídos pelo Centro-Norte, Centro-Sul, Vale do São Francisco e Extremo Oeste, em manejo irrigado e sequeiro com plantio direto e convencional. No Extremo Oeste estima-se o cultivo de 26 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central. Com as chuvas de fevereiro e março, as lavouras obtiveram um bom desenvolvimento, revertendo o quadro pessimista criado no veranico em janeiro. Os campos irrigados foram cultivados após a colheita da soja e estão em estágio de desenvolvimento vegetativo. Considerando a média entre os plantios de sequeiro e irrigado estima-se a produtividade de 997 kg/ha.

Em Tocantins a área plantada constatada neste levantamento teve uma redução de 56,5% da cultura relacionada ao grupo cores, se comparada à safra anterior.



A queda da produtividade em relação à safra anterior (20,9%) se deve à redução de plantio de feijão cores nas regiões norte e sul do estado, onde se obtiveram produtividades elevadas na safra 2015/16. As lavouras se desenvolveram melhor nesta safra e já apresentam 67,3% de área colhida e o restante (32,7%) já se encontra em maturação.

Na Região Centro-Oeste se observa incremento de área (13%), produtividade (3,2%) e produção (16,4%) em relação ao exercício passado, impulsionado pelo clima favorável à leguminosa e aos preços atrativos.

Em Goiás há incremento de área e produção, estimados em 57,8 mil hectares de área e 138,7 mil toneladas. A produtividade média de 2.400 kg/ha permaneceu a mesma da safra 2015/16. Na região leste do estado as semeaduras do feijão primeira safra se concentraram durante o final de outubro, beneficiadas pelas precipitações regulares e o bom balanço hídrico do solo. Os produtores de feijão demonstram bastante incentivo para o aumento da área plantada para a próxima safra, porém, a forte queda dos preços do feijão cores no mercado, provocada pela retração do consumo, ocorrido nas últimas semanas, deixaram os produtores de feijão bastante preocupados com relação à rentabilidade da cultura. Atualmente foram colhidas 100% do feijão primeira safra na região leste do estado. A estiagem vivenciada durante o último decêndio de dezembro e até o fim da primeira quinzena de janeiro ocorreu durante o final da fase de maturação da cultura. Desta feita, a estiagem pouco influenciou na produtividade esperada pelos agricultores, porém, houve relatos de aumento da frequência de grãos

Feijão comum preto

É esperada queda de 3,5% na área plantada de feijão-preto, alcançando 174,2 mil hectares. Em face das boas condições climáticas, estima-se um aumento na produtividade de 13,4%, saindo de 1.601 kg/ha, para 1.816 kg/ha. A estimativa de produção é de 316,5 mil toneladas, aumento de 9,5% em relação à safra anterior, que foi de 289,1 mil toneladas.

Na Região Sul, principal região produtora, a estimativa segue a mesma tendência do país. Apesar da queda de área, em detrimento ao plantio de feijão cores, as boas condições climáticas favoreceram a produtividade. Sendo assim, a produção deve alcançar 306,1 mil toneladas, ou seja, cerca de 96% da oferta do feijão-preto do país.

No Paraná a colheita já foi finalizada, com área total de 112 mil hectares e produto praticamente todo comercializado. Uma pequena parcela ainda se encontra em mãos dos produtores. A produtividade foi de

com menor calibre, fato que deprecia comercialmente o grão. Não houve relatos de ataques severos de pragas ou doenças que comprometessem a produtividade esperada nesta presente safra. A produtividade verificada alcançou os patamares planejados pelos agricultores, porém os preços de mercado não foram satisfatórios e a comercialização encontra-se desaquecida.

No Distrito Federal a área semeada na primeira safra de feijão foi praticamente a mesma cultivada na safra anterior. A produtividade média estimada no sexto levantamento de 1.900 kg/ha continua prevalecendo, sendo inferior ao estimado no quinto levantamento, todavia ainda superior em 27,9% ao registrado na safra passada, que foi severamente atacada pelas condições climáticas e ataques da mosca-branca. Os atuais índices de produtividade poderão resultar em uma produção de 20,7 mil toneladas, superior em 27,8% à obtida na safra 2015/16. A colheita já foi finalizada, sendo considerado um produto de boa qualidade. O mercado segue estável. O movimento de compradores com demanda foi bom e ajudou no escoamento de boa parte da oferta.

Em Mato Grosso a colheita da lavoura de feijão cores primeira safra 2016/17 foi finalizada na primeira quinzena de fevereiro. A produtividade registrada foi de 1.998 kg/ha, ante aos 1.872 kg/ha na safra passada, aumento de 6,7% no rendimento. A área da cultura ficou em 4,4 mil hectares, aumento de 131,6% em relação aos 1,9 mil hectares cultivados no período 2015/16. A partir disso, registra-se uma produção de 8,8 mil toneladas, volume 144,4% superior às 3,6 mil toneladas da safra passada.

1.913 kg/ha. Os preços pagos ao produtor, foram abaixo do esperado, pois houve muita oferta do grão. No entanto, a desvalorização sentida não foi tão acentuada como no caso do produto cores. A qualidade, no geral, foi boa, com casos pontuais de perda de qualidade devido à colheita em tempo chuvoso.

No Rio Grande do Sul está previsto para esta safra uma retração nas áreas de 5,1% em relação à safra passada, ficando em 31,8 mil hectares. A produção deve ficar em 48 mil toneladas, 19,1% menor que a safra 2015/16. Para o feijão-preto primeira safra a colheita está encerrada. O estado deverá obter um rendimento médio acima de 1.508 kg/ha.

Em Santa Catarina a colheita do feijão-preto primeira safra em Santa Catarina encontra-se finalizada, sendo suas últimas lavouras colhidas em meados de abril na região Serrana. A produtividade permaneceu inalterada em relação ao último levantamento, em torno



de 2.200 kg/ha. A comercialização do produto avança conforme a necessidade do produtor e preços, mas a grande maioria já havia vendido seu produto ao longo dos últimos meses, já que os preços têm se mantido entre R\$ 120,00 a R\$ 140,00/sc.

Na Região Sudeste a expectativa é de incremento de 111,4% da área plantada com a leguminosa para o exercício 2016/17. Retração na produtividade de 9,7% em relação à safra de 2015/16, saindo de 972 kg/ha para 878 kg/ha, incremento na produção de 90,7%, saindo de 4,3 na safra 2015/16 para 8,2 mil toneladas

Feijão caupi

Na primeira safra o feijão caupi é o terceiro tipo mais cultivado no país. Sua produção se concentra no Nordeste, mais particularmente no Piauí e Bahia. A estimativa é de aumento de área (18,1%) e produtividade (113,3%) em face das condições climáticas mais favoráveis nesta safra. Permanecendo o quadro climático, a produção deve ser superior em 151,9%, alcançando 205,8 mil toneladas.

Na Região Nordeste, principal região produtora de feijão caupi, o plantio da safra 2016/17 iniciou-se a partir de novembro. A opção dos produtores de cultivar feijão caupi nas áreas de sequeiro se deve a sua maior resistência ao estresse hídrico e é uma alterna-

para esta safra. O clima se encontra favorável ao plantio.

No Rio de Janeiro o feijão-preto é basicamente plantado por agricultores familiares, para subsistência e pequenas comercializações. A colheita já atingiu 90% da área, o restante das lavouras está em fase de maturação (10%). Está previsto para esta safra um recuo nas áreas de 20% em relação à safra passada, produtividade média de 1.127 kg/ha, 1,8% maior que à safra passada. A produção deve ser de 700 toneladas.

tiva para evitar os danos causados pelo veranico, que geralmente ocorre. A estimativa é de produção de 187 mil toneladas numa área de 433,3 mil hectares.

No Piauí, para o feijão primeira safra caupi, a expectativa é de aumento com relação à safra passada na ordem de 7,3%, com área de 227 mil hectares. A expectativa de aumento da produtividade do feijão é de 159% em relação à safra anterior, totalizando 360 kg/ha, o que se explica pelo péssimo regime climático da safra passada e expectativa de normalidade no regime climático da safra atual, espera-se uma produção de 81,7 mil toneladas, 177,9% maior que a safra 2015/16, que foi de 29,4 mil toneladas.

Figura 19 – Lavoura de feijão macaçar em desenvolvimento vegetativo em Baixa Grande do Ribeiro/PI



Fonte: Conab.

Na Bahia, o cultivo de verão do feijão caupi primeira safra, a estimativa de produção é de 85,5 mil toneladas, e até abril a colheita atingiu 25%. O cultivo de verão do feijão caupi ocupa a área de 169,9 mil hectares. Os plantios de sequeiro foram realizados em novembro e dezembro e os irrigados no final de fevereiro. Espera-se rendimento de 503 kg/ha (8,4 scs/ha). Os números da safra atual representam aumento de 22,3% na área cultivada e aumento de 159,9% na produção em relação à safra passada. Os campos de feijão caupi estão distribuídos pelo Centro-Norte, Centro-Sul, Vale

do São Francisco e Extremo Oeste, em manejo irrigado e sequeiro, com plantio direto e convencional. No Extremo Oeste estima-se o cultivo de 64 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central. As lavouras de sequeiro não sofreram com o veranico ocorrido e é possível encontrar campos na fase de maturação das vagens. O plantio dos campos irrigados foi realizado após a colheita da soja. Estima-se a produtividade de 900 kg/ha (15 scs/ha) e produção de 57,6 mil toneladas.



No Maranhão quase a totalidade das lavouras já foi colhida (89%), 1% está em floração, 4% em enchimento e 6% em maturação de grãos. A área total plantada é de 36,4 mil hectares, com produtividade média igual a 544 kg/ha e uma produção de 19,8 mil toneladas. Em relação à safra 2015/16, o aumento de área plantada e da produtividade atingem 23,3% e 16,2%, respectivamente, refletindo em 43,5% no incremento da produção, impulsionados pelas previsões meteorológicas otimistas da safra corrente.

No Ceará o feijão vigna ou caupi é tradicional no Nordeste, que possui lavouras desta cultura em praticamente todos os estados que o compõe. No Ceará é muito comum ver plantações dessa cultura nos quintais das casas, em pequenas áreas, para ser consumido pela família que apenas vende o excedente. O preparo do solo é mecanizado na maioria das áreas cultivadas, porém, ainda há áreas em que é realizado de forma manual, com tração animal. O plantio é manual em grande parte das áreas, feito com o instrumento agri-

cola conhecido como “matraca”. Muitos agricultores plantam o feijão consorciado com o milho e em algumas regiões, também se faz consórcio com a mandioca. São utilizadas pelo agricultor sementes comuns e certificadas de primeira geração, estas últimas, distribuídas pelo governo estadual. A semente distribuída é do cultivar BRS Pujante. Possui ciclo médio de 70 dias até a primeira colheita, tem hábito de crescimento indeterminado e porte semiamador. As cultivares crioulas são todas precoces (60 dias) e conhecidas na região por feijão patativa, feijão ligeiro entre outras. Foram pesquisados 233.442 hectares e destes, 95,34% já estão semeados. A cultura se encontra em estágio de germinação, desenvolvimento vegetativo, floração, frutificação, maturação e algumas áreas colhidas. Nas regiões centro e leste do cariri e centro-sul do estado se concentram a maior parte das áreas que já foram colhidas (9.475,6 hectares). O preço que os agricultores estão recebendo pelo grão nesses locais estão variando de R\$ 1,50 a R\$ 2,92 por quilograma.

Figura 20 – Plantio de feijão nos quintais de agricultores familiares em Brejo Santo/CE



Fonte: Conab.

Figura 21 – Consórcio Feijão Vigna com milho em desenvolvimento vegetativo em Brejo Santo/CE



Fonte: Conab.

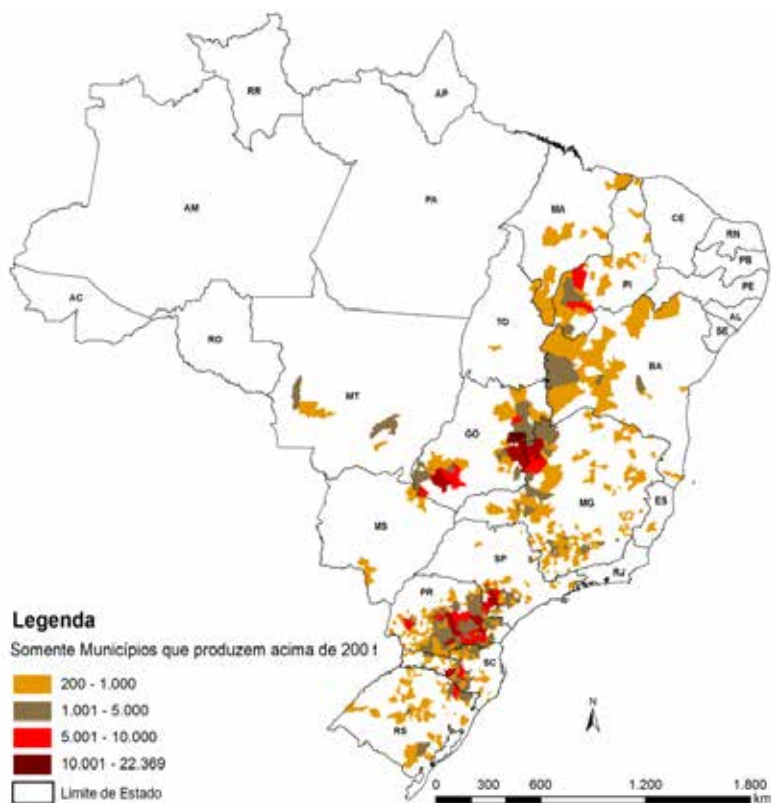


Em Tocantins a área plantada, constatada neste levantamento, teve um acréscimo de 18,2% ao caupi, se comparada à safra anterior. As lavouras de feijão caupi se desenvolveram melhor nesta safra e já apresentam 37% de área colhida e 44% já em maturação.

Em Mato Grosso a colheita do feijão caupi primeira safra também está finalizada. O balanço da safra 2016/17 foi positivo para a cultura, cuja área plantada registrou aumento de 60%, saltando de 4 mil hecta-

res no período 2015/16 para 6,4 mil hectares no atual. A produtividade também atingiu bons números, com rendimento médio de 1.200 kg/ha, desempenho 66,7% superior aos 720 kg/ha obtidos na safra anterior, a qual registrou baixos índices pluviométricos que afetaram significativamente o rendimento da lavoura. Assim, calcula-se que a produção da leguminosa seja 165,5% superior à do período 2015/16, passando de 2,9 mil toneladas para 7,7 mil toneladas.

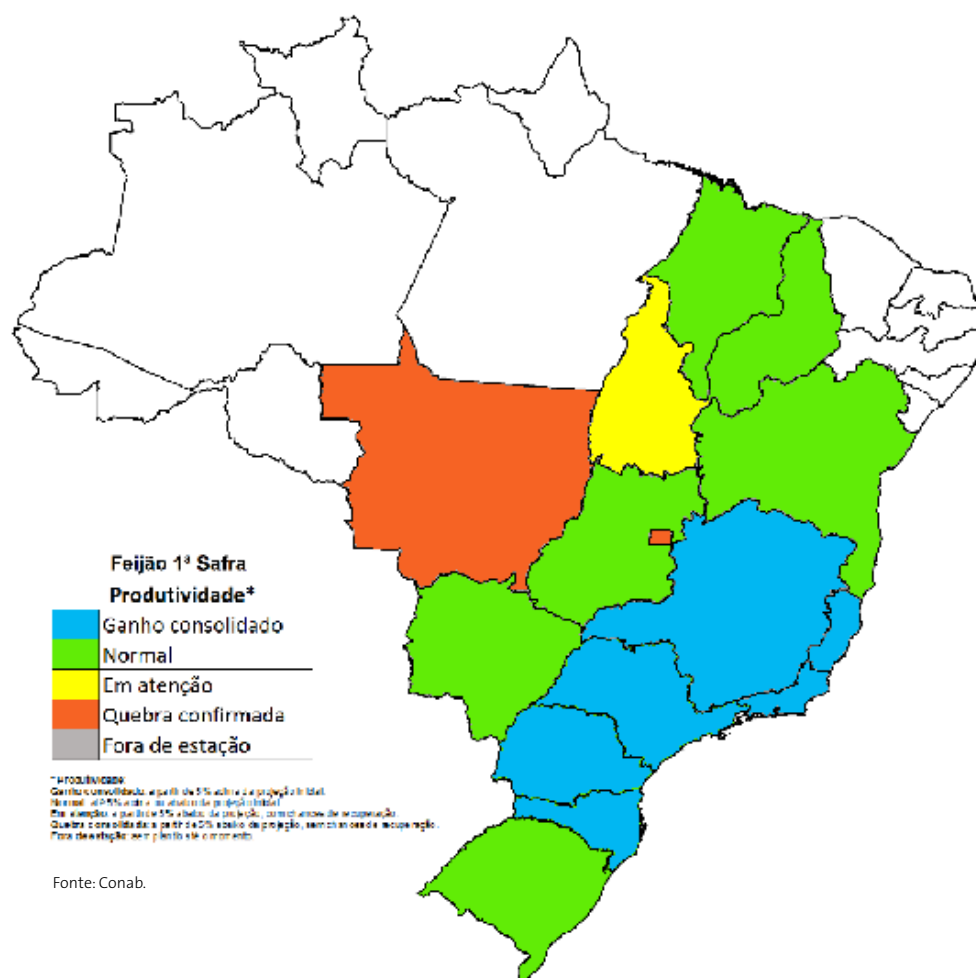
Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 23 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão primeira safra



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PI	Centro-Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Piauiense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Vale São-Franciscano da Bahia			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Norte Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Sul Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	DV	F	F/FR/M	M/C						
	Norte Mato-grossense		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
GO	Leste Goiano		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sul Goiano		P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C						
	Norte Goiano		P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C						
DF	Distrito Federal		P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
MG	Noroeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Norte de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Oeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Campo das Vertentes		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Zona da Mata		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
SP**	Bauru	DV	F	FR	M	C							P
	Assis	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						PP	P/G
	Itapetininga	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						PP	P/G
PR	Norte Central Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Sudoeste Paranaense	P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
SC	Oeste Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Serrana		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
Favorável
Baixa Restrição - Geadas ou baixas temperaturas
Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,6	4,8	4,3	716	642	(10,4)	3,3	3,1	(6,1)
TO	4,6	4,8	4,3	716	642	(10,4)	3,3	3,1	(6,1)
NORDESTE	430,2	490,3	14,0	255	497	94,8	109,8	243,8	122,0
MA	29,5	36,4	23,4	468	544	16,2	13,8	19,8	43,5
PI	211,5	227,0	7,3	139	360	159,0	29,4	81,7	177,9
BA	189,2	226,9	19,9	352	627	78,1	66,6	142,3	113,7
CENTRO-OESTE	70,6	81,5	15,4	2.129	2.203	3,5	150,4	179,5	19,3
MT	5,9	10,8	83,1	1.091	1.525	39,8	6,5	16,5	153,8
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.800	-	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,2	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	12,1	12,1	-	1.485	1.895	27,6	18,0	22,9	27,2
SUDESTE	202,3	248,9	23,0	1.561	1.649	5,6	315,8	410,6	30,0
MG	146,6	163,6	11,6	1.306	1.209	(7,4)	191,4	197,8	3,3
ES	4,9	3,6	(26,5)	1.239	947	(23,6)	6,1	3,4	(44,3)
RJ	0,8	0,6	(25,0)	1.107	1.127	1,8	0,9	0,7	(22,2)
SP	50,0	81,1	62,2	2.348	2.573	9,6	117,4	208,7	77,8
SUL	270,9	287,2	6,0	1.680	1.892	12,6	455,0	543,4	19,4
PR	181,4	194,1	7,0	1.575	1.858	17,9	285,7	360,6	26,2
SC	46,0	51,3	11,5	1.869	2.160	15,5	86,0	110,8	28,8
RS	43,5	41,8	(3,9)	1.915	1.721	(10,1)	83,3	72,0	(13,6)
NORTE/NORDESTE	434,8	495,1	13,9	260	499	91,7	113,1	246,9	118,3
CENTRO-SUL	543,8	617,6	13,6	1.694	1.835	8,3	921,2	1.133,5	23,0
BRASIL	978,6	1.112,7	13,7	1.057	1.240	17,4	1.034,3	1.380,4	33,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
DF	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
SUDESTE	4,4	9,3	111,4	972	878	(9,7)	4,3	8,2	90,7
MG	1,6	6,9	331,0	570	838	47,0	0,9	5,8	544,4
ES	2,0	1,8	(10,0)	1.239	947	(23,6)	2,5	1,7	(32,0)
RJ	0,8	0,6	(20,0)	1.107	1.127	1,8	0,9	0,7	(22,2)
SUL	174,9	163,7	(6,4)	1.618	1.869	15,5	283,0	306,1	8,2
PR	125,3	112,0	(10,6)	1.563	1.913	22,4	195,8	214,3	9,4
SC	16,1	19,9	23,6	1.731	2.200	27,1	27,9	43,8	57,0
RS	33,5	31,8	(5,1)	1.770	1.508	(14,8)	59,3	48,0	(19,1)
CENTRO-SUL	180,5	174,2	(3,5)	1.601	1.816	13,4	289,1	316,5	9,5
BRASIL	180,5	174,2	(3,5)	1.601	1.816	13,4	289,1	316,5	9,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,9	0,4	(55,6)	1.252	990	(20,9)	1,1	0,4	(63,6)
TO	0,9	0,4	(56,5)	1.252	990	(20,9)	1,1	0,4	(63,6)
NORDESTE	50,3	57,0	13,3	670	997	48,8	33,7	56,8	68,5
BA	50,3	57,0	13,3	670	997	48,8	33,7	56,8	68,5
CENTRO-OESTE	65,4	73,9	13,0	2.225	2.296	3,2	145,7	169,6	16,4
MT	1,9	4,4	131,6	1.872	1.998	6,7	3,6	8,8	144,4
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.800	-	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,2	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	10,9	10,9	-	1.486	1.900	27,9	16,2	20,7	27,8
SUDESTE	197,3	225,3	14,2	1.576	1.748	10,9	311,0	394,0	26,7
MG	144,4	142,4	(1,4)	1.316	1.289	(2,1)	190,0	183,6	(3,4)
ES	2,9	1,8	(38,0)	1.239	947	(23,6)	3,6	1,7	(52,8)
SP	50,0	81,1	62,2	2.348	2.573	9,6	117,4	208,7	77,8
SUL	96,0	123,5	28,6	1.792	1.922	7,2	172,0	237,3	38,0
PR	56,1	82,1	46,3	1.603	1.782	11,2	89,9	146,3	62,7
SC	29,9	31,4	5,0	1.944	2.134	9,8	58,1	67,0	15,3
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	51,2	57,4	12,1	680	997	46,6	34,8	57,2	64,4
CENTRO-SUL	358,7	422,7	17,8	1.752	1.895	8,1	628,7	800,9	27,4
BRASIL	409,9	480,1	17,1	1.619	1.787	10,4	663,5	858,1	29,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3,7	4,4	18,9	586	610	4,1	2,2	2,7	22,7
TO	3,7	4,4	18,2	586	610	4,1	2,2	2,7	22,7
NORDESTE	379,9	433,3	14,1	200	432	115,4	76,1	187,0	145,7
MA	29,5	36,4	23,3	468	544	16,2	13,8	19,8	43,5
PI	211,5	227,0	7,3	139	360	159,0	29,4	81,7	177,9
BA	138,9	169,9	22,3	237	503	112,2	32,9	85,5	159,9
CENTRO-OESTE	4,0	6,4	60,0	720	1.200	66,7	2,9	7,7	165,5
MT	4,0	6,4	60,0	720	1.200	66,7	2,9	7,7	165,5
SUDESTE	0,6	14,3	2.283,3	900	590	(34,4)	0,5	8,4	1.580,0
MG	0,6	14,3	2.283,0	900	590	(34,4)	0,5	8,4	1.580,0
NORTE/NORDESTE	383,6	437,7	14,1	204	433	112,3	78,3	189,7	142,3
CENTRO-SUL	4,6	20,7	350,0	743	779	4,7	3,4	16,1	373,5
BRASIL	388,2	458,4	18,1	210	449	113,3	81,7	205,8	151,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



9.1.4.2.FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Assim, como o feijão primeira safra, a segunda safra também tem a maior parte de sua produção na Região Centro-Sul. Considerando a safra 2016/17 este volume da região é quase 80% da produção total, destacando-se Paraná, Mato Grosso e Minas Gerais, mesmo ocupando apenas 46% das áreas cultivadas com a cultura. A área de feijão segunda safra está es-

timada para este oitavo levantamento em 1.414,4 mil hectares, o que configura um incremento de 7,9% em relação à safra passada. A produtividade deve ter um incremento de 27,8% em relação à safra anterior, saindo de 696 kg/ha para 890 kg/ha. A produção deve ser de 1.258,4 mil toneladas.

Feijão comum cores

O feijão cores permanece, assim como na primeira safra, sendo o tipo mais produzido na segunda safra. A estimativa é de 624 mil toneladas para a safra 2016/17, ou seja, 25,8% superior à safra passada. O reflexo é resultado do aumento de área (5,5%) e produtividade (19,2%).

No Paraná a colheita já iniciou em poucas regiões, aproximadamente 8% da área plantada. Com relação à safra anterior, houve acréscimo de 20,2% na área

plantada, estando em 157,2 mil hectares. Este aumento ocorreu porque o preço da leguminosa estava atrativo na época do plantio e também devido à proibição da soja segunda safra. A produtividade média registrada no estado é de 1.747 kg/ha e as lavouras estão em boas condições e o clima tem sido favorável, o que justifica o bom rendimento. Na semana deste levantamento, a região sudoeste foi acometida por geadas de média intensidade e espera-se redução na produtividade, porém, os prejuízos ainda não foram calculados.

Figura 24 - Lavoura de feijão cores em floração em Campo Mourão/PR



Fonte: Conab.



Figura 25 – Lavoura de feijão cores em desenvolvimento vegetativo em Campo Mourão/PR



Fonte: Conab.

Em Santa Catarina, as lavouras de feijão cores segunda safra encontram-se em diversas fases, haja vista seu plantio mais tardio. A grande maioria encontra-se em granação (70%) e maturação (30%). A qualidade delas é considerada boa, mas a formação de geada em boa parte das áreas de cultivo pode comprometer parte das lavouras mais atrasadas. Assim, a produtividade estimada deve alcançar em torno de 1.990 kg/ha, um recuo em relação ao obtido no último levantamento, mas que pode ser menor caso as perdas decorrentes da geada se confirmarem.

Em Minas Gerais observa-se uma tendência de redução de 6,1% da área de plantio de feijão segunda safra, passando dos 116,8 mil hectares plantados na safra 2016/17 para 109,7 mil hectares previstos para a safra atual em razão dos preços menos remuneradores quando comparado com a safra anterior, atualmente na faixa de R\$140,00 a R\$150,00 a saca de 60 quilos. A produtividade por sua vez deve sofrer um acréscimo em torno de 7,9%, considerando que no ano anterior ocorreu um período de estiagem a partir do final de março e se estendeu ao longo de abril. Dessa forma, está previsto um aumento da produção em torno de 1,3%, alcançando 150,8 mil toneladas, frente às 148,8 mil toneladas registradas na safra passada. As lavouras já foram plantadas e se encontram em fase de desenvolvimento vegetativo (60%), floração (30%) e frutificação (10%).

Em São Paulo, o feijão segunda safra é plantado e colhido antes que a soja comece a florescer e, e a mosca-branca, hospedeira do vírus do mosaico dourado acabe se proliferando de modo descontrolado. Como se multiplica rapidamente, em torno de 20 dias, com o favorecimento da umidade e do calor, o vírus pode causar grandes prejuízos nos feijoeiros. Essa praga, de difícil erradicação, tem limitado o plantio de uma segunda safra, pois os danos causados por essa infesta-

ção podem comprometer toda lavoura. O inseto transmite o vírus do mosaico dourado e as sementes têm o seu tamanho, peso e qualidade reduzidos. Sinaliza com forte redução na área de 11,8% no estado, visto à aversão do produtor aos riscos inerentes da safra da seca, bem como preços menores.

Em Mato Grosso o feijão cores segunda safra está em estágio de frutificação e maturação e as condições das lavouras são consideradas boas. A colheita está prevista para ser iniciada a partir da segunda quinzena de maio, estendendo-se até junho. A área destinada ao cultivo do feijão cores segunda safra será 67,3% maior que à da safra 2015/16, passando de 17 mil hectares na safra 2015/16 para 28,4 mil hectares na atual. O bom desenvolvimento do feijoeiro remete à boa expectativa de produtividade. Assim, estima-se um rendimento médio de 1.775 kg/ha, 104,6% acima dos 868 kg/ha obtidos na safra 2015/16. Portanto, a produção da safra 2016/17 de feijão-carioca segunda safra está estimada em 50,4 mil toneladas, índice 242,9% maior do que as 14,7 mil toneladas do período anterior.

Em Mato Grosso do Sul o plantio da cultura do feijão segunda safra encerrou-se na primeira quinzena de abril, atingindo uma área total estimada hoje em torno de 20 mil hectares, com uma produtividade média esperada de 1.500 kg/ha, cabe salientar que essa estimativa é superior em 50,5% à safra anterior, em face da ocorrência de estiagem severa na fase inicial da cultura, afetando consideravelmente a produtividade no ano de 2016. Com relação à área implantada no estado, houve um aumento de 42,9% superior à safra do ano anterior, que ocorreu em razão das expectativas por parte dos produtores devido às melhores condições de preço para comercialização da cultura em detrimento do milho, que vem sofrendo quedas constantes de preço, ocasionado pelos estoques de passagem mais elevados neste ano, além da boa safra



prevista a partir de fins de junho. As principais áreas de cultivo do feijão encontram-se na região sudoeste, representada pelos municípios de Sidrolândia, Bonito, Maracaju e sul por Caarapó, visto que atualmente os preços pagos ao produtor está em R\$130,00 a saca de 60 kg, que, considerando a produtividade estimada, apresenta ainda um bom retorno ao produtor. O clima no estado continua sendo favorável ao desenvolvimento do feijoeiro, com bons índices pluviométricos durante abril proporcionando um bom desenvolvimento da cultura que se encontra em germinação (25,40%), desenvolvimento vegetativo (47,75%), fase inicial de floração (23,40%) e frutificação no estágio R3, ou seja, início de formação da vagem, visto que até o momento não há registros de pragas e doenças não controladas.

No Distrito Federal, na safra anterior, a área semeada com feijão segunda safra era de 0,8 mil hectares. Neste levantamento estima-se manutenção dessa área, permanecendo, até o momento, a mesma área cultivada da safra passada. A produtividade média estimada em 2.200 kg/ha é superior à obtida na safra passada, resultando numa produção de 1,8 mil toneladas, superior em 12,5% à obtida na safra passada.

O governo de Rondônia, em anos anteriores, fazia a entrega de sementes selecionadas aos pequenos produtores. A partir da safra 2012/13 isso não vem acontecendo. Para essa safra 2016/17 fomos informados pelos escritórios de projetos, Emater, cerealistas e produtores, que a disponibilidade de sementes selecionadas de feijão ainda não estão acontecendo plenamente, o que resulta numa redução de 0,5% na área plantada, estimada em 20,9 mil hectares. Alguns locais não se supriram dessas sementes. Essas lavouras começam a ser plantadas quando as chuvas começam a findar na Amazônia. Em razão das chuvas intensas, que ainda estão acontecendo, poucos produtores deram início as suas lavouras. Das lavouras

que já deram início, os estádios estão em germinação (20%), desenvolvimento vegetativo (20%), floração (30%), frutificação (20%) e maturação (10%). As lavouras estão se desenvolvendo satisfatoriamente.

Em Tocantins a área cultivada com feijão na segunda safra teve incremento de 31,4% (13,8 mil hectares), se comparado à safra passada. O fato que levou a este aumento foram três produtores de Silvanópolis que, após a frustração da safra passada e dada a expectativa futura de preços, substituíram 100% da área cultivada com milho segunda safra pelo feijão caupi. Para esta safra é esperada uma produção 26,4% maior em relação à safra passada.

No Amazonas o feijão cores é uma cultura praticada em pequena escala, embora desenvolvida em todo o estado, por pequenos produtores da agricultura familiar, cultivando apenas para sua subsistência. Nesta safra foram plantados 2,8 mil hectares, retração de 31,7% em relação à safra passada, retração também na produtividade de 0,2%, obtendo uma média de 925 kg/ha, com redução na produção de 31,6%, estimada em 2,6 mil toneladas. O plantio em terra firme é realizado de abril a junho e a colheita de julho a agosto. Já para a várzea, o plantio se dá em agosto, setembro e outubro, com colheita de novembro a janeiro.

No Ceará o cultivo do feijão *phaseolus*, mais conhecido como cores, sofreu uma redução de área em virtude dos seguidos anos de seca. A semente, que outrora era distribuída pelo governo do estado, não o é mais há alguns anos. As áreas onde ainda é realizado o plantio são utilizadas sementes próprias ou adquiridas no comércio local. A área cultivada totaliza 1.200 hectares, localizados na parte norte do estado, na serra da Ibiapaba e adjacências, uma região úmida do estado. A cultura se encontra em desenvolvimento vegetativo, frutificação e maturação.

Feijão comum preto

O feijão comum preto é o terceiro mais cultivado na segunda safra. A estimativa é de 219,1 mil toneladas numa área de 130,5 mil hectares.

No Paraná o feijão preto segunda safra apresenta área total de 85,6 mil hectares, o que representa 17,3% de incremento com relação à safra anterior, visto que a produtividade estimada é de 1.776 kg/ha. O aumento da área plantada se deve ao preço da leguminosa que estava atrativo na época do plantio e também devido à proibição da soja segunda safra, enquanto que o aumento de 19,5% na produtividade, quando comparada à safra anterior, se deve às boas condições climáticas.

Porém, na semana deste levantamento, a região sudoeste foi acometida por geadas de média intensidade e espera-se redução na produtividade, porém, os prejuízos ainda não foram calculados. Atualmente 8% da área plantada já se encontra colhida.

No Rio Grande do Sul a cultura do feijão segunda safra encontra-se majoritariamente na fase de enchimento de grãos (60%), maturação (20%) e (6%) já colhido. As condições da lavoura são adequadas até o momento, visto que tem chovido regularmente e, além disso, boa parte das lavouras são conduzidas sob pivô central. A expectativa de rendimento está em 1.615 kg/ha.



Em Santa Catarina o clima foi considerado favorável durante boa parte do desenvolvimento, chuvas ocorrendo em volume e frequência apropriados, suprimindo em grande parte as necessidades da cultura. As temperaturas começaram a reduzir a partir de abril devido mudança da estação, resultando em noites mais frescas e dias mais curtos, o que pode ter afetado o desenvolvimento de algumas lavouras em estágio mais suscetível. Em final de abril, a ocorrência de geadas em algumas regiões deve afetar a qualidade das lavouras, pois muitas ainda estavam em fase final de formação de grãos. As lavouras encontram-se em vários estádios, resultado do plantio mais tardio, sendo sua maioria em granação. Até o momento estima-se produtividade em torno de 1.800 kg/ha, a qual deve

Feijão caupi

Em Mato Grosso, as lavouras da região médio-norte, que concentra mais da metade da área destinada à cultura no estado, estão em estágio de frutificação, enquanto que em outras regiões a lavoura encontra-se ainda em floração. A expectativa é que a colheita ocorra a partir da segunda quinzena de maio e se intensifique durante junho. A área plantada da cultura para a safra 2016/17 é de aproximadamente 187,1 mil hectares, ante aos 169 mil hectares da safra anterior. Esse aumento de 10,7% na área deve-se principalmente à boa expectativa de mercado, visto que seus preços estão em patamar elevado, em algumas praças atingindo R\$ 170,00/ 60 kg. A estimativa de rendimento para a safra atual é de 1.220 kg/ha, ante aos 756 kg/ha na safra anterior, variação de 61,4%. Com isso, espera-se uma produção de 228,3 mil toneladas do grão, ante aos 127,8 mil toneladas da safra passada.

No Maranhão a área total a ser plantada é de 50,5 mil hectares, com produtividade média igual a 725 kg/ha, com uma produção de 36,6 mil toneladas, representando acréscimo em relação à safra passada de 6,1% na área, 35,3% na produtividade e 43,5% na produção. O plantio teve início em boa parte do estado (81%), sobretudo na região sul do estado, onde destes, maior parte das lavouras ainda permanecem em estádios de germinação e desenvolvimento vegetativo (38%), 3% está florando, enquanto enchimento e maturação de grãos contemplam 1%.

Em Tocantins, a área a ser cultivada com feijão na segunda safra teve incremento de 51,7%, se comparada à safra passada. O fato que levou a este aumento foram produtores que, após a frustração da safra passada e dada a expectativa futura de preços, substituíram 100% da área cultivada com milho segunda safra pelo feijão caupi. Por se tratar de uma cultura bastante rústica e mais resistente à seca, seu plantio

apresentar certa redução em razão do fenômeno climático observado.

Na Paraíba a cultura do feijão-preto é explorada em poucos municípios. Na safra passada foram plantados 1,7 mil hectares, que, pela insuficiência de chuvas, teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra, em comparação à safra anterior, estima-se a redução de área para 1,1 mil hectares, com previsão de produtividade em 270 kg/ha.

No Rio de Janeiro, do total das áreas que estão plantadas, em sua totalidade apontamos um crescimento em torno de 16% em relação à safra anterior.

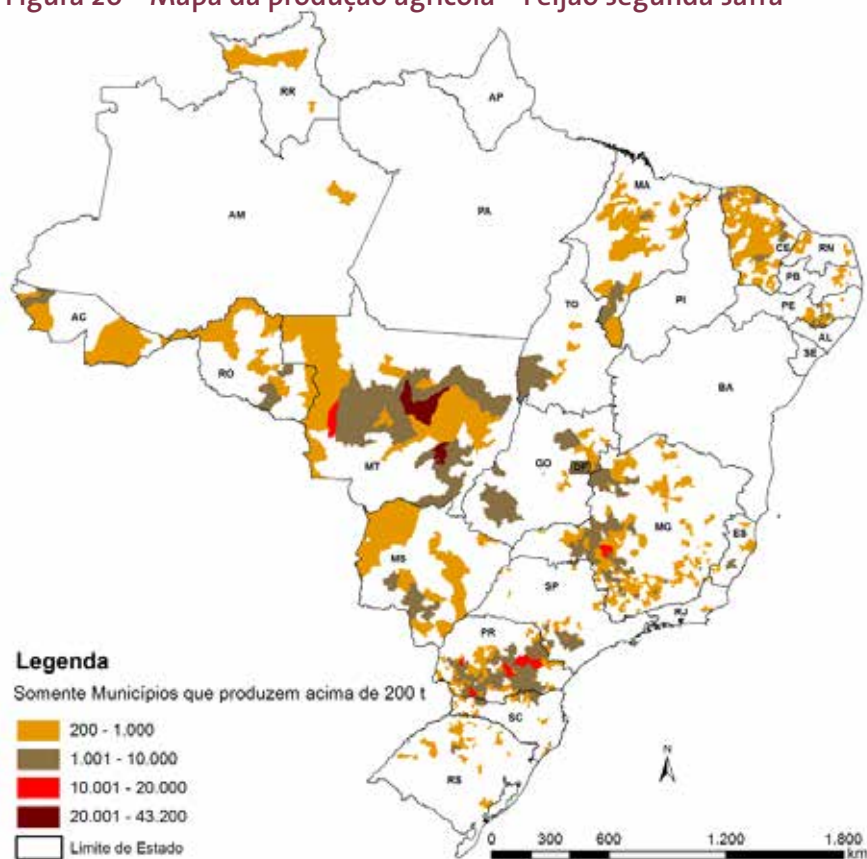
é realizado mais tardio que o do milho, que ainda está em andamento.

Em Pernambuco em virtude das condições climáticas desfavoráveis, o cultivo iniciou-se tardiamente, o qual, por sua vez, associado à falta dos incentivos inerentes a distribuição de sementes e da diminuição de terra, resultou numa estimativa de redução de 6,5% na área plantada e de 10,7% na produção em relação à safra normal. Pelos dados apresentados há uma redução na área de plantio em relação à safra anterior e ainda, segundo o observado em campo, já se estima uma perda da área plantada em torno de 50% devido às condições climáticas no estado. Na região do agreste do estado, não foi registrado plantio expressivo da cultura na região.

Na Paraíba, nas cinco últimas safras, a cultura do feijão caupi foi prejudicada pela falta de chuvas. Em um passado próximo, a área plantada chegava a 170 mil hectares. Na atual safra apresenta uma intenção de plantio total na ordem de 69,1 mil hectares, com produtividade estimada em 250 kg/ha.

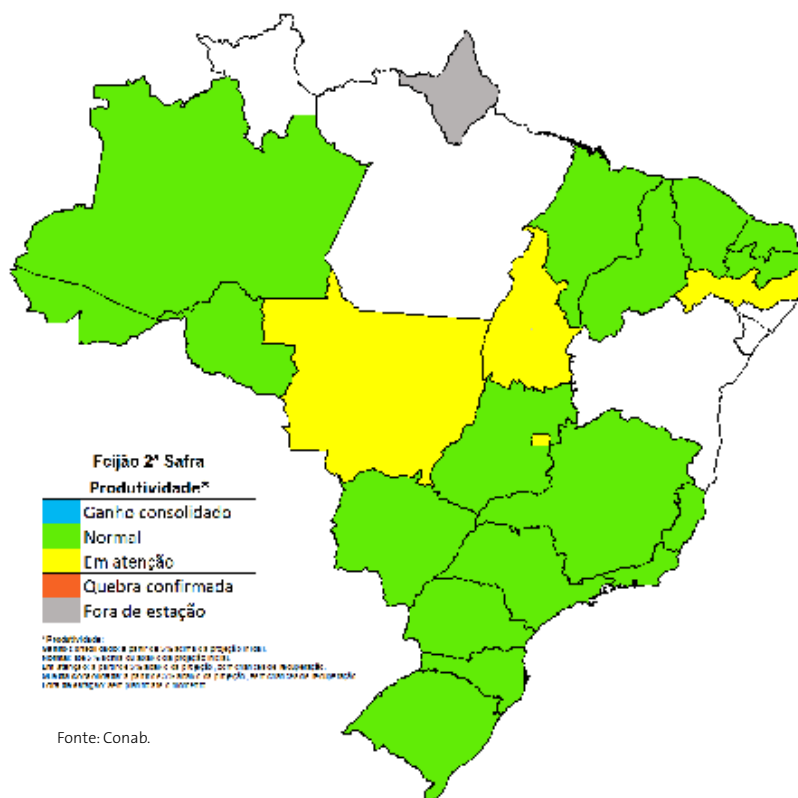


Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 27 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão segunda safra



Fonte: Conab.



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense							P	DV	F	FR	M/C	C
	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Central Mineira						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Vale do Rio Doce						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Campo das Vertentes						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Zona da Mata						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
ES	Central Espírito-Santense						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Assis						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Metropolitana de Curitiba					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
SC	Oeste Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sul Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	DV/F	FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Baixa Restrição - Geadas ou baixas temperaturas
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	44,4	46,5	4,7	853	879	3,0	37,9	40,9	7,9
RO	20,8	20,9	0,5	856	926	8,2	17,8	19,4	9,0
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	593	(0,3)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	7,7	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
TO	10,5	13,8	31,4	1.009	971	(3,7)	10,6	13,4	26,4
NORDESTE	650,0	693,9	6,8	177	272	53,5	115,2	188,9	64,0
MA	47,6	50,5	6,1	536	725	35,3	25,5	36,6	43,5
PI	3,0	4,9	63,3	545	958	75,8	1,6	4,7	193,8
CE	371,1	401,8	8,3	155	239	54,4	57,4	96,0	67,2
RN	29,9	35,8	19,7	213	408	91,5	6,4	14,6	128,1
PB	86,8	98,0	12,9	143	271	89,0	12,4	26,6	114,5
PE	111,6	102,9	(7,8)	107	101	(5,0)	11,9	10,4	(12,6)
CENTRO-OESTE	230,4	256,4	11,3	879	1.348	53,4	202,6	345,7	70,6
MT	186,0	215,5	15,9	766	1.293	68,8	142,5	278,7	95,6
MS	14,0	20,0	42,9	997	1.500	50,5	14,0	30,0	114,3
GO	29,5	20,0	(32,2)	1.500	1.750	16,7	44,3	35,0	(21,0)
DF	0,9	0,9	1,1	1.991	2.189	9,9	1,8	2,0	11,1
SUDESTE	140,8	137,2	(2,6)	1.316	1.395	6,0	185,4	191,3	3,2
MG	118,8	115,6	(2,7)	1.265	1.351	6,8	150,3	156,1	3,9
ES	5,7	6,9	21,1	870	1.161	33,4	5,0	8,0	60,0
RJ	1,0	1,2	20,0	906	1.008	11,3	0,9	1,2	33,3
SP	15,3	13,5	(11,8)	1.907	1.928	1,1	29,2	26,0	(11,0)
SUL	245,6	280,4	14,2	1.513	1.753	15,9	371,5	491,6	32,3
PR	203,8	242,8	19,1	1.476	1.757	19,1	300,8	426,7	41,9
SC	17,4	18,3	5,2	1.841	1.839	(0,1)	32,0	33,7	5,3
RS	24,4	19,3	(20,9)	1.588	1.615	1,7	38,7	31,2	(19,4)
NORTE/NORDESTE	694,4	740,4	6,6	221	310	40,7	153,1	229,8	50,1
CENTRO-SUL	616,8	674,0	9,3	1.231	1.526	23,9	759,5	1.028,6	35,4
BRASIL	1.311,2	1.414,4	7,9	696	890	27,8	912,6	1.258,4	37,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	270	141,1	0,2	0,3	50,0
PB	1,7	1,1	(37,0)	112	270	141,1	0,2	0,3	50,0
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	11,1	1.910	2.100	9,9	0,2	0,2	-
DF	0,1	0,1	-	1.910	2.100	9,9	0,2	0,2	-
SUDESTE	5,3	9,9	86,8	828	937	13,2	4,4	9,3	111,4
MG	2,0	5,9	195,0	740	898	21,4	1,5	5,3	253,3
ES	2,3	2,8	21,7	870	988	13,6	2,0	2,8	40,0
RJ	1,0	1,2	16,0	906	1.008	11,3	0,9	1,2	33,3
SUL	110,9	119,4	7,7	1.547	1.753	13,3	171,5	209,3	22,0
PR	73,0	85,6	17,3	1.486	1.776	19,5	108,5	152,0	40,1
SC	13,5	14,5	7,4	1.800	1.800	-	24,3	26,1	7,4
RS	24,4	19,3	(20,9)	1.588	1.615	1,7	38,7	31,2	(19,4)
NORTE/NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	270	141,1	0,2	0,3	50,0
CENTRO-SUL	116,3	129,4	11,3	1.514	1.691	11,7	176,1	218,8	24,2
BRASIL	118,0	130,5	10,6	1.494	1.679	12,4	176,3	219,1	24,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	38,4	35,4	(7,8)	881	922	4,6	33,9	32,6	(3,8)
RO	20,8	20,9	0,5	856	926	8,2	17,8	19,4	9,0
AC	7,7	5,6	(27,3)	595	580	(2,5)	4,6	3,2	(30,4)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	11,5	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
TO	4,5	4,7	3,4	1.457	1.367	(6,2)	6,6	6,4	(3,0)
NORDESTE	34,7	34,0	(2,0)	193	291	50,9	6,6	10,0	51,5
CE	4,6	1,9	(58,8)	377	243	(35,5)	1,7	0,5	(70,6)
PB	24,0	27,8	16,0	177	323	82,5	4,2	9,0	114,3
PE	6,1	4,3	(29,5)	116	105	(9,5)	0,7	0,5	(28,6)
CENTRO-OESTE	61,3	69,2	12,9	1.216	1.693	39,2	74,6	117,2	57,1
MT	17,0	28,4	67,3	868	1.775	104,6	14,7	50,4	242,9
MS	14,0	20,0	42,9	997	1.500	50,5	14,0	30,0	114,3
GO	29,5	20,0	(32,2)	1.500	1.750	16,7	44,3	35,0	(21,0)
DF	0,8	0,8	-	2.000	2.200	10,0	1,6	1,8	12,5
SUDESTE	135,5	127,3	(6,1)	1.335	1.431	7,1	181,0	182,0	0,6
MG	116,8	109,7	(6,1)	1.274	1.375	7,9	148,8	150,8	1,3
ES	3,4	4,1	20,6	870	1.279	47,0	3,0	5,2	73,3
SP	15,3	13,5	(11,8)	1.907	1.928	1,1	29,2	26,0	(11,0)
SUL	134,7	161,0	19,5	1.485	1.753	18,0	200,0	282,2	41,1
PR	130,8	157,2	20,2	1.470	1.747	18,8	192,3	274,6	42,8
SC	3,9	3,8	(2,6)	1.982	1.990	0,4	7,7	7,6	(1,3)
NORTE/NORDESTE	73,1	69,4	(5,1)	554	613	10,5	40,5	42,6	5,2
CENTRO-SUL	331,5	357,5	7,8	1.374	1.626	18,4	455,6	581,4	27,6
BRASIL	404,6	426,9	5,5	1.226	1.462	19,2	496,1	624,0	25,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,0	11,1	85,0	673	742	10,3	4,0	8,3	107,5
AC	-	2,0	-	-	630	-	-	1,3	-
TO	6,0	9,1	51,7	673	767	14,0	4,0	7,0	75,0
NORDESTE	613,6	658,8	7,4	177	271	53,5	108,4	178,8	64,9
MA	47,6	50,5	6,1	536	725	35,3	25,5	36,6	43,5
PI	3,0	4,9	64,5	545	958	75,8	1,6	4,7	193,8
CE	366,5	399,9	9,1	152	239	57,2	55,7	95,6	71,6
RN	29,9	35,8	19,7	213	408	91,5	6,4	14,6	128,1
PB	61,1	69,1	13,1	131	250	90,8	8,0	17,3	116,3
PE	105,5	98,6	(6,5)	106	101	(4,7)	11,2	10,0	(10,7)
CENTRO-OESTE	169,0	187,1	10,7	756	1.220	61,4	127,8	228,3	78,6
MT	169,0	187,1	10,7	756	1.220	61,4	127,8	228,3	78,6
NORTE/NORDESTE	619,6	669,9	8,1	181	279	53,8	112,4	187,1	66,5
CENTRO-SUL	169,0	187,1	10,7	756	1.220	61,4	127,8	228,3	78,6
BRASIL	788,6	857,0	8,7	305	485	59,1	240,2	415,4	72,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



9.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra, devido ao calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foi aplicado um rendimento médio, baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores.

Feijão comum cores

Na Bahia o cultivo de inverno do feijão cores deverá ocupar uma área de 188,9 mil hectares. Os plantios serão realizados a partir de abril, e espera-se o rendimento de 748 kg/ha (12,5 scs/ha). A colheita deve ser iniciada em agosto, com a expectativa de produção em torno de 141,3 mil toneladas. Os campos de inverno de feijão cores estão distribuídos nas áreas do Centro-Norte e Nordeste. Na região nordeste do estado, as chuvas foram incipientes e irregulares, chovendo em algumas regiões e outras não. Estima-se que foram plantados cerca de 1% da área esperada. Ainda assim, os produtores estão otimistas e quase a totalidade da área já está preparada para o plantio. Os cultivos

Apontando uma produtividade de 1.305 kg/ha e produção de 640,7 mil toneladas, incremento de 22% e 21,9%, respectivamente, em relação à safra passada.

mais produtivos estão nas microrregiões de Ribeira do Pombal e Alagoinhas. Nelas o cultivo é mecanizado e a grande utilização de fertilizantes e defensivos representam cerca de 30% da área cultivada com o feijão de inverno. As microrregiões de Serrinha, Riachão do Jacuípe, Paulo Afonso e Feira de Santana são caracterizadas pelo cultivo em áreas menores, com pouca mecanização agrícola e pouco uso de fertilizantes e defensivos. Nessas áreas ocorre o emprego da mão de obra familiar e o plantio consorciado com milho. O cultivo nessas microrregiões ocupa cerca de 70% da área cultivada com o feijão de inverno.

Figura 28 - Área preparada para o plantio do feijão cores no município de Ribeira do Pombal/BA, Abril de 2017



Fonte: Conab.

No Pará o cultivo de feijão cores ocupa a área de 6,1 mil hectares, os plantios são de sequeiro e em sistema convencional, com rendimento esperado de 700 kg/ha (11,6 scs/ha) para uma produção de 4,3 mil toneladas. Os números da safra atual representam redução de 22,8% na área cultivada e queda de 15,7% na produção em relação à safra passada. A Mesorregião do Sudoeste Paraense responde pelo cultivo de 3.545 hectares, correspondendo a 58,1% da área cultivada no estado. Os demais cultivos estão distribuídos nas Mesorregiões do Baixo Amazonas, Sudeste Paraense e Metropolitana de Belém, principalmente nos municípios de Castanhal e Bujaru.

No Paraná, a cultura está com área estimada em 3,6

mil hectares, redução de 20% em relação à safra passada. A semeadura deverá ocorrer entre abril e maio. A produtividade estimada é de 950 kg/ha.

O cultivo do feijão terceira safra no Distrito Federal é conduzido inteiramente sob irrigação, nos seus diferentes métodos. Esse plantio apresenta como vantagens, entre outras, a alta produtividade das lavouras, a redução de riscos, a colocação do produto no mercado em épocas não convencionais, além de possibilitar a produção de sementes de melhor qualidade. As áreas mais expressivas com feijão terceira safra no Distrito Federal estão localizadas na região Administrativa de Planaltina, participando com mais de 60% da produção regional. Para a safra 2016/17 estima-se manu-



tenção de área em comparação à cultivada na safra 2015/16 de 2,6 mil hectares. A produtividade média está estimada em 3.200 kg/ha, o que poderá resultar uma produção próxima a 8,3 mil toneladas. Conforme já explicitado acima, as lavouras conduzidas sob pivô poderão ser afetadas severamente, caso as condições de chuvas não se situem em níveis de normalidade. Na safra anterior uma grande quantidade de pivôs foi paralisada, dado, sobretudo, aos baixos níveis de água nos reservatórios. O plantio está previsto para meados de abril, maio e junho do corrente ano, com colheita em julho, agosto e setembro. Mais de 84% do feijão cultivado na região são do tipo “cores”, que agrega valor à atividade, com importância comercial e no abastecimento regional. Os 16% restantes estão distribuídos entre feijão caupi e preto, correspondendo a 10% e 6%, respectivamente.

Em Minas Gerais o feijão terceira safra são lavouras

Feijão caupi

Na Bahia espera-se que sejam cultivados cerca de 10,6 mil hectares, com produção de 5,3 mil toneladas. A média produtiva da região é de 500 kg/ha (8,3 scs/ha). Apesar de ter área pouco representativa, o feijão macaçar apresenta importante fonte alimentar na região nordeste, sendo cultivada em pequenas áreas da agricultura familiar e comercializadas em mercados locais. O feijão macaçar se destaca pela sua maior resistência ao déficit hídrico quando comparada ao feijão cores. Devido ao atraso das chuvas, os plantios não foram realizados.

No Pará a expectativa de plantio para esse ano é de aumento de área devido ao preço do produto no mercado, principalmente no que se refere ao feijão caupi. O cultivo do feijão caupi ocupa a área de 26,6 mil hectares. Os plantios são basicamente todos de sequeiro e estão previstos para junho e espera-se rendimento de 729 kg/ha (12,15 scs/ha) para uma expectativa de produção em torno de 22,8 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 6,4% na área cultivada e aumento de 3,7% na produção, em relação à safra passada. Os campos de feijão macaçar estão distribuídos nas Mesorregiões Nordeste, Sudeste, Su-

conduzidas sob irrigação e a confirmação da área de plantio será nos próximos levantamentos devido ao baixo nível de água nos reservatórios que abastecem os pivôs, especialmente na região noroeste onde concentra a maior área de plantio do estado. Dessa forma, está sendo mantida a área da safra anterior, ou seja, 69,1 mil hectares e uma produtividade média de 2.646 kg/ha. As lavouras ainda não foram plantadas.

Em Tocantins, para o feijão terceira safra, ainda não se obteve informações quanto à mudança de expectativa dos produtores. Para o feijão cores, cultivado na sua maioria sob pivô central, a área deverá se manter. Já para o caupi existe uma leve apreensão quanto à possibilidade de restrição de água nos reservatórios, visto que a área em questão compete com esta água com outras culturas como melancia e a própria soja subirrigada para semente.

doeste, Baixo Amazonas, em manejo de sequeiro com plantio convencional. No Nordeste, maior produtor, estima-se o cultivo de 15,6 mil hectares em manejo de sequeiro, com plantio convencional, com rendimento de 881 kg/ha (14,7 scs/ha), para uma produção esperada de 13,8 mil toneladas. No Sudeste estima-se o cultivo de 4,8 mil hectares em manejo de sequeiro e plantio convencional, com rendimento esperado de 933 kg/ha (15,6 sc/ha) para uma produção de 4,6 mil toneladas. No Sudoeste estima-se o cultivo de 1,9 mil hectares em manejo de sequeiro em plantio convencional, com rendimento esperado de 743 kg/ha (12,4 scs/ha), para uma produção de 1,4 toneladas. Na Mesorregião do Baixo Amazonas estima-se o cultivo de 2,6 mil hectares, todos em cultivos de sequeiro e convencional, com rendimento esperado de 678 kg/ha (11,3 scs/ha), para uma produção em torno de 1,8 toneladas.

No Paraná, cultura com área estimada de 3,6 mil hectares, redução de 20% em relação à safra passada. O plantio está 57% concluído e a produtividade estimada é de 950 kg/ha. O bom rendimento é atribuído ao clima favorável.



Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra

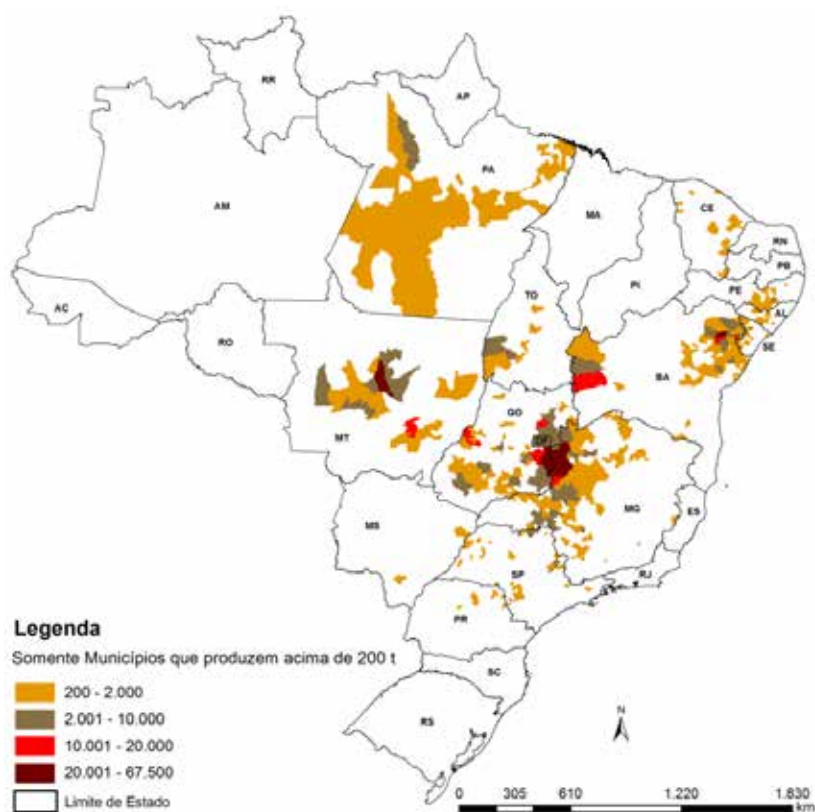


Figura 30 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão terceira safra

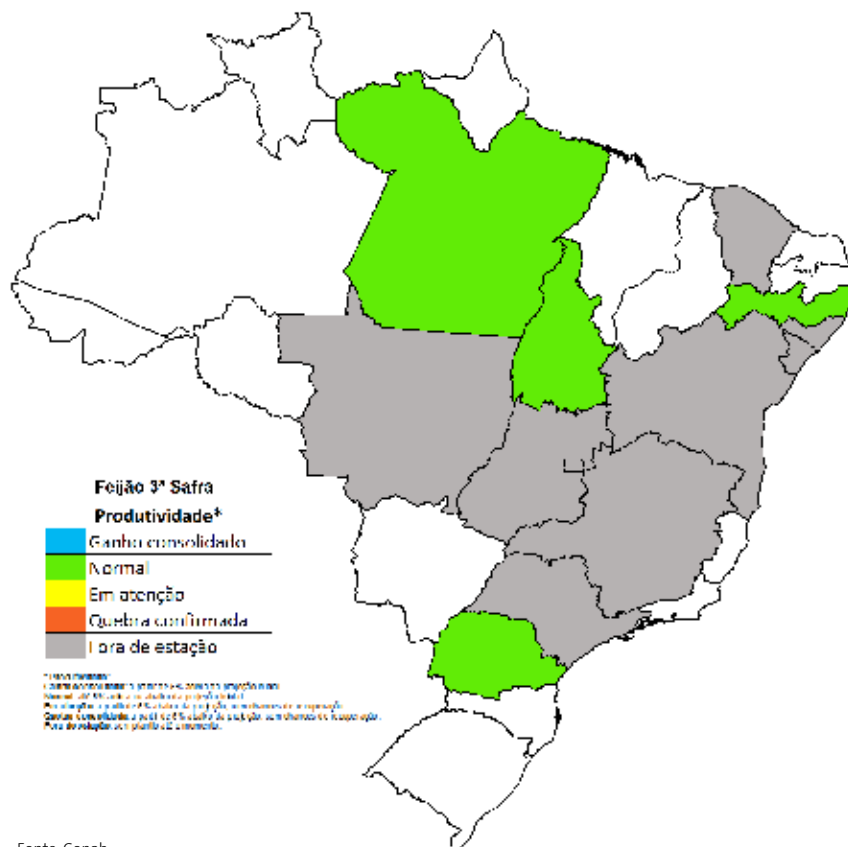


Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	42,6	42,2	(0,9)	841	830	(1,3)	35,9	35,1	(2,2)
PA	32,9	32,7	(0,6)	723	724	0,1	23,8	23,7	(0,4)
TO	7,0	7,1	1,4	1.440	1.382	(4,0)	10,1	9,8	(3,0)
NORDESTE	332,7	353,0	6,1	341	628	84,3	113,4	221,6	95,4
CE	4,7	4,7	-	211	1.023	384,8	1,0	4,8	380,0
PE	85,5	105,8	23,7	370	433	17,2	31,6	45,8	44,9
AL	30,3	30,3	-	271	500	84,7	8,2	15,1	84,1
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	199,5	199,5	-	355	735	106,9	70,9	146,6	106,8
CENTRO-OESTE	85,8	85,8	-	2.403	2.505	4,3	206,2	215,0	4,3
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	41,2	-	2.800	2.872	2,6	115,4	118,3	2,5
DF	3,1	3,1	-	1.839	3.023	64,4	5,7	9,4	64,9
SUDESTE	82,1	82,1	-	2.545	2.611	2,6	209,0	214,3	2,5
MG	69,1	69,1	-	2.580	2.646	2,6	178,3	182,8	2,5
SP	13,0	13,0	-	2.361	2.422	2,6	30,7	31,5	2,6
SUL	4,5	3,6	(20,0)	460	950	106,5	2,1	3,4	61,9
PR	4,5	3,6	(20,0)	460	950	106,5	2,1	3,4	61,9
NORTE/NORDESTE	375,3	395,2	5,3	398	650	63,4	149,3	256,7	71,9
CENTRO-SUL	172,4	171,5	(0,5)	2.420	2.523	4,3	417,3	432,7	3,7
BRASIL	547,7	566,7	3,5	1.034	1.217	17,7	566,6	689,4	21,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	8,7	6,9	(20,7)	1.031	854	(17,2)	7,1	5,9	(16,9)
PA	7,9	6,1	(22,8)	651	700	7,5	5,1	4,3	(15,7)
TO	0,8	0,8	-	2.468	2.030	(17,7)	2,0	1,6	(20,0)
NORDESTE	296,6	313,3	5,6	325	649	99,8	101,8	203,2	99,6
PE	71,7	88,4	23,3	386	456	18,1	27,7	40,3	45,5
AL	23,3	23,3	-	236	530	124,6	5,5	12,3	123,6
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	188,9	188,9	-	354	748	111,3	66,9	141,3	111,2
CENTRO-OESTE	85,3	85,3	-	2.408	2.508	4,1	205,5	213,9	4,1
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	41,2	-	2.800	2.872	2,6	115,4	118,3	2,5
DF	2,6	2,6	-	1.923	3.200	66,4	5,0	8,3	66,0
SUDESTE	82,1	82,1	-	2.545	2.611	2,6	209,0	214,3	2,5
MG	69,1	69,1	-	2.580	2.646	2,6	178,3	182,8	2,5
SP	13,0	13,0	-	2.361	2.422	2,6	30,7	31,5	2,6
SUL	4,5	3,6	(20,0)	575	950	65,2	2,1	3,4	61,9
PR	4,5	3,6	(20,0)	460	950	106,5	2,1	3,4	61,9
NORTE/NORDESTE	305,3	320,2	4,9	340	653	92,1	108,9	209,1	92,0
CENTRO-SUL	171,9	171,0	(0,5)	2.436	2.524	3,6	416,6	431,6	3,6
BRASIL	477,2	491,2	2,9	1.070	1.305	22,0	525,5	640,7	21,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
DF	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
CENTRO-SUL	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
BRASIL	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	33,9	35,3	4,1	847	826	(2,6)	28,8	29,2	1,4
RR	2,7	2,4	(9,5)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
PA	25,0	26,6	6,4	746	729	(2,3)	18,7	19,4	3,7
TO	6,2	6,3	1,6	1.307	1.300	(0,5)	8,1	8,2	1,2
NORDESTE	36,1	39,7	10,0	322	464	44,3	11,6	18,4	58,6
CE	4,7	4,7	-	211	1.023	384,8	1,0	4,8	380,0
PE	13,8	17,4	26,0	284	317	11,6	3,9	5,5	41,0
AL	7,0	7,0	-	386	400	3,6	2,7	2,8	3,7
BA	10,6	10,6	-	377	500	32,6	4,0	5,3	32,5
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
NORTE/NORDESTE	70,0	75,0	7,1	576	634	10,1	40,4	47,6	17,8
CENTRO-SUL	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
BRASIL	70,3	75,3	7,1	578	638	10,3	40,7	48,1	18,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

9.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras, estima-se para esse oitavo acompanhamento que a área total de feijão terá incremento de 3.093,8 mil hectares, 9% maior em relação à safra passada, sendo 1.398,2 mil hectares com feijão comum cores, 304,9 mil hectares com feijão comum preto e 1.390,7 mil hectares com feijão caupi.

A produção nacional de feijão deverá ficar em 3.327,8 mil toneladas e é 32,4% maior que a última temporada, sendo 2.122,9 mil toneladas com feijão comum cores, 536,1 mil toneladas com feijão comum preto e 669,2 mil toneladas com feijão caupi.



Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

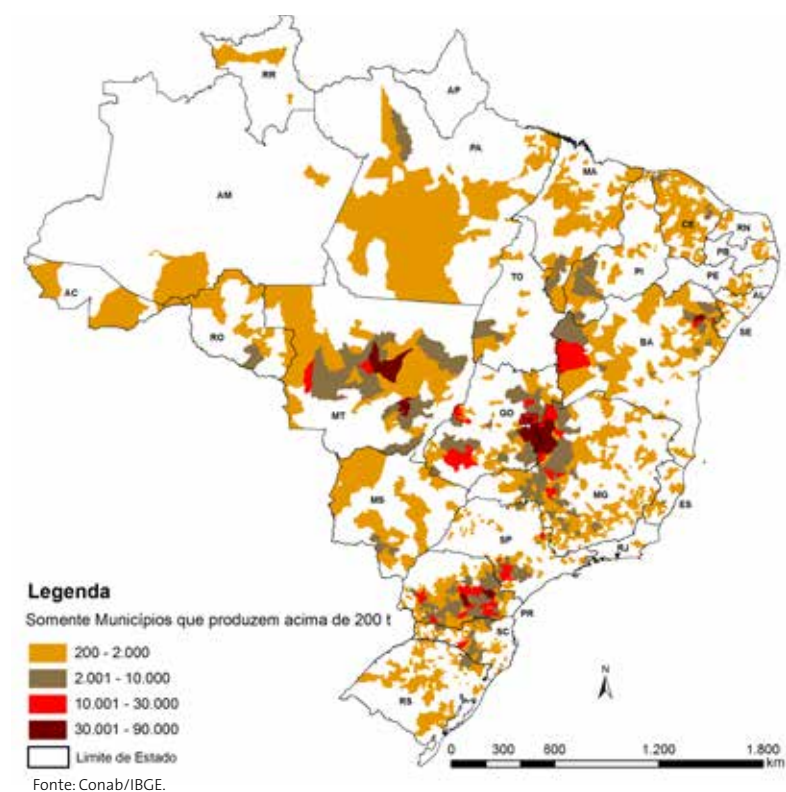


Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	91,6	93,5	2,1	841	845	0,5	77,1	79,1	2,6
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
RO	20,8	20,9	0,5	856	926	8,2	17,8	19,4	9,0
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	593	(0,3)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	7,7	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
PA	32,9	32,7	(0,6)	723	724	0,1	23,8	23,7	(0,4)
TO	22,1	25,7	16,3	1.084	1.023	(5,6)	24,0	26,3	9,6
NORDESTE	1.412,9	1.537,2	8,8	240	426	77,7	338,4	654,3	93,4
MA	77,1	86,9	12,7	510	649	27,3	39,3	56,4	43,5
PI	214,5	231,9	8,1	145	373	157,6	31,0	86,4	178,7
CE	375,8	406,5	8,2	155	248	59,5	58,4	100,8	72,6
RN	29,9	35,8	19,7	213	408	91,5	6,4	14,6	128,1
PB	86,8	98,0	12,9	143	271	89,0	12,4	26,6	114,5
PE	197,1	208,7	5,9	221	269	22,1	43,5	56,2	29,2
AL	30,3	30,3	-	271	500	84,7	8,2	15,1	84,1
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	388,7	426,4	9,7	354	677	91,5	137,5	288,9	110,1
CENTRO-OESTE	386,8	423,7	9,5	1.445	1.747	20,9	558,8	740,1	32,4
MT	233,4	267,8	14,7	1.003	1.428	42,4	234,0	382,4	63,4
MS	14,6	20,8	42,5	1.030	1.512	46,8	15,0	31,4	109,3
GO	122,7	119,0	(3,0)	2.318	2.454	5,9	284,4	292,0	2,7
DF	16,1	16,1	0,1	1.581	2.129	34,6	25,4	34,3	35,0
SUDESTE	425,2	468,2	10,1	1.670	1.743	4,4	710,1	816,2	14,9
MG	334,5	348,3	4,1	1.555	1.541	(0,9)	520,0	536,7	3,2
ES	10,6	10,5	(0,9)	1.041	1.088	4,5	11,0	11,4	3,6
RJ	1,8	1,8	-	995	1.048	5,3	1,8	1,9	5,6
SP	78,3	107,6	37,4	2.264	2.474	9,3	177,3	266,2	50,1
SUL	521,0	571,2	9,6	1.590	1.818	14,3	828,5	1.038,1	25,3
PR	389,7	440,5	13,0	1.510	1.795	18,8	588,5	790,6	34,3
SC	63,4	69,6	9,8	1.862	2.075	11,5	118,0	144,4	22,4
RS	67,9	61,1	(10,0)	1.797	1.688	(6,1)	122,0	103,1	(15,5)
NORTE/NORDESTE	1.504,5	1.630,7	8,4	276	450	62,9	415,5	733,4	76,5
CENTRO-SUL	1.333,0	1.463,1	9,8	1.574	1.773	12,7	2.097,4	2.594,4	23,7
BRASIL	2.837,5	3.093,8	9,0	886	1.076	21,5	2.512,9	3.327,8	32,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	270	141,1	0,2	0,3	50,0
PB	1,7	1,1	(35,3)	112	270	141,1	0,2	0,3	50,0
CENTRO-OESTE	1,5	1,5	0,7	1.576	2.020	28,2	2,3	3,0	30,4
DF	1,5	1,5	0,7	1.576	2.020	28,2	2,3	3,0	30,4
SUDESTE	9,7	19,2	97,9	893	908	1,7	8,7	17,5	101,1
MG	3,6	12,8	255,6	664	866	30,3	2,4	11,1	362,5
ES	4,3	4,6	7,0	1.042	972	(6,7)	4,5	4,5	-
RJ	1,8	1,8	-	995	1.048	5,3	1,8	1,9	5,6
SUL	285,8	283,1	(0,9)	1.590	1.820	14,5	454,5	515,3	13,4
PR	198,3	197,6	(0,4)	1.534	1.854	20,8	304,3	366,3	20,4
SC	29,6	34,4	16,2	1.762	2.031	15,3	52,2	69,9	33,9
RS	57,9	51,1	(11,7)	1.693	1.548	(8,6)	98,0	79,1	(19,3)
NORTE/NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	270	141,1	0,2	0,3	50,0
CENTRO-SUL	297,0	303,8	2,3	1.567	1.764	12,5	465,5	535,8	15,1
BRASIL	298,7	304,9	2,1	1.559	1.758	12,8	465,7	536,1	15,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	48,0	42,7	(11,0)	877	911	4,0	42,1	38,9	(7,6)
RO	20,8	20,9	0,5	856	926	8,2	17,8	19,4	9,0
AC	7,7	5,6	(27,3)	595	580	(2,5)	4,6	3,2	(30,4)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	7,7	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
PA	7,9	6,1	(22,8)	651	700	7,5	5,1	4,3	(15,7)
TO	6,2	5,9	(4,8)	1.558	1.431	(8,1)	9,7	8,4	(13,4)
NORDESTE	381,6	404,3	5,9	373	668	79,3	142,1	270,0	90,0
CE	4,6	1,9	(58,7)	377	243	(35,5)	1,7	0,5	(70,6)
PB	24,0	27,8	15,8	177	323	82,5	4,2	9,0	114,3
PE	77,8	92,7	19,2	365	440	20,5	28,4	40,8	43,7
AL	23,3	23,3	-	236	530	124,6	5,5	12,3	123,6
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	239,2	245,9	2,8	420	806	91,6	100,6	198,1	96,9
CENTRO-OESTE	212,0	228,4	7,7	2.008	2.192	9,2	425,6	500,7	17,6
MT	60,4	74,3	23,0	1.712	1.971	15,2	103,4	146,5	41,7
MS	14,6	20,8	42,5	1.030	1.512	46,8	15,0	31,4	109,3
GO	122,7	119,0	(3,0)	2.318	2.454	5,9	284,4	292,0	2,7
DF	14,3	14,3	-	1.594	2.153	35,1	22,8	30,8	35,1
SUDESTE	414,9	434,7	4,8	1.689	1.818	7,6	701,0	790,3	12,7
MG	330,3	321,2	(2,8)	1.566	1.610	2,9	517,1	517,2	-
ES	6,3	5,9	(6,3)	1.040	1.178	13,3	6,6	6,9	4,5
SP	78,3	107,6	37,4	2.264	2.474	9,3	177,3	266,2	50,1
SUL	235,2	288,1	22,5	1.591	1.815	14,1	374,2	523,0	39,8
PR	191,4	242,9	26,9	1.485	1.747	17,6	284,3	424,4	49,3
SC	33,8	35,2	4,1	1.948	2.118	8,7	65,9	74,6	13,2
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	429,6	447,0	4,1	429	691	61,2	184,2	308,9	67,7
CENTRO-SUL	862,1	951,2	10,3	1.741	1.907	9,6	1.500,8	1.814,0	20,9
BRASIL	1.291,7	1.398,2	8,2	1.304	1.518	16,4	1.685,0	2.122,9	26,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	43,6	50,8	16,5	801	789	(1,6)	35,0	40,2	14,9
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
AC	-	2,0	-	-	630	-	-	1,3	-
PA	25,0	26,6	6,4	746	729	(2,3)	18,7	19,4	3,7
TO	15,9	19,8	24,5	900	902	0,2	14,3	17,9	25,2
NORDESTE	1.029,6	1.131,8	9,9	191	339	78,2	196,1	384,2	95,9
MA	77,1	86,9	12,7	510	649	27,3	39,3	56,4	43,5
PI	214,5	231,9	8,1	145	373	157,6	31,0	86,4	178,7
CE	371,2	404,6	9,0	153	248	62,4	56,7	100,4	77,1
RN	29,9	35,8	19,7	213	408	91,5	6,4	14,6	128,1
PB	61,1	69,1	13,1	131	250	90,8	8,0	17,3	116,3
PE	119,3	116,0	(2,8)	127	133	5,4	15,1	15,5	2,6
AL	7,0	7,0	-	386	400	3,6	2,7	2,8	3,7
BA	149,5	180,5	20,7	247	503	103,6	36,9	90,8	146,1
CENTRO-OESTE	173,3	193,8	11,8	756	1.220	61,4	130,9	236,4	80,6
MT	173,0	193,5	11,8	755	1.219	61,5	130,6	235,9	80,6
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
SUDESTE	0,6	14,3	2.283,3	900	590	(34,4)	0,5	8,4	1.580,0
MG	0,6	14,3	2.283,3	900	590	(34,4)	0,5	8,4	1.580,0
NORTE/NORDESTE	1.073,2	1.182,6	10,2	215	359	66,6	231,1	424,4	83,6
CENTRO-SUL	173,9	208,1	19,7	756	1.176	55,6	131,4	244,8	86,3
BRASIL	1.247,1	1.390,7	11,5	291	481	65,5	362,5	669,2	84,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



9.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

O mercado segue calmo e a oferta segue formada, basicamente, de grão comercial, que se avoluma a cada dia, influenciando numa melhor formação dos preços, tendo em vista serem poucos os compradores interessados nesse tipo de mercadoria. O produto extra novo continua escasso, e o especial nota 8,5 vem atendendo os empacotadores em sua marca de primeira linha.

No Sul do país cerca de 90% da produção oriunda da primeira safra foram comercializadas pelos produtores, e o mercado está na expectativa da oferta proveniente da segunda safra, cuja colheita já começou e se concentra em maio. A estimativa é de uma produção superior em 50% à fracassada safra de 2016. Assim, caso se confirme esta previsão, a tendência será de recuo dos preços.

Muitos comerciantes estão postergando suas compras e aguardando o aumento na oferta, com melhor qualidade. Espera-se que tal procedimento venha influir negativamente nos preços e, conseqüentemente, estimular o consumo que, nas últimas semanas, anda em baixa.

Os produtores irrigantes se preparam para o plantio da safra de inverno (terceira safra) e acompanham atentamente o comportamento do mercado. Se prevalecer esta tendência, muitos poderão migrar para o

plantio de outras culturas, o que poderá comprometer o quadro de oferta.

Nas zonas de produção, dependendo da qualidade da mercadoria, os valores recebidos pelos produtores para os produtos recém-colhidos estão oscilando entre R\$ 100,00 e R\$ 160,00 a saca.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, respectivamente, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história em razão do elevado aumento dos preços, provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se por uma recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,4 milhões de toneladas.

Dessa forma, prevê-se o seguinte cenário: a produção da primeira e segunda safras, apurada no levantamento de campo realizado em abril de 2017, pela Conab, mais as previsões para a terceira safra, totalizarão 3,31 milhões de toneladas, que somadas ao estoque de passagem e às importações projetadas em 150 mil toneladas, propiciarão um suprimento de 3,66 milhões de toneladas, gerando um estoque de passagem de 193,8 mil toneladas.

Tabela 32 - Oferta e demanda

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo Aparente	Exportação	Estoque de passagem
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16(*)	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17(*)	186,0	3.327,8	150,0	3.663,8	3.350,0	120,0	193,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



9.1.5. GIRASSOL

Em Mato Grosso, a lavoura do girassol está em desenvolvimento reprodutivo, com predominância do estágio da cultura em floração. Na atual safra, registrou-se aumento de aproximadamente 24,2% na área plantada em relação à safra anterior, passando de 25,6 mil hectares para 31,8 mil. Até o momento não há relatos de ocorrência de pragas e doenças fora de controle que possa comprometer a produtividade. Assim, espera-se um rendimento médio de 1.574 kg/ha, ante aos 1.390 kg/ha no período 2015/16. A produção está estimada em 50,1 mil toneladas, volume 40,7% maior do que as 35,6 mil toneladas da safra anterior. Em relação à comercialização, estima-se que 80% da produção da oleaginosa já esteja comprometida.

Em Goiás, a área plantada com o girassol ficou estimada em 16,6 mil hectares, acréscimo de 18,6% em relação à safra anterior, que foi de 14 mil hectares, a produção ficou em 21,6 mil toneladas, incremento de 54,3% em relação à safra 2016/17, que foi de 14 mil toneladas, incremento na produtividade de 30,2%, saindo de 1.000 kg/ha na safra passada, para 1.302 kg/ha na safra atual. A cultura no estado é incentivada e financiada pela indústria Caramuru de Itumbiara,

que faz a contratação, financiamento e assistência da produção de produtores que se dispõem em cultivar o girassol no estado, porém nada ainda foi plantado.

Em Minas Gerais, o plantio de girassol ainda não foi concluído, mas já sinaliza uma tendência significativa de crescimento, na ordem de 32,9%, motivado pela expectativa de bons preços e pelo fechamento antecipado de contratos de comercialização, a preços em paridade com o mercado de soja. O plantio, iniciado em março, já representa 50% das áreas estimadas, e a maior parte das lavouras se encontra em desenvolvimento vegetativo. Nos dois últimos anos, as lavouras se ressentiram das condições climáticas adversas, com excesso de chuvas na safra 2014/15 e forte estiagem na safra 2015/16, que concorreram para queda nos níveis de rendimento. Até o momento as lavouras vêm se desenvolvendo bem, permitindo prever uma média de produtividade na ordem de 1.326 kg/ha, superior em 39,3%, quando comparada com a safra anterior, devido à estiagem registrada na safra passada. Dessa forma, a produção pode alcançar 12,3 mil toneladas, 83,6% superior a 2016.

Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Girassol

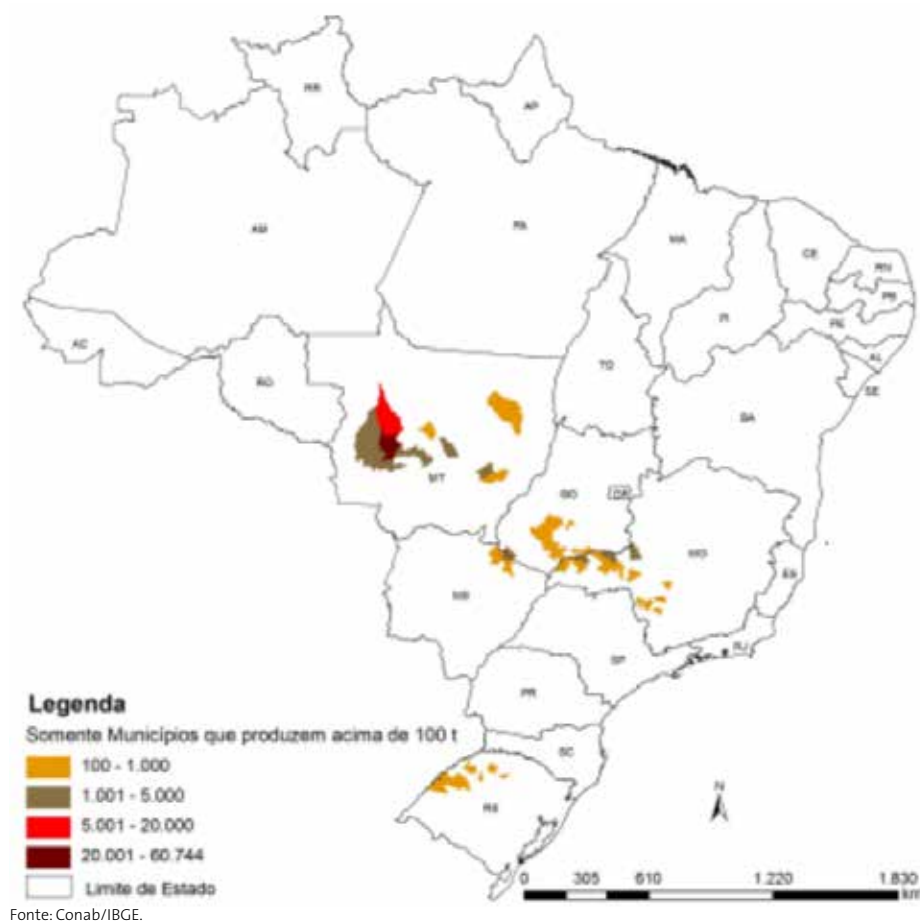


Figura 33 – Mapa da estimativa de produtividade - Girassol

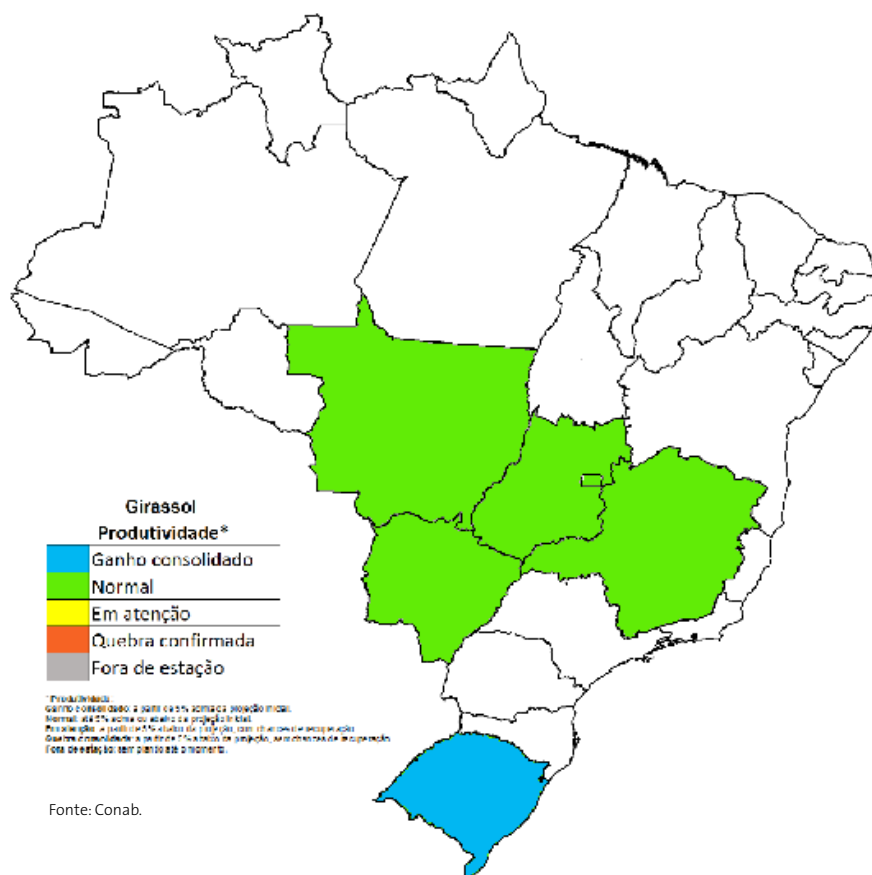


Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	41,2	50,3	22,1	1.261	1.495	18,6	52,0	75,2	44,6
MT	25,6	31,8	24,2	1.390	1.574	13,2	35,6	50,1	40,7
MS	1,3	1,3	-	1.236	1.575	27,4	1,6	2,0	25,0
GO	14,0	16,6	18,6	1.000	1.302	30,2	14,0	21,6	54,3
DF	0,3	0,6	100,0	2.500	2.500	-	0,8	1,5	87,5
SUDESTE	7,0	9,3	32,9	952	1.326	39,3	6,7	12,3	83,6
MG	7,0	9,3	32,9	952	1.326	39,3	6,7	12,3	83,6
SUL	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
RS	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
CENTRO-SUL	51,5	62,9	22,1	1.224	1.477	20,7	63,1	92,9	47,2
BRASIL	51,5	62,9	22,1	1.224	1.477	20,7	63,1	92,9	47,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



9.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2016/17 é de recuo de área plantada, alcançando 30,5 mil hectares, que representa decréscimo de 4,1% em relação à safra passada, que foi de 31,8 mil hectares, crescimento na produção de 4,7%, saindo de 14,8 mil toneladas na safra passada, para 15,5 mil toneladas nesta safra. A mamoneira é uma espécie de planta que pode ser manejada deixando soqueira para a safra do ano seguinte, portanto, parte da área cultivada é remanescente da safra passada.

Na Bahia, o cultivo de mamona ocupa a área de 21,1 mil hectares. Nesta safra, 4 mil hectares são plantas remanescentes da safra passada e 17,1 mil hectares

são de plantio novo. O plantio das novas áreas foi finalizado em dezembro e o início da colheita está previsto para junho e estima-se que sejam produzidas 10,4 mil toneladas de grãos. Os números da safra atual representam acréscimo 0,5% na área cultivada e redução de 18,8% na produção. A severidade do clima, com prolongada estiagem, comprometeu o desenvolvimento das plantas de mamona. A cultura apresenta baixo desenvolvimento, com plantas desuniformes e baixo grau de frutificação em áreas remanescentes das safras anteriores. A maior parte das áreas de mamona está na fase de desenvolvimento vegetativo, mas é possível observar em campo plantas em floração e também em frutificação devido à manutenção de cultivos remanescentes de safras anteriores.

Figura 34 – Cultivo de mamona com plantas em tamanhos diferentes e baixa densidade de plantio, município de Irecê/BA, mar/2017



Fonte: Conab.

Em Minas Gerais, concentrada na região Norte de Minas, a área de plantio de mamona está estimada em 200 hectares em face dos resultados insatisfatórios, seja em termos de rendimento, seja no tocante às dificuldades de mercado. As adversidades climáticas, ocorridas nas últimas safras, vêm inviabilizando o cultivo desta oleaginosa. Com produtividade média de 443 kg/ha, 51,3% menor que a safra passada, devido ao clima desfavorável, a produção poderá sofrer uma redução de 66,7%, ou seja, 100 toneladas. As lavouras

se encontram em maturação, com início de colheita a partir de maio.

Na safra 2016/17 foram identificadas em de Mato Grosso lavouras comerciais de mamona híbrida, localizadas nos municípios de Campo Novo do Parecis, Itiquira e Primavera do Leste. Assim, a estimativa de área total dos municípios é de 1,7 mil hectares. Em relação à produtividade, estima-se rendimento em torno de 1.200 kg/ha, com uma produção total esperada



de 2 mil toneladas. O plantio foi realizado em março, estando as lavouras em fase de desenvolvimento vegetativo. Até o momento, estima-se que toda a produ-

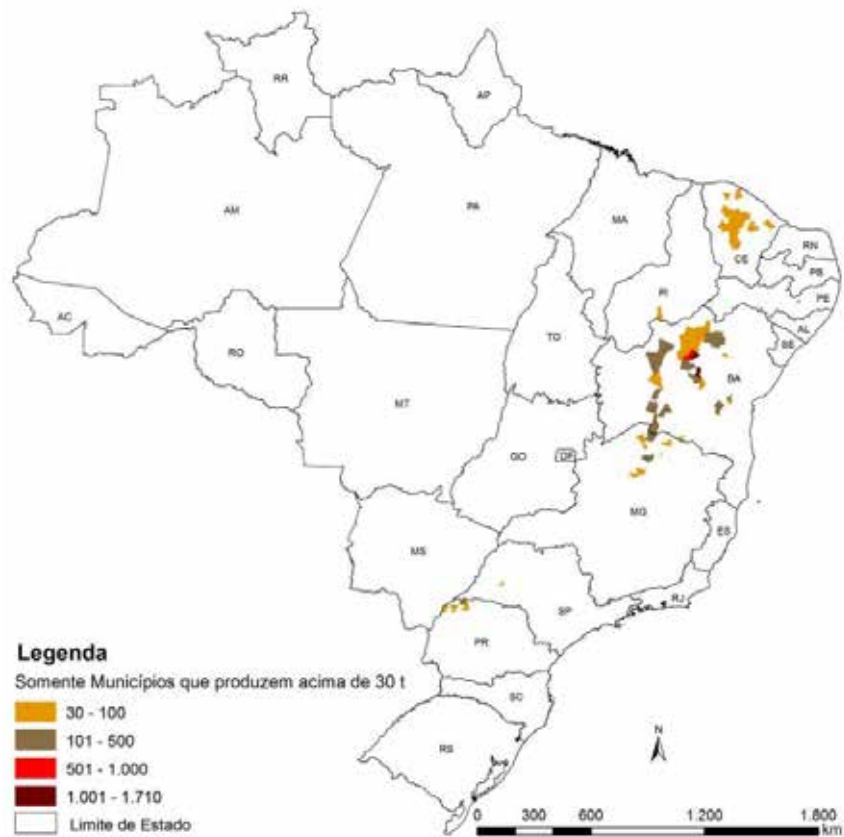
ção já esteja comercializada à indústria química, por meio de contratos futuros..

Figura 35 – Lavoura de mamona em Campo Novo do Parecis/MT



Fonte: Conab.

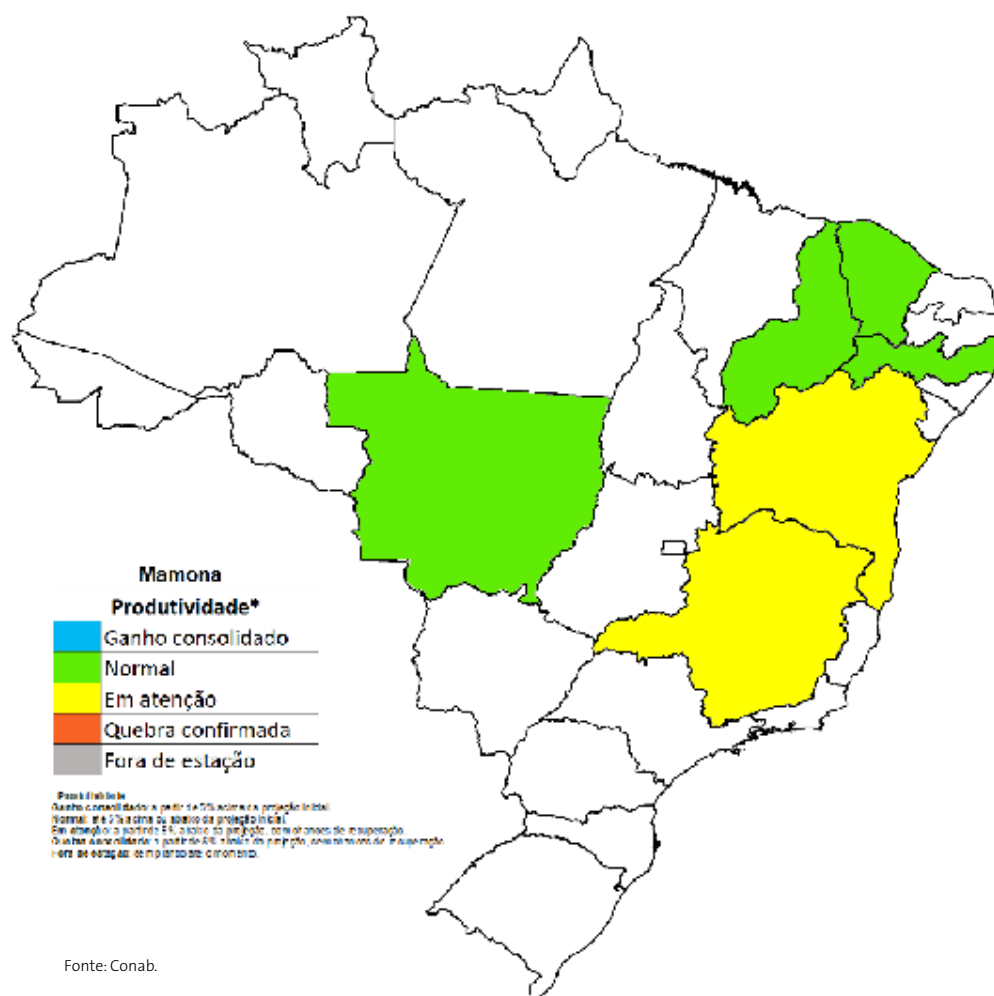
Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 37 – Mapa da estimativa de produtividade - Mamona



Fonte: Conab.

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	31,5	28,6	(9,2)	461	468	1,7	14,5	13,4	(7,6)
PI	0,6	0,2	(60,0)	500	494	(1,2)	0,3	0,1	(66,7)
CE	8,3	6,4	(23,0)	122	440	260,7	1,0	2,8	180,0
PE	1,6	0,9	(43,8)	244	113	(53,7)	0,4	0,1	(75,0)
BA	21,0	21,1	0,5	610	492	(19,3)	12,8	10,4	(18,8)
CENTRO-OESTE	-	1,7	-	-	1.200	-	-	2,0	-
MT	-	1,7	-	-	1.200	-	-	2,0	-
SUDESTE	0,3	0,2	(33,3)	909	443	(51,3)	0,3	0,1	(66,7)
MG	0,3	0,2	(33,3)	909	443	(51,3)	0,3	0,1	(66,7)
NORTE/NORDESTE	31,5	28,6	(9,2)	461	468	1,7	14,5	13,4	(7,6)
CENTRO-SUL	0,3	1,9	533,3	909	1.120	23,2	0,3	2,1	600,0
BRASIL	31,8	30,5	(4,1)	465	509	9,5	14,8	15,5	4,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



9.1.7. MILHO

9.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

A área estimada neste levantamento, apresentou incremento nacional de 3,4% em relação ao exercício anterior, incentivado pelo comportamento agressivo dos produtores da Região Centro-Sul, que aumentaram em 6,1% a área plantada.

Na Região Centro-Oeste, a área de milho primeira safra foi estimada em 350 mil hectares, 9,3% superior aos registrados na safra passada. Em Mato Grosso, a colheita está praticamente finalizada. A área plantada atingiu 33,4 mil hectares, representando incremento de 7,3% em relação aos 31,1 mil hectares registrados na safra anterior. O incremento de área pode ser atribuído às regiões confinadoras de bovinos, onde a ausência de oferta do cereal na safra passada estimulou o seu cultivo, sobretudo para o abastecimento doméstico das fazendas. As boas condições climáticas permitiram rendimento médio de 7.676 kg/ha, ante aos 6.412 kg/ha no período produtivo anterior. Assim, calcula-se uma produção de aproximadamente 256,4 mil toneladas do cereal, volume 28,6% superior às 199,4 mil toneladas da safra passada.

Em Goiás, o ritmo de plantio do milho verão nesta safra foi considerado mais veloz do que o ocorrido na safra passada, em razão das condições climáticas favoráveis. A necessidade de cumprir contratos de entrega de milho durante a safrinha deste ano, frustrada pela quebra da segunda safra de milho passada, bem como uma melhor rentabilidade na produção de milho com os atuais patamares de preços praticados no mercado doméstico contribuíram para o aumento da área plantada nesta safra de verão, quebrando uma sequência de redução nas últimas safras. Foram relatados ataques de cigarrinha em diversos municípios goianos. Estima-se que entre 60 e 70% da área com milho primeira safra já tenha sido colhida.

Na Região Sul, ocorreu incremento na área de 6,2% em relação ao período anterior. No Rio Grande do Sul, a área colhida evoluiu pouco em relação ao levantamento anterior, visto que houve concentração de esforços na colheita da soja. Assim, somente após o término da colheita da leguminosa é que foi retomada a colheita das áreas que ainda restavam de milho, cerca de 10% do total. Há, ainda, uma parcela com milho na fase em enchimento de grãos, plantado em sucessão ao fumo e/ou milho silagem, mas que não chega a 5% do total cultivado. Embora tenha ocorrido altas precipitações em algumas regiões, não teve impacto significativo na cultura do milho. O rendimento médio do estado foi mantido igual ao divulgado no levantamento anterior, ou seja, 7.560 kg/ha, 5,6% superior ao

verificado na safra passada. Em regiões onde o clima foi favorável e empregada alta tecnologia, foram obtidas médias acima de 9.000 kg/ha, em condições de sequeiro. Já em lavouras conduzidas sob irrigação por pivô central, as produtividades registradas ficaram acima de 12.000 kg/ha. Pontualmente foram registradas algumas reduções de produtividade em relação ao levantamento anterior, como em Cachoeira do Sul devido à estiagem no período reprodutivo. Estas lavouras se destinarão à silagem.

Em Santa Catarina, a colheita do milho alcança 85% da área total. A produtividade continua mostrando índices positivos em relação ao obtido na safra passada e no último levantamento, resultado das boas condições climáticas na maior parte do ciclo da cultura. Em média, deve alcançar quantitativos próximos de 8.144 kg/ha, mas há relatos de valores superiores a 10.000 kg/ha, resultado da boa interação entre tecnologia, clima e tratamentos culturais. Com as condições climáticas consideradas satisfatórias durante abril, somadas ao bom parque de máquinas, principalmente por colheitadeiras maiores e mais modernas, a colheita avançou significativamente, gerando certo transtorno no recebimento do produto nos armazéns, ocorrendo em algumas ocasiões o transporte do produto para outros locais e para o porto, abrindo espaço para continuar o recebimento.

A propósito, algumas empresas estão optando pelo armazenamento emergencial em silos-bolsa (silobag) para conseguir manter o recebimento dentro do ritmo normal. A boa produção e velocidade de colheita, contrapõe-se a comercialização mais lenta nesta safra, resultado dos preços mais baixos. Esses fatos estão contribuindo para que o produto se mantenha estocado por mais tempo nas unidades armazenadoras.

No Paraná, a colheita do milho está praticamente encerrada, estimando-se em 96% dos 501,9 mil hectares plantados. A produtividade obtida foi de 9.243 kg/ha, que representa um aumento de 16,2% em relação à safra anterior. Este ótimo rendimento se deve às condições climáticas favoráveis e à utilização de materiais transgênicos de alta performance. A qualidade do produto é muito boa, mas a comercialização está bastante lenta devido aos preços que estão sendo considerados baixos pelos produtores.

Na Região Sudeste a cultura experimentou forte incremento na área plantada, 5,1% em relação ao exercício anterior. Em Minas Gerais, principal produtor regio-



nal, a área de milho primeira safra foi reavaliada para 909,4 mil hectares, acréscimo de 8,6% em relação à safra anterior devido as boas cotações do produto ao longo da última temporada. Estima-se uma produtividade média de 6.354 kg/ha, superior em 4,2% à safra passada devido ao clima favorável. Dessa forma, espera-se uma produção de 5.778,3 mil toneladas, 13,1% superior à safra 2016. As lavouras se encontram em fase de maturação (40%) e colheita (60%).

Em Mato Grosso do Sul, o milho de primeira safra encontra-se em fase final de colheita, estimando-se que cerca de 86,44% da área total já tenha sido realizada. As áreas remanescentes encontram-se no nordeste do estado, situadas nas regiões de chapadões representadas pelos municípios de Chapadão do Sul e Costa Rica, que têm elevados índices de produtividade. A área total do milho primeira safra é de 28 mil hectares, 75% superior à safra passada.

Na Região Norte-Nordeste, o levantamento apontou para uma redução na área plantada de 0,6% em relação ao ano passado, contrariando a expectativa de uma maior redução no início do plantio. Em Tocantins, a área cultivada com milho da primeira safra foi 36,3% menor se comparada à safra passada. Isso ocorreu devido às anormalidades climáticas da safra passada, onde, após diversos replantios de áreas de soja, e passado o prazo da janela ideal para realizar o plantio da oleaginosa, os produtores acabaram plantando milho nas áreas que inicialmente se destinavam à soja.

Ao contrário dos anos normais, onde o milho era semeado somente após o término do plantio da soja, nesta safra aumentou o percentual das lavouras plantadas no início do período chuvoso, objetivando a colheita ocorrer mais cedo e, com isso, obter um melhor preço no mercado interno. A colheita alcançou 43,3% da área neste levantamento e praticamente todo o restante das lavouras já se encontram prontas para a colheita. O rendimento médio das lavouras, nesta safra, está 41,1% maior nesta safra, resultado significativo das melhores condições climáticas nesta safra.

No Maranhão, estima-se que a colheita tenha ocorrido em aproximadamente 7% da área plantada. No sul do estado as lavouras se encontram na sua grande maioria na fase de maturação. No cômputo geral tem-se que 2% da safra está na fase de desenvolvimento vegetativo, 6% em floração, 22% em enchimento e 65% na maturação de grãos. A área cultivada equivale a 283,2 mil hectares e a produtividade média em 4.079 kg/ha, estimulada pelas condições meteorológicas favoráveis, nesta safra.

No Piauí, a colheita foi iniciada e são esperados excelentes níveis de produtividades em razão das boas

condições do clima durante as diversas fases vegetativas da lavoura. A produtividade esperada, englobando a agricultura empresarial e familiar, gira em torno de 2.555 kg/ha, gerando um aumento de 71,5% em relação à safra anterior.

Na Bahia, a estimativa de colheita desse cereal no extremo oeste é de 80%. O cultivo de verão ocupa a área de 381,8 mil hectares. O plantio nesta safra, começou em outubro e foi finalizado em fevereiro, estimando-se uma produtividade de 3.863 kg/ha. Os números da safra atual apresentaram aumento de 2,8% na área cultivada e de 19,9% na produção de grãos. As estiagens ocorridas por todo o estado no primeiro trimestre, inviabilizaram o plantio de aproximadamente 47 mil hectares e provocaram redução na produtividade, inicialmente estimada em 4.882 kg/ha. A situação mais grave ocorreu em cerca de 140 mil hectares cultivados pela agricultura familiar no agreste e semiárido cuja a produtividade em alguns municípios foi inferior a 180 kg/ha. Os campos de milho estão localizados no centro-norte, centro-sul, vale do São Francisco e extremo oeste, em manejo irrigado, e sequeiro, com plantio direto e convencional.

No centro norte estima-se o cultivo de 32,7 mil hectares em manejo de sequeiro, com plantio convencional. As lavouras encontram-se em ambiente de alta restrição hídrica, podendo-se encontrar campos com a produtividade comprometida. A área cultivada na safra atual sofreu redução de 54,8% em relação à safra passada. Entretanto, as primeiras expectativas desta safra apontavam para o cultivo de cerca de 79 mil hectares, e com a estiagem em dezembro deixaram de ser plantadas cerca de 47 mil. Estima-se o rendimento de 253 kg/ha e produção de 8,3 mil toneladas.

No centro-sul estima-se o cultivo de 61 mil hectares em manejo de sequeiro. As lavouras sofreram com a intensidade da estiagem que castiga a região e a produtividade esperada é de 240 kg/ha. Em algumas microrregiões a estiagem foi tão severa que não houve condições para a lavoura completar o ciclo produtivo e não haverá produção para colher. No vale do São Francisco estima-se o cultivo de 51,2 mil hectares em manejo de sequeiro e irrigado. Em face da intensa estiagem ocorrida na região, as previsões iniciais de rendimento na ordem de 600 kg/ha foram reduzidas para 180 kg/ha para os cultivos de sequeiro e 9.000 kg/ha nos cultivos irrigados. Espera-se uma produção de 30,1 mil toneladas, computando sequeiro e irrigado. No extremo oeste estima-se o cultivo de 237 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central. As lavouras de sequeiro estão apresentando bom desenvolvimento, mas o veranico de dezembro e janeiro causou danos nos cultivos que estavam no estágio de florescimento e frutificação (cerca de 40%



da área cultivada) e houve grande incidência da cigarrinha. Ambos os fatores reduziram a estimativa de produtividade em 20%. As lavouras irrigadas foram plantadas no fim de fevereiro e início de março após a colheita da soja. A colheita das lavouras de sequeiro atinge cerca de 10% da área cultivada e espera-se colher 1.422 mil toneladas de grãos. Considerando a média entre os plantios de sequeiro e irrigado estima-se uma produtividade de 6.000 kg/ha.

O total da área plantada com milho primeira safra, para o período 2016/17, atingiu 5.541 mil hectares, contra 5.356,6 mil observado no exercício anterior. A produção atinge o montante de 30.151 mil toneladas, representando incremento de 17,1% em relação à safra passada.

Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

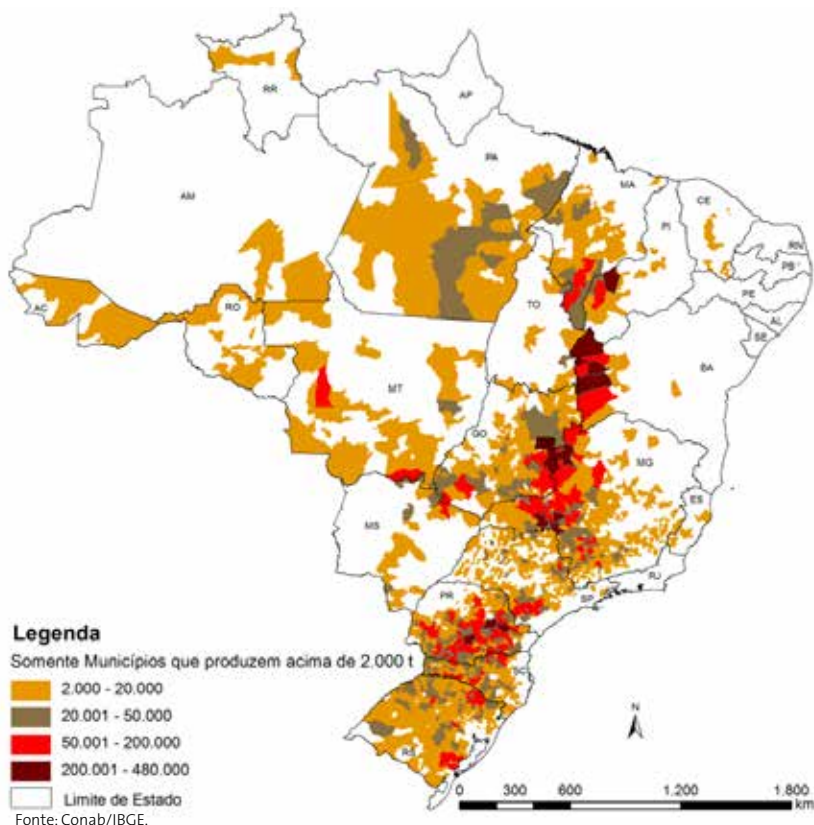
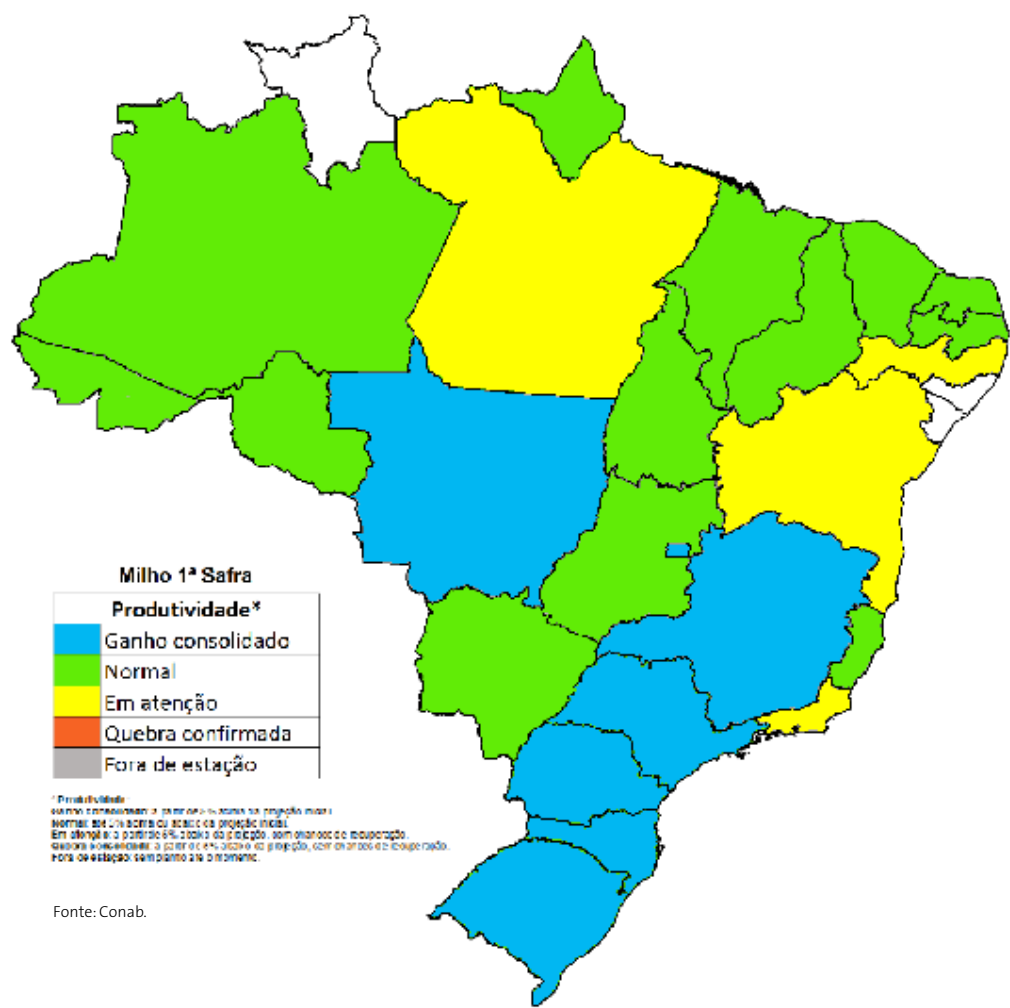


Figura 39 – Mapa da estimativa de produtividade milho primeira safra



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Oeste Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sul Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
PI	Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
	Sudeste Piauiense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Norte Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Jaguaribe						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
RN	Oeste Potiguar						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Agreste Potiguar							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PB	Sertão Paraibano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Agreste Paraibano							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PE	Sertão Pernambucano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Agreste Pernambucano							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F/FR	FR/M	M/C	C		C		
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
GO	Centro Goiano		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Leste Goiano		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sul Goiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
DF	Distrito Federal		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
MG	Noroeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Belo Horizonte		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Oeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Campo das Vertentes		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Zona da Mata		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SP	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Campinas		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
Favorável
Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	327,0	306,2	(6,4)	3.142	3.172	1,0	1.027,3	971,2	(5,5)
RO	38,6	38,6	-	2.657	2.654	(0,1)	102,6	102,4	(0,2)
AC	39,6	34,9	(11,9)	2.442	2.350	(3,8)	96,7	82,0	(15,2)
AM	5,4	9,1	68,5	2.515	2.550	1,4	13,6	23,2	70,6
AP	1,8	1,7	(2,8)	902	980	8,6	1,6	1,7	6,3
PA	169,6	176,0	3,8	3.334	3.064	(8,1)	565,4	539,3	(4,6)
TO	72,0	45,9	(36,3)	3.436	4.849	41,1	247,4	222,6	(10,0)
NORDESTE	1.865,2	1.877,0	0,6	1.537	2.250	46,4	2.866,9	4.223,5	47,3
MA	268,4	283,2	5,5	2.687	4.079	51,8	721,2	1.155,2	60,2
PI	471,0	414,5	(12,0)	1.490	2.555	71,5	701,8	1.059,0	50,9
CE	460,2	511,3	11,1	356	847	137,9	163,8	433,1	164,4
RN	25,0	29,2	16,8	309	580	87,7	7,7	16,9	119,5
PB	84,6	95,8	13,2	237	463	95,4	20,1	44,4	120,9
PE	184,6	161,2	(12,7)	120	248	106,9	22,2	40,0	80,2
BA	371,4	381,8	2,8	3.312	3.863	16,6	1.230,1	1.474,9	19,9
CENTRO-OESTE	320,3	350,0	9,3	7.636	8.023	5,1	2.445,9	2.808,1	14,8
MT	31,1	33,4	7,3	6.412	7.676	19,7	199,4	256,4	28,6
MS	16,0	28,0	75,0	9.000	8.880	(1,3)	144,0	248,6	72,6
GO	246,4	260,0	5,5	7.800	8.000	2,6	1.921,9	2.080,0	8,2
DF	26,8	28,6	6,7	6.740	7.800	15,7	180,6	223,1	23,5
SUDESTE	1.237,0	1.300,7	5,1	6.079	6.277	3,3	7.519,9	8.164,1	8,6
MG	837,4	909,4	8,6	6.100	6.354	4,2	5.108,1	5.778,3	13,1
ES	13,6	13,4	(1,5)	2.910	2.857	(1,8)	39,6	38,3	(3,3)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.332	(10,3)	5,2	6,3	21,2
SP	384,0	375,2	(2,3)	6.164	6.240	1,2	2.367,0	2.341,2	(1,1)
SUL	1.607,1	1.707,1	6,2	7.403	8.192	10,6	11.898,1	13.984,1	17,5
PR	414,1	501,9	21,2	7.953	9.243	16,2	3.293,3	4.639,1	40,9
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	8.144	11,1	2.712,1	3.260,0	20,2
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.560	5,6	5.892,7	6.085,0	3,3
NORTE/NORDESTE	2.192,2	2.183,2	(0,4)	1.776	2.379	33,9	3.894,2	5.194,7	33,4
CENTRO-SUL	3.164,4	3.357,8	6,1	6.909	7.432	7,6	21.863,9	24.956,3	14,1
BRASIL	5.356,6	5.541,0	3,4	4.809	5.441	13,2	25.758,1	30.151,0	17,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

9.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Na Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, a área plantada está estimada em 7.402,2 mil hectares, representando um incremento de 9,7% em relação ao plantio passado. Em Mato Grosso, o plantio da segunda safra, que perdurou até a segunda quinzena de março, apresentou aumento significativo de 15,5% em comparação com o exercício anterior. Tal incremento de área deveu-se à expectativa inicial de bons preços, fato que não se confirmou no estado por muito tempo, às condições climáticas favoráveis e à disponibilidade de insumos. A área plantada com o cereal saiu de 3.769,0 mil hectares em 2015/16 para 4.353,2 mil hectares na atual safra. As condições climáticas têm favorecido as lavouras em todo o estado, com chuvas regulares até a segunda quinzena de abril. Na região médio-norte, maior produtora do cereal, estima-se cerca de 80% a 90% da lavoura na fase final de frutificação e/ou maturação. Portanto, do ponto de vista agrônomo, há garantia de boa produtividade naquela região, mesmo que não haja chuvas nas próximas semanas. Assim, estima-se rendimento

médio do milho segunda safra de 5.679 kg/ha, ante aos 3.999 kg/ha na safra 2015/16, incremento de 42%. O aumento de área, combinado com a recuperação da produtividade, permite projetar produção recorde de 24.721,8 mil toneladas de milho, volume 64% superior às 15.072,2 mil toneladas do período anterior. A expectativa é que a colheita se inicie na segunda quinzena de maio em algumas áreas. Contudo, o maior volume de trabalho será concentrado em junho e julho devido à maturação fisiológica da lavoura, reduzir o excesso de umidade do grão

Em Mato Grosso do Sul, a área plantada está estimada em 1,750 milhão de hectares, com uma produtividade média de 5,140 kg/ha, representando um incremento de 5,1% em relação à área da safra anterior. O cultivo no estado ocorreu no sistema de plantio direto, com utilização de sementes transgênicas em especial os híbridos simples de ciclo precoce e superprecoce, para o escape do período seco nas fases de floração e enchimento de grãos, visto que os estádios da cultura no



momento estão variando desde germinação ou emergência(0,02%), desenvolvimento vegetativo(28,11%), floração(39,89%), frutificação(29,33%) e maturação (2,65%). A colheita está prevista começar em fins de junho e começo de julho, e a comercialização segue lenta neste momento em função dos preços considerados baixos pelos produtores. Neste contexto, poderá ser necessário a utilização de silo bolsa, fato já verificado em safras anteriores.

A Região Sul, segunda maior produtora nacional, tem o Paraná como único representante. A área de 2.377,9 mil hectares, destinada ao milho da segunda safra já se encontra totalmente plantada. Em relação ao ano anterior esse número representa um acréscimo de 8,2%, reflexo da proibição do plantio da soja segunda safra no estado. As lavouras apresentam-se em boas condições, com chuvas bem distribuídas, beneficiando o desenvolvimento vegetativo, floração e início de frutificação da cultura. Há de se considerar que na safra passada houve redução na produtividade por conta da estiagem e geadas. Houve um relativo atraso no plantio do milho devido ao atraso na colheita da soja. Desta forma, mesmo que tenha sido plantado dentro do calendário de zoneamento agrícola, parte do cereal foi implantado num período com menor potencial produtivo, podendo reduzir a produtividade inicialmente estimada. O início da colheita se dará em maio e se estenderá até julho.

A Região Nordeste, especialmente nos estados que compõem o Matopiba e onde a janela do clima permite a sucessão do plantio, apresentará forte incremento na área plantada. No Maranhão a cultura ocorre apenas nas regiões sul e sudoeste, conhecidas como “região de Balsas” e “região Tocantina” e é cultivada por médios e grandes produtores tecnificados. Atualmente os estágios da lavoura contemplam 1% em desenvolvimento vegetativo, 8% em floração, 63% e 28% nas fases de enchimento e maturação de grãos, respectivamente. A área cultivada equivale 201,9 mil hectares, mostrando aumento em relação à safra 2015/16, de 135%. A produtividade média está projetada em 4.600 kg/ha, representando acréscimo de 135,4% em decorrência das boas condições do clima, comparado ao péssimo quadro do ano passado.

Em Tocantins, o milho segunda safra teve um cresci-

mento expressivo na área cultivada 54,5%, em relação à safra passada, visto que na safra passada esta área foi reduzida devido ao atraso do plantio da soja e à grande incerteza gerada pela escassez de chuvas. Em algumas regiões foi registrada a preocupação dos produtores, devido principalmente ao preço considerado baixo, negociado para exportação. Isso poderá ocasionar redução do investimento na cultura, no que se refere à aquisição de sementes reclassificadas e aplicação de menores doses de adubo. O plantio praticamente já foi finalizado para as áreas de sequeiro e se espera um aumento de 125% no volume produzido caso se confirme a produtividade esperada.

Na Região Sudeste, a área levantada pela pesquisa mostra incremento de 2,5% em relação ao ocorrido na safra passada. Em Minas Gerais, estima-se incremento de 2,2% na área de plantio, passando de 371 mil hectares para 379,1 mil hectares. O plantio teve início em janeiro, com maior concentração em fevereiro e se estendeu até meados de março. Em razão das boas condições climáticas, estima-se uma produtividade média de 5.265 kg/ha, incremento de 140,3% em relação à safra anterior, diferença justificada pelas elevadas perdas registradas na safra 2015/16 em decorrência da grande estiagem verificada. As lavouras já plantadas se encontram nas fases de desenvolvimento vegetativo (80%) e floração (20%).

Em São Paulo, com a expectativa de continuidade dos bons preços atuais e no médio prazo, há uma sinalização de incremento na área plantada, estimada atingir 2,8% em relação ao exercício passado. O milho segunda safra vem cumprir um importante papel no abastecimento estadual, especialmente entre os suinocultores e avicultores.

A posição consolidada da área, reunindo a primeira e segunda safras no exercício 2016/17, deverá atingir 17.244,4 mil hectares, representando um incremento de 8,3% se comparado com o plantio passado. A persistirem as boas condições climáticas nas principais regiões do país, é razoável admitir uma produção recorde, atingindo 92,8 milhões de toneladas, com um incremento percentual de 39,5% em relação à safra passada.



Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra

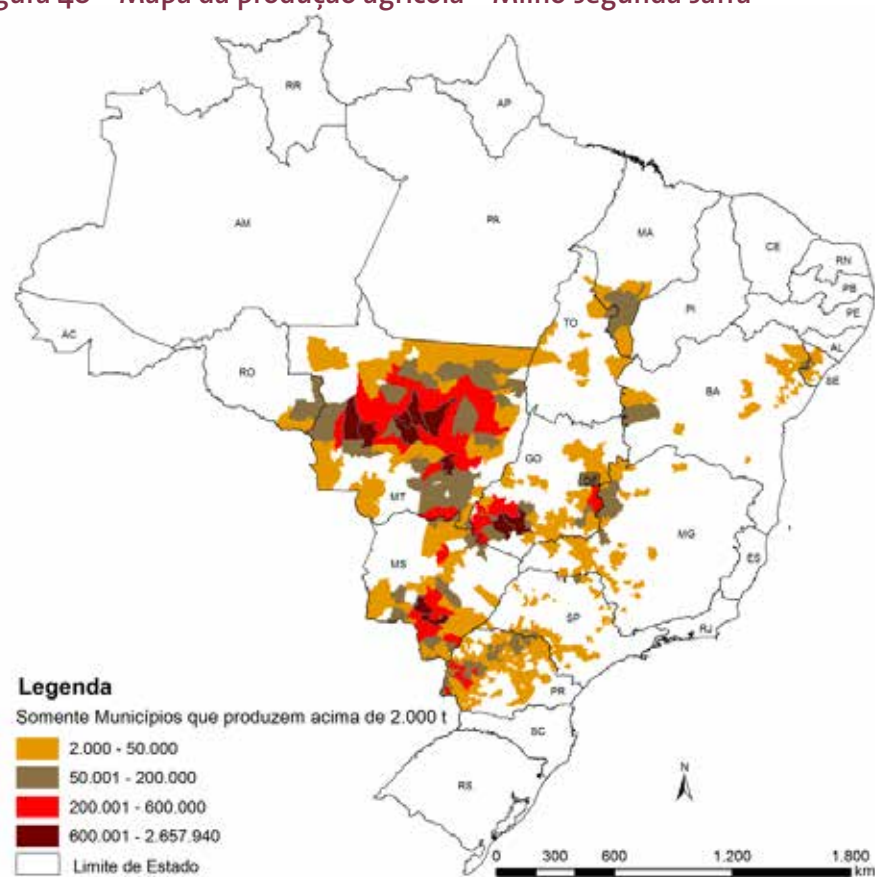
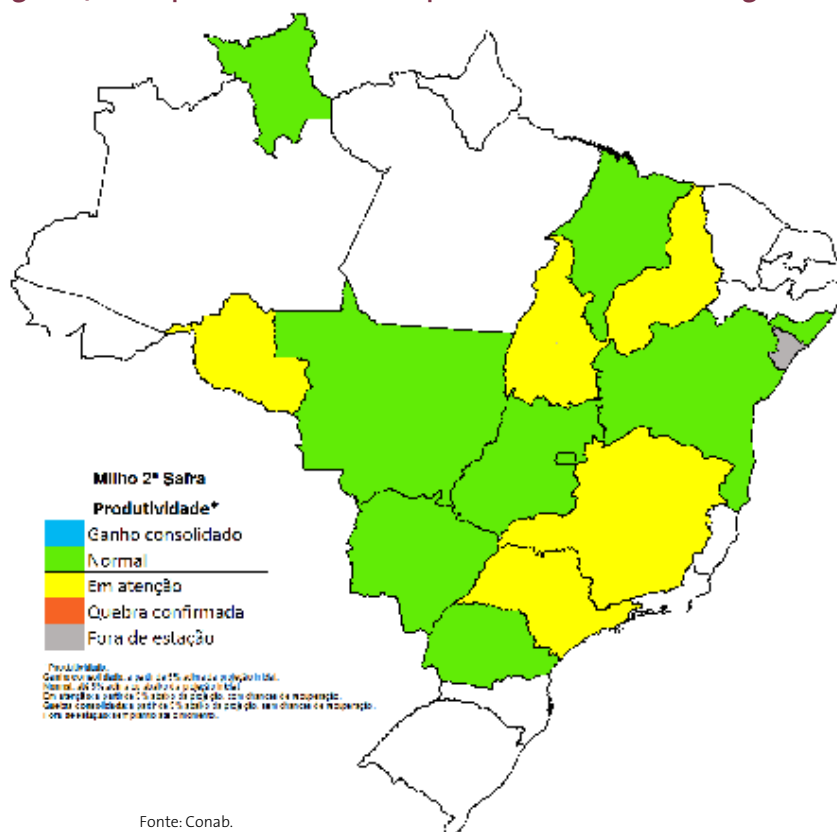


Figura 41 – Mapa da estimativa de produtividade – Milho segunda safra



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
BA	Nordeste Baiano - BA	C							PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
SP	Assis - SP						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
	Itapetininga - SP						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C	
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	246,2	386,7	57,1	3.816	4.018	5,3	939,5	1.553,8	65,4
RR	4,6	4,5	(2,8)	3.036	3.450	13,6	14,0	15,5	10,7
RO	119,5	145,4	21,7	4.613	4.034	(12,6)	551,3	586,5	6,4
PA	26,5	89,1	236,2	3.072	3.290	7,1	81,4	293,1	260,1
TO	95,6	147,7	54,5	3.063	4.460	45,6	292,8	658,7	125,0
NORDESTE	560,0	701,7	25,3	1.015	3.260	221,1	568,7	2.287,6	302,3
MA	85,9	201,9	135,0	1.784	4.200	135,4	153,2	848,0	453,5
PI	21,5	47,2	119,7	1.756	4.000	127,8	37,8	188,8	399,5
AL	28,3	28,3	-	674	630	(6,5)	19,1	17,8	(6,8)
SE	177,0	177,0	-	795	4.390	452,2	140,7	777,0	452,2
BA	247,3	247,3	-	881	1.844	109,3	217,9	456,0	109,3
CENTRO-OESTE	6.747,1	7.402,2	9,7	3.824	5.644	47,6	25.798,5	41.780,4	61,9
MT	3.769,0	4.353,2	15,5	3.999	5.679	42,0	15.072,2	24.721,8	64,0
MS	1.665,0	1.749,9	5,1	3.679	5.140	39,7	6.125,5	8.994,5	46,8
GO	1.274,7	1.260,7	(1,1)	3.537	6.130	73,3	4.508,6	7.728,1	71,4
DF	38,4	38,4	-	2.400	8.750	264,6	92,2	336,0	264,4
SUDESTE	814,3	834,9	2,5	2.793	4.597	64,6	2.274,5	3.838,4	68,8
MG	371,0	379,2	2,2	2.191	5.265	140,3	812,9	1.996,5	145,6
SP	443,3	455,7	2,8	3.297	4.042	22,6	1.461,6	1.841,9	26,0
SUL	2.198,3	2.377,9	8,2	5.091	5.560	9,2	11.191,5	13.221,1	18,1
PR	2.198,3	2.377,9	8,2	5.091	5.560	9,2	11.191,5	13.221,1	18,1
NORTE/NORDESTE	806,2	1.088,4	35,0	1.871	3.530	88,7	1.508,2	3.841,6	154,7
CENTRO-SUL	9.759,7	10.615,0	8,8	4.023	5.543	37,8	39.264,5	58.840,0	49,9
BRASIL	10.565,9	11.703,4	10,8	3.859	5.356	38,8	40.772,7	62.681,6	53,7

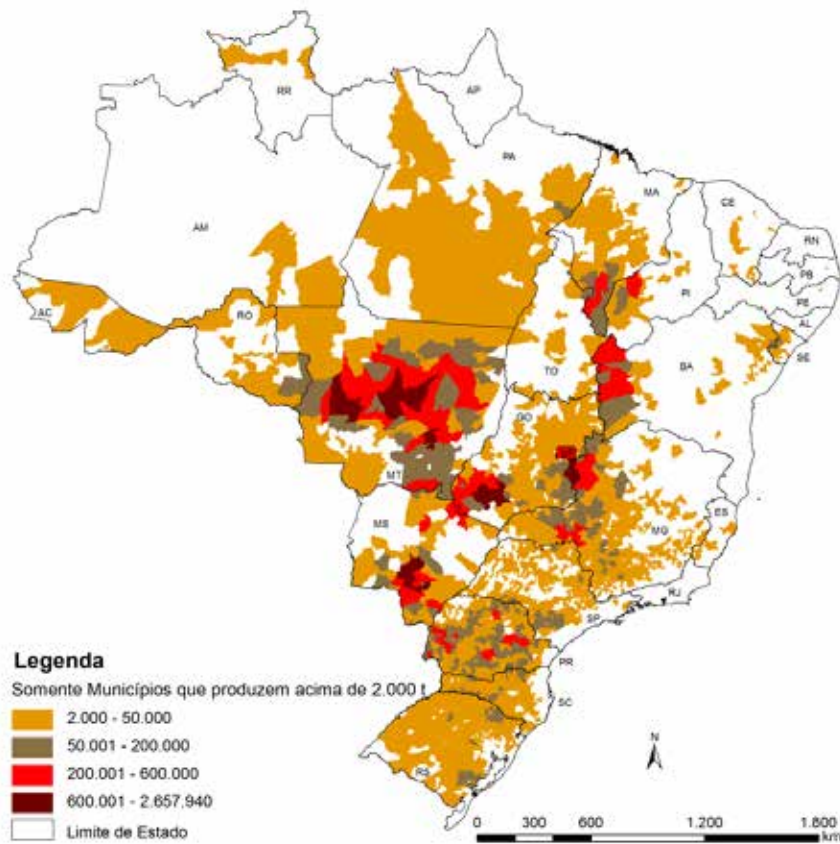
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



9.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 42 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	573,2	692,9	20,9	3.431	3.644	6,2	1.966,8	2.525,1	28,4
RR	4,6	4,5	(2,2)	3.036	3.450	13,6	14,0	15,5	10,7
RO	158,1	184,0	16,4	4.135	3.745	(9,5)	653,8	689,0	5,4
AC	39,6	34,9	(11,9)	2.442	2.350	(3,8)	96,7	82,0	(15,2)
AM	5,4	9,1	68,5	2.515	2.550	1,4	13,6	23,2	70,6
AP	1,8	1,7	(5,6)	902	980	8,6	1,6	1,7	6,3
PA	196,1	265,1	35,2	3.299	3.140	(4,8)	646,9	832,4	28,7
TO	167,6	193,6	15,5	3.223	4.552	41,2	540,2	881,3	63,1
NORDESTE	2.425,2	2.578,7	6,3	1.417	2.525	78,2	3.435,4	6.511,1	89,5
MA	354,3	485,1	36,9	2.468	4.129	67,3	874,4	2.003,2	129,1
PI	492,5	461,7	(6,3)	1.502	2.703	80,0	739,5	1.247,8	68,7
CE	460,2	511,3	11,1	356	847	137,9	163,8	433,1	164,4
RN	25,0	29,2	16,8	309	580	87,7	7,7	16,9	119,5
PB	84,6	95,8	13,2	237	463	95,4	20,1	44,4	120,9
PE	184,6	161,2	(12,7)	120	248	106,9	22,2	40,0	80,2
AL	28,3	28,3	-	674	630	(6,5)	19,1	17,8	(6,8)
SE	177,0	177,0	-	795	4.390	452,2	140,7	777,0	452,2
BA	618,7	629,1	1,7	2.340	3.069	31,2	1.447,9	1.930,9	33,4
CENTRO-OESTE	7.067,4	7.752,2	9,7	3.996	5.752	43,9	28.244,4	44.588,5	57,9
MT	3.800,1	4.386,6	15,4	4.019	5.694	41,7	15.271,6	24.978,2	63,6
MS	1.681,0	1.777,9	5,8	3.730	5.199	39,4	6.269,5	9.243,1	47,4
GO	1.521,1	1.520,7	-	4.228	6.450	52,6	6.430,5	9.808,1	52,5
DF	65,2	67,0	2,8	4.184	8.344	99,4	272,8	559,1	104,9
SUDESTE	2.051,3	2.135,6	4,1	4.775	5.620	17,7	9.794,3	12.002,6	22,5
MG	1.208,4	1.288,6	6,6	4.900	6.034	23,1	5.921,0	7.774,8	31,3
ES	13,6	13,4	(1,5)	2.910	2.857	(1,8)	39,6	38,3	(3,3)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.332	(10,3)	5,2	6,3	21,2
SP	827,3	830,9	0,4	4.628	5.035	8,8	3.828,5	4.183,2	9,3
SUL	3.805,4	4.085,0	7,3	6.068	6.660	9,8	23.089,7	27.205,2	17,8
PR	2.612,4	2.879,8	10,2	5.545	6.202	11,9	14.484,9	17.860,2	23,3
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	8.144	11,1	2.712,1	3.260,0	20,2
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.560	5,6	5.892,7	6.085,0	3,3
NORTE/NORDESTE	2.998,4	3.271,6	9,1	1.802	2.762	53,3	5.402,2	9.036,2	67,3
CENTRO-SUL	12.924,1	13.972,8	8,1	4.730	5.997	26,8	61.128,4	83.796,3	37,1
BRASIL	15.922,5	17.244,4	8,3	4.178	5.383	28,8	66.530,6	92.832,5	39,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

9.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Tabela 38 – Balanço de oferta e demanda de milho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
2015/16	10.401,3	66.530,6	3.338,1	80.270,0	53.387,8	18.883,2	7.999,0
2016/17	7.999,0	92.832,5	500,0	101.331,5	56.100,0	25.500,0	19.731,5

Fonte: Conab.



O quadro de oferta e demanda deste mês evidencia as boas condições das lavouras do milho segunda safra, provocando a expectativa de uma safra bastante substancial, acima de 92,8 milhões de toneladas.

Obviamente que, uma oferta desta ordem provoca uma forte pressão nos preços internos do milho, nas principais praças produtoras, bem como apreensão por parte dos produtores rurais.

Uma tentativa de diminuir o impacto do excesso de produção seria aumentar a demanda total e, com isso, diminuir o estoque final (*"carry over"*), que tende a ser recorde.

No que se refere à demanda doméstica, o aumento de 53,4 para 56,1 milhões de toneladas, entre a safra

2015/16 e 2016/17, deve-se, basicamente, há um incremento na produção de etanol à base de milho, nos estados do Centro-Oeste e, muito pouco, em relação ao atendimento da produção animal, mesmo por que, em alguns casos, o plantel de animais tende a ser menor, ainda sobre os efeitos dos elevados preços de milho registrados ao longo do ano de 2016, da crise econômica do país (provocando diminuição do consumo) e da operação Carne Fraca.

Para ilustrar, dados da Apinco mostram uma redução do alojamento de pintainhas que ocorreram desde junho de 2016 que há uma sequência de redução do número de cabeças, quando comparado ao mesmo período do ano anterior e, segundo, o setor a tendência de queda deve se confirmar para os próximos meses.

Tabela 39 – Alojamento de pintos de corte - Evolução mensal - Milhões de cabeças

MÊS	2015/2016	2016/2017	VAR. %
Fevereiro	495,89	538,40	8,57%
Março	523,16	561,48	7,32%
Abril	527,19	540,96	2,61%
Maio	535,53	542,15	1,24%
Junho	552,17	551,13	-0,19%
Julho	573,27	514,83	-10,19%
Agosto	551,90	546,84	-0,92%
Setembro	555,22	497,70	-10,36%
Outubro	581,60	510,63	-12,20%
Novembro	497,60	525,17	5,54%
Dezembro	572,41	560,27	-2,12%
Janeiro	560,41	535,65	-4,42%
Em 01 mês	560,41	535,65	-4,42%
Em 12 meses	6.526,33	6.425,20	-1,55%

Fonte: Apinco, Avisite.

Assim, até o momento, não se imagina um incremento na demanda interna de milho acima de 56,1 milhões de toneladas.

O segundo ponto que pode exercer influência nesta safra sobre os estoques finais de milho para esta safra é a exportação. Neste levantamento estima-se um pequeno incremento no número final de embarque de milho, dado que há informações de que, segundo o Imea, cerca de 43% da segunda safra de milho já foi comercializada, além deste instituto prever uma exportação estadual de, aproximadamente, 15 milhões de toneladas.

Além disso, há informações que o estado de Goiás já comercializou 35% da safra antecipadamente, o que equivaleria algo em torno de 3,5 milhões de toneladas. Mesmo com a possibilidade de uma parte deste volu-

me ser destinado ao mercado interno, é possível que o maior volume vá para a exportação.

No entanto, para alcançar ou até superar o volume de 26 milhões de toneladas projetados, as condições de fluxo de escoamento e paridade de exportação têm que ser melhores do que as atuais.

No caso do escoamento, a comercialização da soja, que se encontra atrasada em relação ao que se imaginava e com tendência de se realizar uma boa parte no período de exportação do milho, podendo influenciar no ritmo dos embarques.

Já a paridade, a ponta vendedora deve querer negociar o produto com prêmio nos portos melhores do que a ponta compradora, o que permitiria uma paridade melhor, onde os vendedores dariam preferência



às negociações com o mercado externo. Atualmente isso não vem acontecendo, o que está travando as negociações futuras.

Os preços do cereal seguem em queda, tanto no mercado spot, quanto no futuro. Nos Estados do Rio Grande do Sul e Paraná, já há milho R\$ 26,00 e 27,00/60Kg no disponível e R\$ 20,00 a 23,00/60Kg no balcão.

No Oeste Baiano, o mercado encontra-se por volta de R\$ 23,00/60Kg e em queda, se aproximando do preço

mínimo de R\$ 21,60/60Kg.

No Mato Grosso, o mercado futuro (agosto/setembro) tem ofertado negócios que variam entre R\$ 12,00 e 13,50/60Kg, na Região do Médio Norte Matogrossense.

Então, com as exportações previstas em 25,5 milhões de toneladas, o estoque de passagem deve permanecer elevado em 19,7 milhões de toneladas do grão.

9.1.8. SOJA

O oitavo levantamento de safra da soja consolida o crescimento na área plantada em 1,8%, comparado ao plantio da safra anterior. O aumento no plantio da oleaginosa foi ajudado pelo bom comportamento do clima nos diversos estágios de desenvolvimento das lavouras, no exercício 2016/17.

Na Região Sul houve, ao longo dos levantamentos realizados, redução da área plantada em relação ao ocorrido no ano anterior, atingindo 11.465,1 mil hectares, contra 11.545,4 mil hectares da temporada passada. São boas as produtividades alcançadas devido à regularidade das precipitações, boa insolação e manejo adequado das lavouras. No Rio Grande do Sul, a cultura encontra-se em fase final de colheita, com 88% da área finalizada. Na metade norte do estado, nas regiões de Passo Fundo, Sarandi, Cruz Alta, Palmeira das Missões e Erechim, a lavoura se encontra praticamente finalizada. As condições para o desenvolvimento foram ótimas durante todo o período, proporcionando produtividades elevadas em todas as regiões, mesmo naquelas onde o cultivo não é tradicional. Em municípios com grande aptidão verificou-se produtividades médias superiores a 3.900 kg/ha. Além das boas condições meteorológicas dessa safra, o material genético, maquinário moderno e a tecnologia empregada foram responsáveis pelo aumento da produtividade alcançada, fazendo com que essa seja a maior safra de soja no estado, com uma produção de 18,2 milhões de toneladas, cerca de 12,4% superior à observada na safra passada.

Em Santa Catarina, a colheita da soja alcançou na semana do levantamento 88% da área total. Da mesma forma para o milho, a produtividade tem superado as estimativas iniciais, devendo alcançar médias próximas de 3.570 kg/ha. O clima em abril favoreceu a colheita em todas as regiões. Chuvas fracas, seguidas por aberturas de sol, favoreceram o avanço da maturação das lavouras e manutenção da qualidade do grão, tanto industrial quanto o destinado para sementes. Devido ao cultivo de áreas com safrinha, localizadas, principalmente no meio-oeste do estado,

ainda teremos colheita até o final de maio ou início de junho. Estas áreas, ainda que em menor quantidade, por serem cultivadas fora da época recomendada, irão apresentar menores produtividades, que não devem influenciar no resultado alcançado até o momento. A comercialização mais lenta nesta temporada, está forçando as empresas (cooperativas e cerealistas) a enfrentarem problemas relacionados a espaço para armazenar o produto, haja vista a maior produção e a velocidade da colheita.

No Paraná a área plantada com a oleaginosa, totalizando 5.255,1 mil hectares, encontra-se totalmente colhida, apresentando rendimento de 3.714 kg/ha. As condições climáticas durante todo o desenvolvimento vegetativo das lavouras e o uso de tecnologias foram os responsáveis por esta excelente produtividade. Apesar de a safra ser recorde, com produção total 15,9% acima da safra passada, a comercialização está muito lenta, estimando-se que até o momento tenha sido realizada 36% da produção total.

Na Região Sudeste alterou-se a estimativa de redução da área plantada com a oleaginosa para um crescimento de 0,9% em relação ao ocorrido no exercício anterior, decorrente, basicamente, de ajustes na área plantada em Minas Gerais. Nesse estado a área foi estimada em 1.456,1 mil hectares, representando uma redução de 0,9% em comparação com a safra passada. Projeta-se uma produtividade média de 3.451 kg/ha, superior em 7,2% à safra anterior, por conta da estiagem verificada especialmente na região noroeste, entre meados de dezembro e janeiro de 2017, que atingiu as lavouras na fase de granação. Espera-se alcançar uma produção de 5.025 mil toneladas, com um crescimento de 6,2% em relação a 2016.

São Paulo, cuja safra apresentou importante incremento na área plantada, 4% em relação à safra passada, deverá obter resultados importantes nas produtividades em virtude das condições climáticas favoráveis ao longo do ciclo da cultura e da utilização



de cultivares adaptados e resistentes/tolerantes às pragas e doenças. Com a colheita quase encerrando, a produtividade está estimada atingir 3.424 kg/ha, ressaltando nessa safra, o cuidado dos produtores na condução das lavouras, desde a semeadura até a colheita.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora da oleaginosa no país, a área plantada deverá apresentar incremento de 1,8% em relação ao exercício passado. Em Mato Grosso, após o período da colheita da soja, o balanço geral da safra 2016/17 está sendo considerado como bastante positivo. As condições climáticas contribuíram para a produtividade média alcançada de 3.273 kg/ha, rendimento 14,9% superior à safra anterior, que foi de 2.848 kg/ha. Em relação à área plantada, a pesquisa registrou incremento de 2% na lavoura estadual de soja, saindo de 9.140 mil hectares na safra 2015/16 para 9.322,8 mil hectares na atual. Portanto, maior área e maior produtividade da oleaginosa projetam produção de 30.513,5 mil toneladas de soja na safra 2016/17, volume 17,2% superior às 26.030,7 mil toneladas produzidas na safra passada.

Em Mato Grosso do Sul as lavouras já foram praticamente colhidas, à exceção das áreas cultivadas com soja safrinha principalmente para a produção de sementes. A comercialização segue lenta, estimando-se um percentual de 44% já comercializado na safra 2016/17, com os produtores insatisfeitos com os atuais níveis de preços. Nessa mesma época do ano passado, mais de 60% da produção já estava comercializada, e os produtores mais capitalizados estão aguardando uma melhora nos preços para a venda do produto armazenado, notando-se apenas as movimentações relacionadas aos cumprimentos dos contratos e pagamento de dívidas. Este quadro está trazendo algumas implicações relacionados à armazenagem. Com a colheita do milho safrinha previsto iniciar em junho, já existe uma forte preocupação a respeito do armazenamento da produção estadual de grãos. Uma alternativa para tanto é o silo bolsa. Esta técnica, apesar de necessitar de estrutura própria, mão de obra especializada e do risco da perda da qualidade do produto por avarias no silo bolsa, a opção surge como alternativa para o armazenamento dos grãos de milho a serem colhidos.

Em Goiás, a colheita foi finalizada e a produtividade média está sendo estimada em 3.300 kg/ha. Havia a preocupação de que a estiagem ocorrida durante o último decêndio de dezembro e fim da primeira quinzena de janeiro, influenciasse negativamente a soja plantada na região leste do estado. No entanto, conforme constatado na colheita, a produtividade alcançada foi considerada excepcional pelos produtores. A baixa incidência de pragas ao longo do ciclo da

cultura, a boa distribuição de chuvas na maior parte das fases fenológicas das plantas, o maior investimento em tecnologias principalmente na aquisição de máquinas agrícolas, implementos e colheitadeiras modernas, foram responsáveis pelos excelentes patamares de produtividade vivenciada pelos sojicultores goianos na safra 2016/17.

Na Região Norte-Nordeste ocorreu o maior incremento percentual da área plantada com a oleaginosa no país, 8,9%. Em Tocantins a cultura se encontra no final de colheita, registrando cerca 4,9% da área ainda em maturação. A produtividade nesta safra deve ser 50,4% maior do que na safra passada. As lavouras se desenvolveram bem e na maior parte das regiões a produtividade se manteve dentro da média esperada. Uma redução em relação à produtividade esperada para algumas regiões produtoras se deve ao fato de que as variedades mais precoces sofreram mais com o veranico entre final de dezembro e início de janeiro, quando se encontravam em plena fase de formação e enchimento de grãos. No final do ciclo foi registrado aumento significativo na população e ataques de mosca branca em diversas regiões do estado, ocasionando perda branda em algumas lavouras. Alguns produtores relataram dificuldades no combate à praga.

Na Bahia, a colheita atinge 90% da área plantada. O cultivo da soja ocupa a área de 1.580,3 mil hectares. Os números da safra atual representam aumento de 3,5% na área cultivada e aumento de 45,5% na produção de grãos em relação à safra passada. Os campos de soja estão localizados no centro-sul, no Vale do São Francisco e no extremo-oeste, em manejo irrigados e sequeiro, com plantio direto e convencional, e com rotação da cultura com o algodão, milho, sorgo, milheto e/ou pastagem. No centro-sul estima-se o cultivo de 500 hectares em manejo de sequeiro. As lavouras foram plantadas em dezembro e sofreram com a intensidade da estiagem que castiga a região. Como não ocorreram chuvas em janeiro e fevereiro, a lavoura foi perdida. No vale do São Francisco estima-se o cultivo de 2,5 mil hectares em manejo irrigado com pivô central em alternância com a cultura do algodão. Os plantios foram realizados em outubro e a colheita em janeiro e fevereiro. Foram colhidas 9,9 mil toneladas, com rendimento de 4.050 kg/ha.

No extremo oeste estima-se o cultivo de 1.577 mil hectares, reunindo os cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central. As lavouras irrigadas estão estimadas em 40 mil hectares. Foram plantadas em outubro e a colheita realizada em fevereiro e março. Foram produzidas 192 mil toneladas de grãos, com rendimento de 4.800 kg/ha. Após a colheita as áreas irrigadas foram plantadas com algodão, milho, feijão e sorgo. As áreas



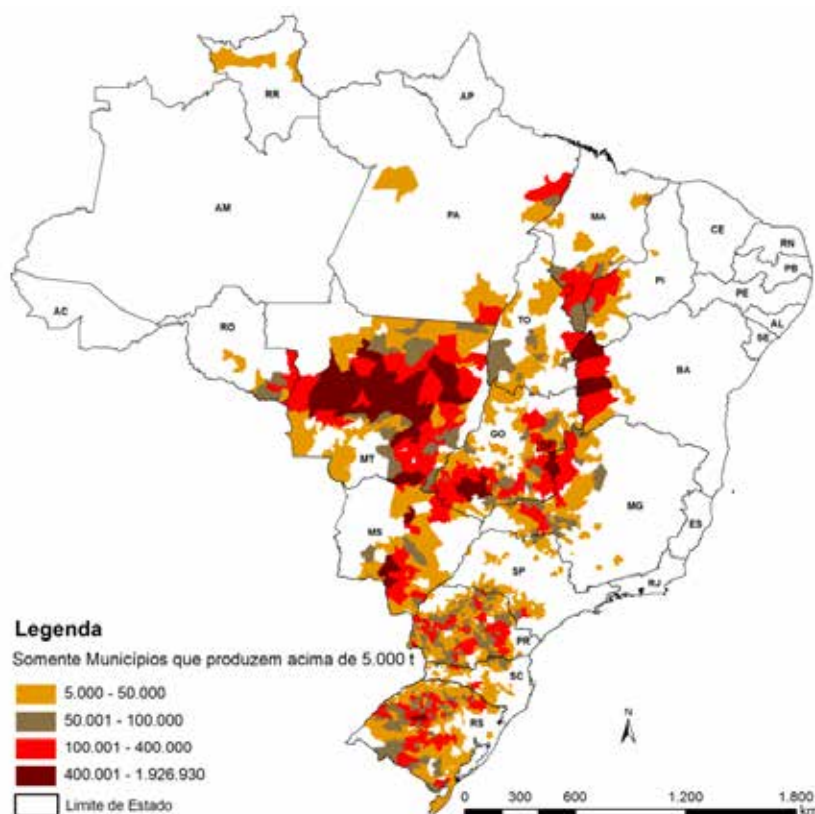
de sequeiro foram plantadas em novembro e dezembro e estão estimadas em 1.537 mil hectares. Após o veranico registrado no final de dezembro e início de janeiro a chuva voltou de forma irregular na região. Relatos dos produtores e consultores da região informam que as chuvas foram mais abundantes e regulares na porção noroeste do extremo oeste, menos regular nas demais áreas. As primeiras áreas colhidas na porção noroeste atingiram produtividades de 4.800 kg/ha e outras áreas com menor regularidade de chuvas atingiram de 2.400 a 4.200 kg/ha. As chuvas ocorridas no final de março e início de abril, coincidindo com a fase de enchimento de grãos, poderão dar condições de aumento da produtividade média na região.

No Maranhão ocorreu alteração positiva na área plantada nesta safra de 4,2% em relação à safra anterior. Com a colheita em fase adiantada, a produtividade está sendo estimada em 3.077 kg/ha e a produção em 2.521 mil toneladas. A colheita nas regiões de Balsas e Tocantina está praticamente finalizada e no contexto estadual, cerca de 77% das lavouras já foram colhidas. No Piauí ocorreu aumento da área de soja na ordem de 22,8% em virtude do retorno das áreas que

migraram para o milho na safra passada por ocasião dos problemas climáticos, além de incrementos provenientes da cessão feita por outras culturas. A colheita da soja está em sua fase final, com cerca de 20% da área já realizada e as demais áreas encontram-se nas fases de frutificação (10%) e maturação (70%). O período crítico de incidência de pragas já passou, e as lavouras apresentam excelentes condições de desenvolvimento. Com as primeiras áreas já colhidas, existem indicativos de produtividades acima da média dos últimos anos. Nos primeiros plantios desta safra foram utilizadas sementes de ciclo precoces com o objetivo de fazer um segundo cultivo nas áreas, principalmente de milho e sorgo. Já a partir da segunda quinzena de novembro utilizou-se majoritariamente sementes de ciclo médio e tardio.

O desempenho observado nas diversas regiões produtoras nesta temporada indica, para a oleaginosa, uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingindo o percentual de 1,8% em relação à safra passada, totalizando 33.856,0 mil hectares, com uma expectativa de produção de 113.013,4 mil toneladas.

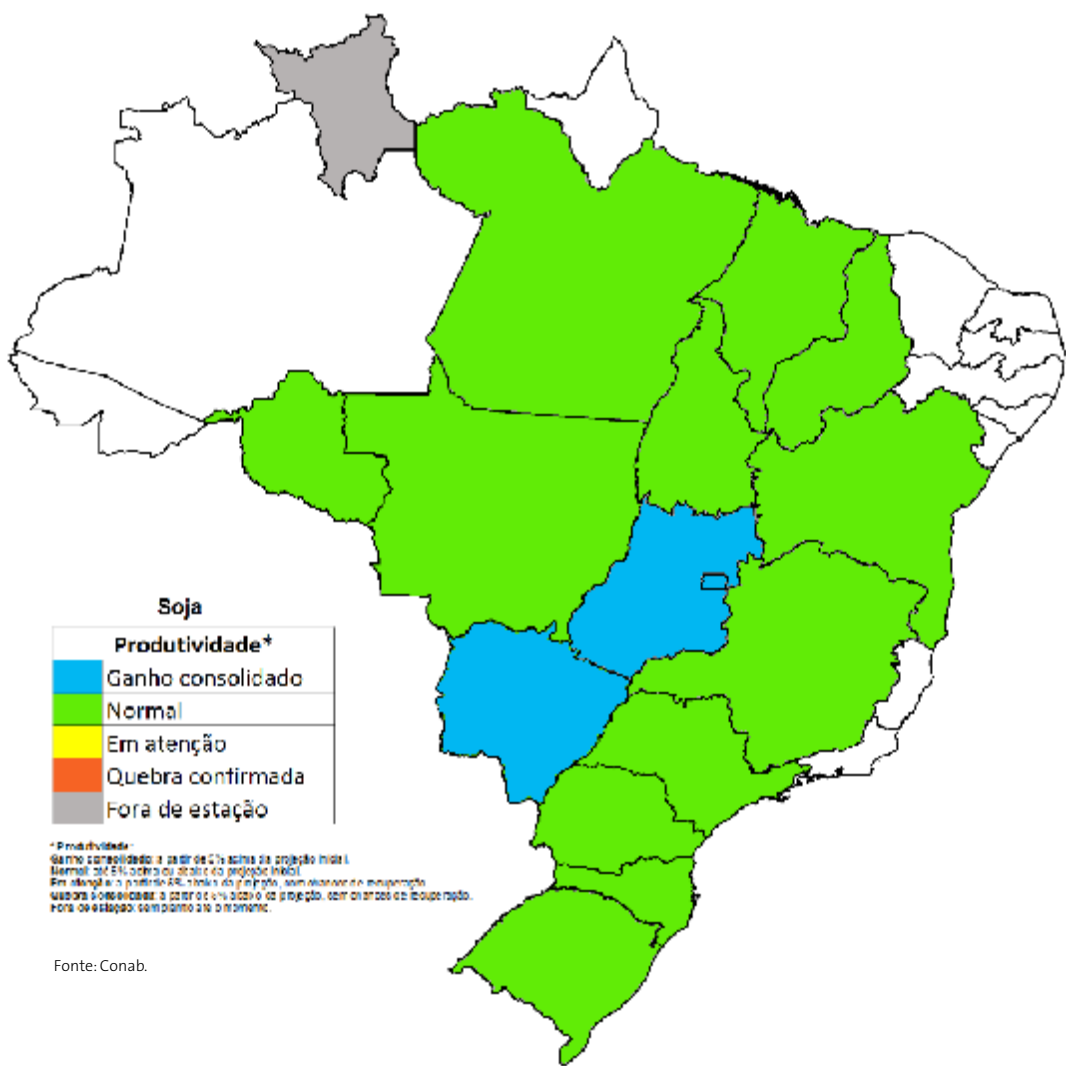
Figura 43 – Mapa da produção agrícola – Soja



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 44 – Mapa da estimativa de produtividade – Soja



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Soja

UF	Mesorregiões	Soja primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		PP	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.576,3	1.755,9	11,4	2.423	3.036	25,3	3.818,9	5.330,3	39,6
RR	24,0	30,0	25,0	3.300	3.300	-	79,2	99,0	25,0
RO	252,6	289,0	14,4	3.028	3.119	3,0	765,0	901,4	17,8
PA	428,9	480,8	12,1	3.003	3.211	6,9	1.288,0	1.543,8	19,9
TO	870,8	956,1	9,8	1.937	2.914	50,4	1.686,7	2.786,1	65,2
NORDESTE	2.878,2	3.093,4	7,5	1.774	3.051	71,9	5.107,1	9.438,1	84,8
MA	786,3	819,3	4,2	1.590	3.077	93,5	1.250,2	2.521,0	101,6
PI	565,0	693,8	22,8	1.143	3.000	162,5	645,8	2.081,4	222,3
BA	1.526,9	1.580,3	3,5	2.103	3.060	45,5	3.211,1	4.835,7	50,6
CENTRO-OESTE	14.925,1	15.193,6	1,8	2.931	3.301	12,6	43.752,6	50.149,9	14,6
MT	9.140,0	9.322,8	2,0	2.848	3.273	14,9	26.030,7	30.513,5	17,2
MS	2.430,0	2.522,3	3,8	2.980	3.400	14,1	7.241,4	8.575,8	18,4
GO	3.285,1	3.278,5	(0,2)	3.120	3.300	5,8	10.249,5	10.819,1	5,6
DF	70,0	70,0	-	3.300	3.450	4,5	231,0	241,5	4,5
SUDESTE	2.326,9	2.348,0	0,9	3.255	3.441	5,7	7.574,9	8.078,9	6,7
MG	1.469,3	1.456,1	(0,9)	3.220	3.451	7,2	4.731,1	5.025,0	6,2
SP	857,6	891,9	4,0	3.316	3.424	3,3	2.843,8	3.053,9	7,4
SUL	11.545,4	11.465,1	(0,7)	3.047	3.490	14,5	35.181,1	40.016,2	13,7
PR	5.451,3	5.255,1	(3,6)	3.090	3.714	20,2	16.844,5	19.517,4	15,9
SC	639,1	640,4	0,2	3.341	3.570	6,9	2.135,2	2.286,2	7,1
RS	5.455,0	5.569,6	2,1	2.970	3.270	10,1	16.201,4	18.212,6	12,4
NORTE/NORDESTE	4.454,5	4.849,3	8,9	2.004	3.045	52,0	8.926,0	14.768,4	65,5
CENTRO-SUL	28.797,4	29.006,7	0,7	3.004	3.387	12,7	86.508,6	98.245,0	13,6
BRASIL	33.251,9	33.856,0	1,8	2.870	3.338	16,3	95.434,6	113.013,4	18,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.

9.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

Oferta e demanda mundial

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) divulgou, dia 11 de maio de 2017, o quadro mensal de oferta e demanda mundial.

Não houve mudanças significativas nesta divulgação, apenas os ajustes esperados da safra brasileira de soja, que passou de 108 milhões de toneladas para 111 milhões de toneladas, bem como a safra argentina, que passou a vigorar em 56 milhões de toneladas.

O Usda também aumentou as importações da União Europeia em 800 mil toneladas; aumentou as exportações do Paraguai em 800 mil toneladas; os esmagamentos brasileiros em 1,22 milhão de toneladas e, finalmente, um aumento percentual de 8,65% dos estoques de passagem brasileiros, o que não foi surpresa para o mercado.

Tabela 41 - Produção mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/16 (a)	2016/17 mar(b)	2016/17 abr(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Estados Unidos	106,86	117,21	117,21	10,35	9,69	0,00	0,00
Brasil	96,50	108,00	111,00	14,50	15,03	3,00	2,78
Argentina	56,80	55,50	56,00	-0,80	-1,41	0,50	0,90
China	11,79	12,90	12,90	1,12	9,46	0,00	0,00
Outros	41,08	47,18	48,86	7,78	18,93	1,68	3,55
Total	313,02	340,79	345,97	32,94	10,52	5,18	1,52

Fonte: USDA.

Nota: Estimativa em abril/2017.



Tabela 42 - Importação mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/16 (a)	2016/17 mar(b)	2016/17 abr(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	83,23	87,00	88,00	4,77	5,73	1,00	1,15
União Europeia	15,01	13,80	14,60	-0,41	-2,71	0,80	5,80
México	4,13	4,20	4,20	0,07	1,79	0,00	0,00
Japão	3,19	3,10	3,20	0,01	0,44	0,10	3,23
outros	27,85	30,15	30,05	2,20	7,89	-0,10	-0,33
Total	133,40	138,25	140,05	6,65	4,98	1,80	1,30

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em abril/2017.

Tabela 43 - Exportação mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/16 (a)	2016/17 mar(b)	2016/17 abr(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Brasil	54,38	61,00	61,90	6,62	13,82	0,90	1,48
Estados Unidos	52,69	55,11	55,11	2,42	4,60	0,00	0,00
Argentina	9,92	9,00	9,00	-0,92	-9,27	0,00	0,00
Paraguai	5,31	5,40	6,20	0,09	16,76	0,80	14,81
outros	9,94	10,59	11,09	0,65	11,62	0,50	4,72
Total	132,24	141,11	143,30	8,87	8,37	2,20	1,56

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em abril/2017.

Tabela 44 - Esmagamento mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/16 (a)	2016/17 mar(b)	2016/17 abr(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	81,30	86,50	86,50	5,20	6,40	0,00	0,00
Estados Unidos	51,34	52,80	52,80	1,46	2,85	0,00	0,00
Argentina	43,23	45,30	45,30	2,07	4,79	0,00	0,00
Brasil	39,90	41,00	41,50	1,60	4,01	0,50	1,22
outros	59,68	65,95	65,85	6,17	10,35	-0,10	-0,15
Total	275,44	291,55	291,95	16,51	5,99	0,40	0,14

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em abril/2017.

Tabela 45 - Estoque final mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/16 (a)	2016/17 mar(b)	2016/17 abr(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Argentina	31,95	29,70	30,40	-1,55	-4,85	0,70	2,36
Brasil	18,05	20,80	22,60	4,55	25,21	1,80	8,65
China	16,91	15,56	16,56	-0,35	-2,07	1,00	6,43
Estados Unidos	5,35	11,84	12,12	6,77	126,45	0,28	2,37
outros	4,63	3,62	4,43	-0,20	-4,32	0,81	22,39
Total	77,13	82,82	87,41	10,29	13,34	4,59	5,54

Fonte: USDA.

Nota: Estimativa em abril/2017.



Preços internacionais

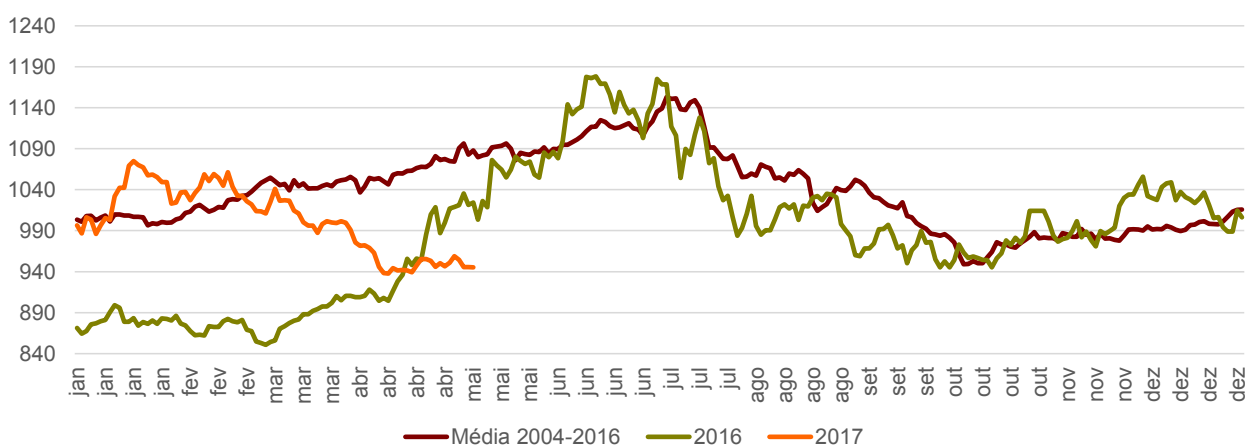
Os preços, primeira entrega na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) que vêm numa escalada de baixa desde de fevereiro de 2017, reprimidos pelo excesso de oferta mundial em abril ficaram, pela primeira vez, abaixo dos preços praticados em 2016.

Ao contrário de abril de 2016, onde os preços internacionais estavam em forte alta, em abril de 2017 os preços continuaram em queda, e após chegar ao valor de UScents 937,60/bu no início de abril, na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) tiveram uma leva alta e

estabilizaram-se, em média, a UScents 947,54/bu, todavia, ainda muito baixo.

Aparentemente os preços internacionais estão encontrando suporte perto dos US\$ 9,40/bu, no entanto, ainda não há nenhum motivo para que voltem a subir. Apesar da forte demanda chinesa, a oferta mundial ainda está com bastante folga. Além disso, as exportações brasileiras, apesar de maiores que em 2016, estão abaixo do esperado para 2017, o que tem influenciado nos preços internacionais.

Gráfico 40 - Preços spot médios na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT)



Mercado nacional - Oferta e demanda nacional

Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), no seu oitavo levantamento de safras, a produção nacional de soja em grãos para a safra 2016/2017 será de 113,01 milhões de toneladas.

O consumo interno deve ter um aumento de aproximadamente 781 mil toneladas, passando a vigorar com o valor de 47,28 milhões de toneladas.

A comercialização da safra atual continua abaixo do percentual esperado para este período. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) a exportação de soja do mês de abril de 2017 fechou em 10,43 milhões de toneladas. A soma das exportações dos quatro primeiros meses de 2017 é de 23,64 milhões de toneladas. Este valor é superior em mais de 3,76 milhões de toneladas ao mesmo período de 2016, porém, abaixo do valor esperado para o quadrimestre, onde o Brasil

deveria ter exportado por volta de 25,48 milhões de toneladas, para se chegar aos estimados 63 milhões de toneladas para 2017.

Para o mês de maio de 2017 as exportações devem ficar acima de 12 milhões de toneladas para alcançar o valor de 63 milhões de toneladas estimados. Todavia, caso as exportações continuem no mesmo ritmo diário de abril, a probabilidade é de que as exportações para este mês cheguem ao valor de 12,75 milhões de toneladas.

Porém, a média diária tem arrefecido nas últimas semanas. Na primeira semana de abril as exportações médias diárias eram estimadas em 602,45 mil toneladas, já na primeira semana de maio esta média diminuiu para 579,56 mil toneladas.



Tabela 46 - Exportações brasileiras

MÊS/ANO	2016	2017	Valor de Exportação Esperado para 2017	
	Quant. (t)	Quant. (a) (t)	Quant. (b) (t)	Diferença (a-b)
				Exportado - Esperado
JAN	394.432	911.827	481.207	430.620
FEV	2.036.818	3.509.447	2.484.918	1.024.529
MAR	8.374.549	8.791.300	10.216.950	-1.425.650
ABR	10.085.881	10.432.129	12.304.775	-1.872.646
MAI	9.915.099		12.096.421	
JUN	7.761.036		9.468.464	
1º sem.	38.567.816	23.644.703	47.052.735	
JUL	5.787.203		7.060.387	
AGO	3.816.071		4.655.606	
SET	1.443.402		1.760.950	
OUT	998.192		1.217.794	
NOV	316.094		385.635	
DEZ	653.098		796.780	
2º sem.	13.014.059		15.877.152	
TOTAL	51.581.875	35.741.125	63.000.000	

Fonte: Conab

Finalmente, caso não haja nenhum aumento nas exportações e consumo para 2017, os estoques de passagem para a safra 2016/17 devem ser de 4,50 milhões de toneladas, o segundo valor mais alto dos últimos

dez anos. Apesar disso, este valor equivale a um pouco mais de um mês de consumo interno, por isso, ainda dentro da normalidade.

9.1.9. SORGO

A cultura do sorgo no país deverá ter uma área plantada de 611,7 mil hectares e uma produtividade de 2.778 kg/ha, com produção de 1.699,6 mil toneladas. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes, por isso, muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito devido ao mercado e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

O sorgo em Goiás, na região sudoeste do estado, o sorgo já foi totalmente semeado, houve uma redução de área em virtude do aumento das áreas de milho segunda safra na região. Ampliação de cerca de 16,9% na área plantada em relação à safra passada e uma boa expectativa de produção para a atual temporada. Muitos agricultores alegam notar uma diminuição da produtividade da soja em safra com rotação com sorgo na safrinha, como também dificuldades para o armazenamento e comercialização após a colheita do grão. Contudo, é esperado uma área plantada de 235 mil hectares e uma produção de 822,5 mil toneladas. No geral, as lavouras goianas encontram-se em plena fase de germinação e desenvolvimento vegetativo, apresentado-se vigorosas e com boa expectativa de produtividade.

Em Minas Gerais, estima-se um plantio de sorgo na presente safra de 175 mil hectares, superior em 1,4%,

comparada à safra anterior e produtividade média de 3.000 kg/ha, incremento de 48,7% em comparação a 2016 em razão da recuperação devido às melhores condições climáticas, se comparadas ao ano anterior. Dessa forma, espera-se uma produção de 525 mil toneladas, representando um incremento de 50,7% em relação à safra passada. O plantio teve início em fevereiro e foi concluído em março. As lavouras se encontram em desenvolvimento vegetativo.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura já foi toda plantada, predominando as fases de desenvolvimento vegetativo e floração, com bom desenvolvimento em razão das boas condições climáticas até o momento. A produtividade média esperada é de 3.300 kg/ha, para uma área total implantada de 7,7 mil hectares no estado. Houve uma redução de área de 18,9% em relação à safra passada tendo em vista principalmente aos preços atuais do milho, que refletem nos preços do sorgo.

Na Bahia, o cultivo do sorgo ocupa a área de 98,5 mil hectares. O plantio foi realizado em dois momentos, novembro e dezembro para os cultivos de sequeiro e fevereiro e março para os cultivos irrigado. A colheita foi iniciada em março, com a expectativa de produção em torno de 105,2 mil toneladas de grãos, estima-se que a colheita, até o momento, tenha atingido 25%. Os números da safra atual representam aumento de



11,4% na área cultivada e aumento de 18,3% na produção de grãos em relação à safra passada. A produção de sorgo é destinada basicamente ao consumo interno, sendo consumido pelas indústrias granjeiras e pecuárias. Na Bahia, o seu cultivo é impulsionado pelas boas cotações do milho, isso porque o sorgo substitui parcialmente o milho nas rações, sem contar que a

lavoura de sorgo é menos exigente em insumos e é resistente ao estresse hídrico, sendo cultivada praticamente com os resíduos da cultura anterior. Os campos de sorgo estão distribuídos pelo Centro-Norte, Centro-Sul, Vale do São Francisco e Extremo Oeste, em manejo irrigados e sequeiro, com plantio direto e convencional e com rotação de cultura com o algodão, milho e soja.

Figura 45 – Lavoura de sorgo em fase de maturação, município de Luiz Eduardo Magalhães/BA, mar/2017



Fonte: Conab

Em Mato Grosso, após a semeadura do milho segunda safra, os trabalhos de plantio foram direcionados para o sorgo, naquelas propriedades rurais em que usualmente a cultura é cultivada para cobertura vegetal do solo. A estimativa para a safra 2016/17 é de uma área de 37,6 mil hectares, um decréscimo de 23,3% em relação aos 49 mil hectares semeados na safra passada. Tal recuo no espaço dedicado ao sorgo, deve-se, em grande parte, à concorrência por espaço com o milho, que, nesta safra, registrou incremento significativo de área. A produtividade esperada é de 2.312 kg/ha, aumento de 20,7% em relação aos 1.915 kg/ha da safra anterior devido às melhores condições climáticas. Sendo assim, a produção está estimada em 86,9 mil toneladas, ante às 93,8 mil da safra anterior.

Em Tocantins, o não registro de plantio de sorgo primeira safra para esta safra se deve ao fato de que na safra passada houve algumas áreas que não foram cultivadas com soja devido à falta de chuvas para finalizar o plantio, e em janeiro essas áreas foram semeadas com sorgo apenas para que o solo não ficasse descoberto. Já nesta safra, com a regularidade das chuvas, estas áreas foram cultivadas com a soja normalmente. Neste levantamento, para o sorgo segunda safra, verificou-se um decréscimo na intenção de cultivo do grão de 29,9% ante à safra passada. Essa redução se deve ao fato de que na safra passada o sorgo ocupou lugar que seria do milho, por precaução dos produtores, dado às péssimas condições pluviométricas

registradas. Apesar da redução na área ocupada, a cultura apresenta um ganho em investimento, com maior uso de cultivares híbridos em algumas regiões do estado e espera-se uma produtividade de 12,7% maior em relação à safra passada.

Na Paraíba, o produtor paraibano tradicionalmente não planta sorgo granífero. Por fatores econômicos não tem interesse na produção do grão de sorgo, ficando restrito à exploração do sorgo forrageiro, destinado à formação de feno para consumo dos seus rebanhos. Na safra passada foram plantados 0,3 mil hectares de sorgo granífero, destinado à formação de sementes. Na presente safra é estimado um relevante acréscimo no plantio, totalizando uma área de 1,3 mil hectares, com previsão de produtividade em 1.200 kg/ha. Do total plantado, 70% foi realizado por uma empresa especializada na produção de sementes, com uso de pacote tecnológico avançado, cuja produtividade poderá atingir até 2.500 kg/ha.

Em São Paulo, o sorgo em grão tem sua demanda voltada basicamente para produção de ração, especialmente pela avicultura que é a atividade do agronegócio que mais tem demandado o seu uso. É sabido que o sorgo tem potencial para substituir parte do milho utilizado na produção de ração sem diminuição em termos nutricionais e qualitativos destas rações, bem como de ganhos na redução de custos. Dificuldade de armazenagem e preços inferiores ao milho, são os



principais motivos deste recuo. Neste levantamento aponta para uma redução na área de 14,4%. Dificulda-

de de armazenagem e preços inferiores ao milho, são os principais motivos deste recuo.

Figura 46 – Sorgo em fase de maturação – Franca/SP – Abril 2017



Fonte: Conab

No Distrito Federal, na safra passada, as chuvas cessaram em fevereiro, inibindo o plantio. Na safra atual as condições climáticas estão favoráveis, o que propiciou ao produtor plantio de área de 5 mil hectares, incremento de 51,5% em relação à safra anterior, que foi de

3,3 mil hectares, queda na produtividade de 6,7% em relação à safra 2015/16, que foi de 4.500 kg/ha. Incremento também na produção de 40,9%, saindo de 14,9 mil toneladas na safra passada, para 21 mil toneladas na atual safra.



Figura 47 – Mapa da produção agrícola – Sorgo

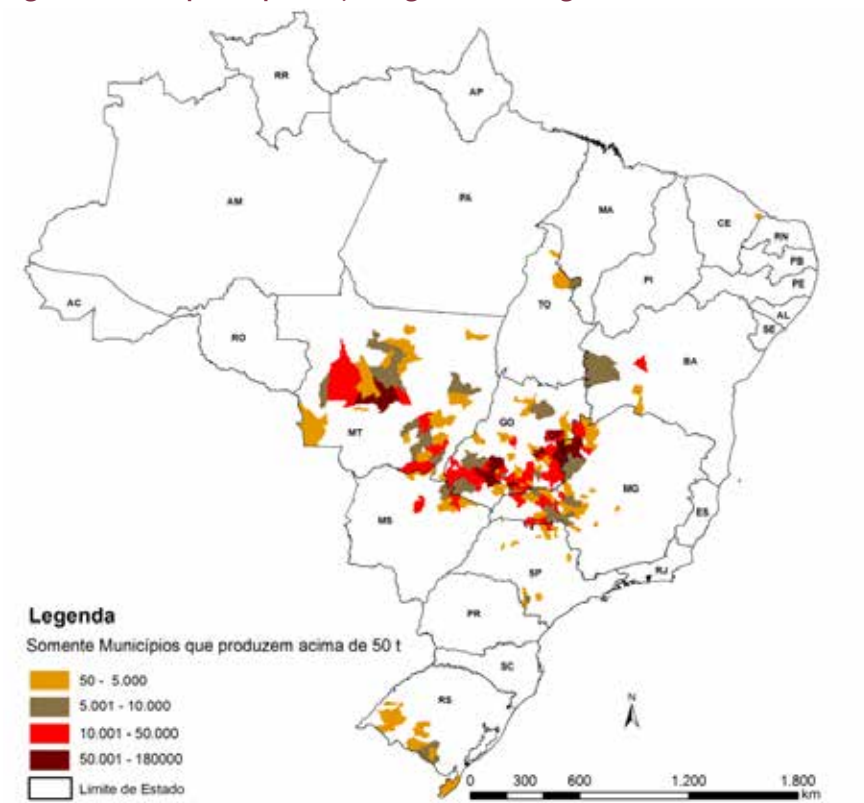
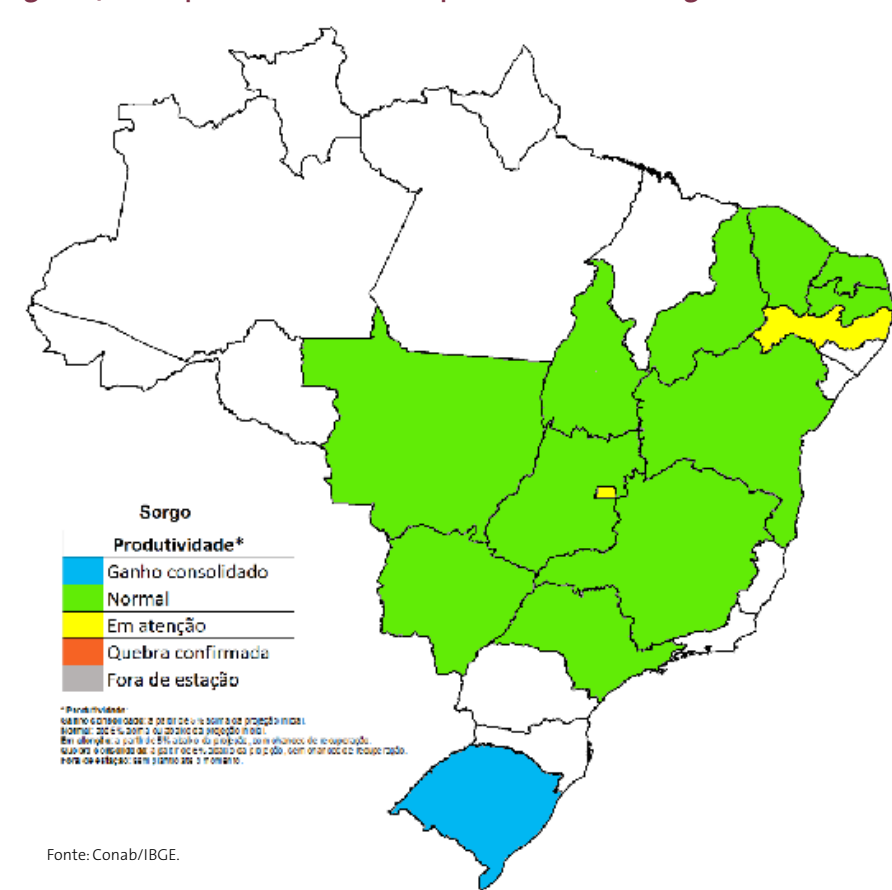


Figura 48 - Mapa da estimativa de produtividade - Sorgo



Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M	C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M	C	C		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,1	17,6	(29,9)	1.687	1.902	12,7	42,3	33,5	(20,8)
TO	25,1	17,6	(29,8)	1.687	1.902	12,7	42,3	33,5	(20,8)
NORDESTE	97,1	114,2	17,6	942	1.073	13,9	91,4	122,6	34,1
PI	2,8	7,3	162,3	45	1.637	3.537,8	0,1	12,0	11.900,0
CE	0,7	0,7	-	1.346	1.915	42,3	0,9	1,3	44,4
RN	0,4	1,3	225,0	1.224	1.344	9,8	0,5	1,7	240,0
PB	0,3	1,3	332,0	800	1.200	50,0	0,2	1,6	700,0
PE	4,5	5,1	13,3	167	155	(7,2)	0,8	0,8	-
BA	88,4	98,5	11,4	1.006	1.068	6,2	88,9	105,2	18,3
CENTRO-OESTE	262,8	285,3	8,6	1.836	3.350	82,4	482,6	955,8	98,1
MT	49,0	37,6	(23,3)	1.915	2.312	20,7	93,8	86,9	(7,4)
MS	9,5	7,7	(18,9)	3.390	3.300	(2,7)	32,2	25,4	(21,1)
GO	201,0	235,0	16,9	1.700	3.500	105,9	341,7	822,5	140,7
DF	3,3	5,0	51,5	4.500	4.200	(6,7)	14,9	21,0	40,9
SUDESTE	185,0	185,6	0,3	2.102	3.021	43,7	388,8	560,7	44,2
MG	172,6	175,0	1,4	2.018	3.000	48,7	348,3	525,0	50,7
SP	12,4	10,6	(14,4)	3.266	3.368	3,1	40,5	35,7	(11,9)
SUL	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
RS	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
NORTE/NORDESTE	122,2	131,8	7,9	1.095	1.184	8,1	133,7	156,1	16,8
CENTRO-SUL	456,8	479,9	5,1	1.965	3.216	63,7	897,8	1.543,5	71,9
BRASIL	579,0	611,7	5,6	1.782	2.778	55,9	1.031,5	1.699,6	64,8

Fonte: Conab.

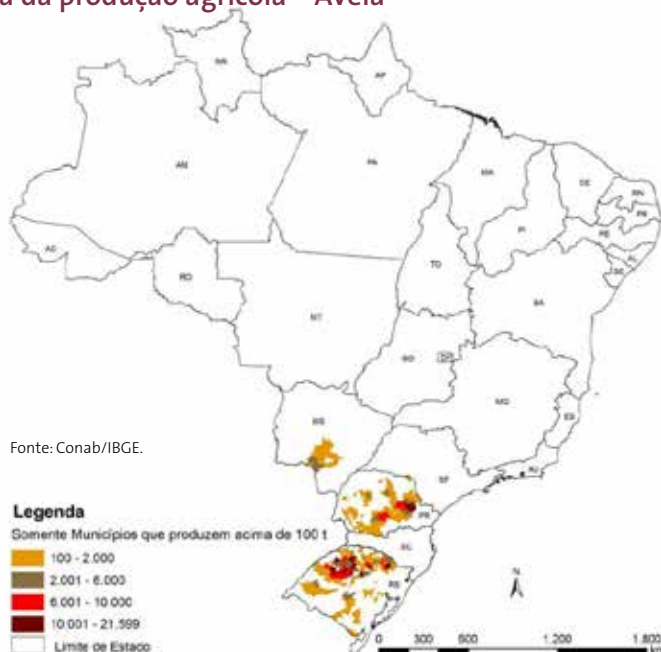
Nota: Estimativa em maio/2017.



9.2 CULTURAS DE INVERNO

9.2.1. AVEIA

Figura 49 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – aveia (Safr 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia primeira safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PR	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 48 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	15,0	15,0	-	1.500	1.560	4,0	22,5	23,4	4,0
MS	15,0	15,0	-	1.500	1.562	4,1	22,5	23,4	4,0
SUL	276,5	284,4	2,9	2.912	2.408	(17,3)	805,3	684,8	(15,0)
PR	58,2	66,1	13,6	2.508	2.306	(8,1)	146,0	152,4	4,4
RS	218,3	218,3	-	3.020	2.439	(19,2)	659,3	532,4	(19,2)
CENTRO-SUL	291,5	299,4	2,7	2.840	2.365	(16,7)	827,8	708,2	(14,4)
BRASIL	291,5	299,4	2,7	2.840	2.365	(16,7)	827,8	708,2	(14,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



9.2.2. CANOLA

Figura 50 – Mapa da produção agrícola – Canola

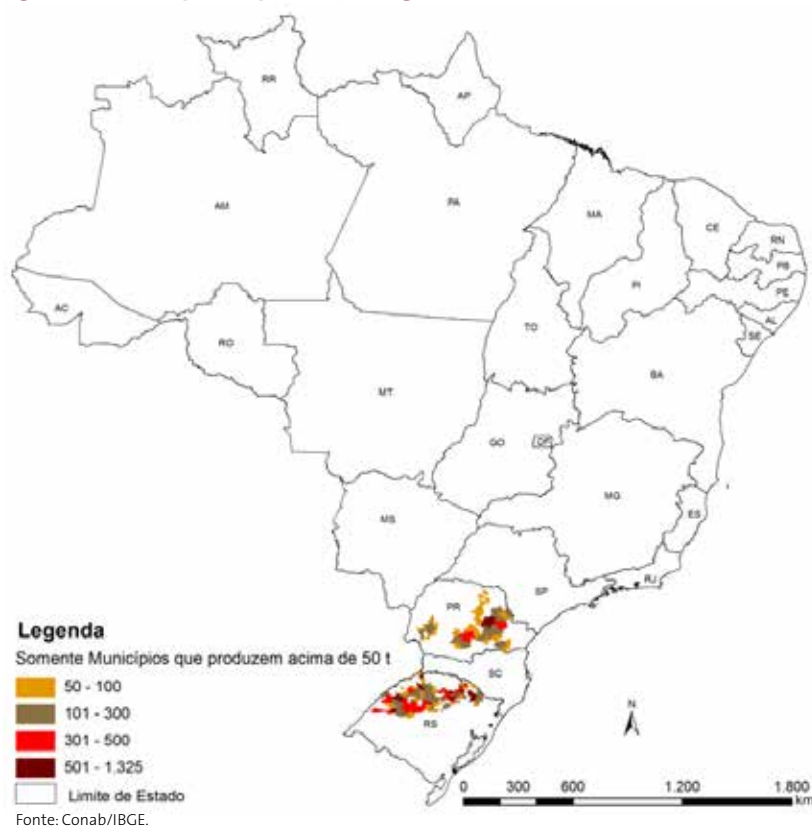


Tabela 49 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	47,5	46,1	(2,9)	1.514	1.555	2,7	71,9	71,7	(0,3)
PR	6,3	2,8	(55,3)	1.479	1.504	1,7	9,3	4,2	(54,8)
RS	41,2	43,3	5,1	1.520	1.558	2,5	62,6	67,5	7,8
CENTRO-SUL	47,5	46,1	(2,9)	1.514	1.555	2,7	71,9	71,7	(0,3)
BRASIL	47,5	46,1	(2,9)	1.514	1.555	2,7	71,9	71,7	(0,3)

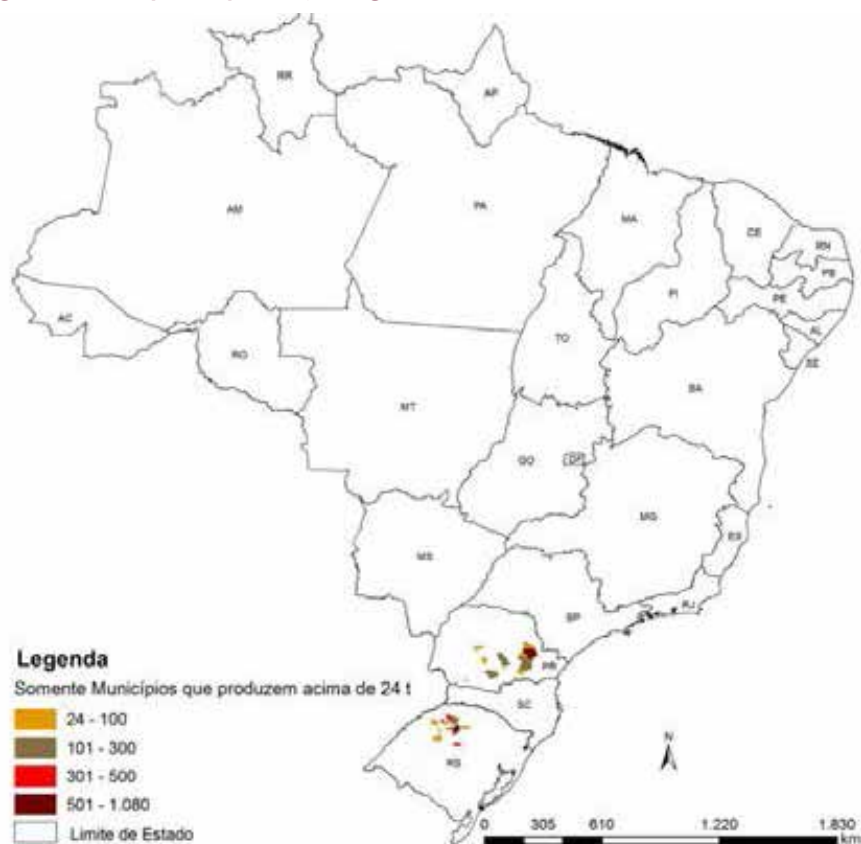
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



9.2.3. CENTEIO

Figura 51 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 50 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	2,5	2,6	4,0	2.600	1.692	(34,9)	6,5	4,4	(32,3)
PR	1,0	1,1	10,0	2.402	2.125	(11,5)	2,4	2,3	(4,2)
RS	1,5	1,5	-	2.700	1.367	(49,4)	4,1	2,1	(48,8)
CENTRO-SUL	2,5	2,6	4,0	2.600	1.692	(34,9)	6,5	4,4	(32,3)
BRASIL	2,5	2,6	4,0	2.600	1.692	(34,9)	6,5	4,4	(32,3)

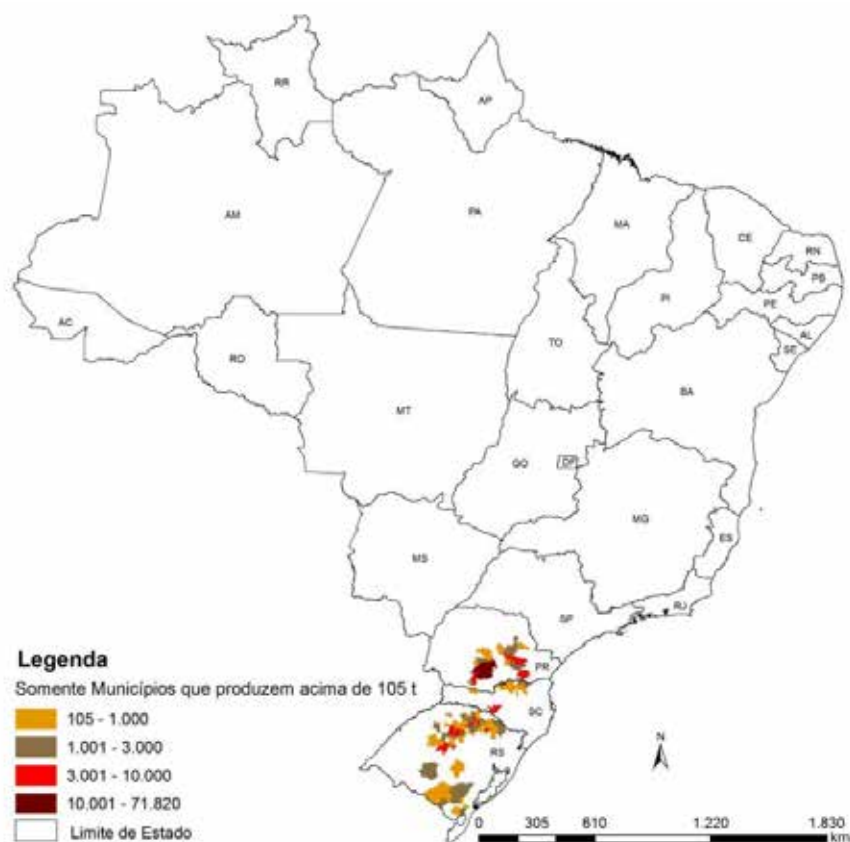
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



9.2.4. CEVADA

Figura 52 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 51 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	95,6	112,0	17,2	3.921	2.998	(23,5)	374,8	335,8	(10,4)
PR	42,5	53,7	26,3	4.682	3.740	(20,1)	199,0	200,8	0,9
SC	1,3	1,3	-	4.800	3.175	(33,9)	6,2	4,1	(33,9)
RS	51,8	57,0	10,0	3.274	2.297	(29,8)	169,6	130,9	(22,8)
CENTRO-SUL	95,6	112,0	17,2	3.921	2.998	(23,5)	374,8	335,8	(10,4)
BRASIL	95,6	112,0	17,2	3.921	2.998	(23,5)	374,8	335,8	(10,4)

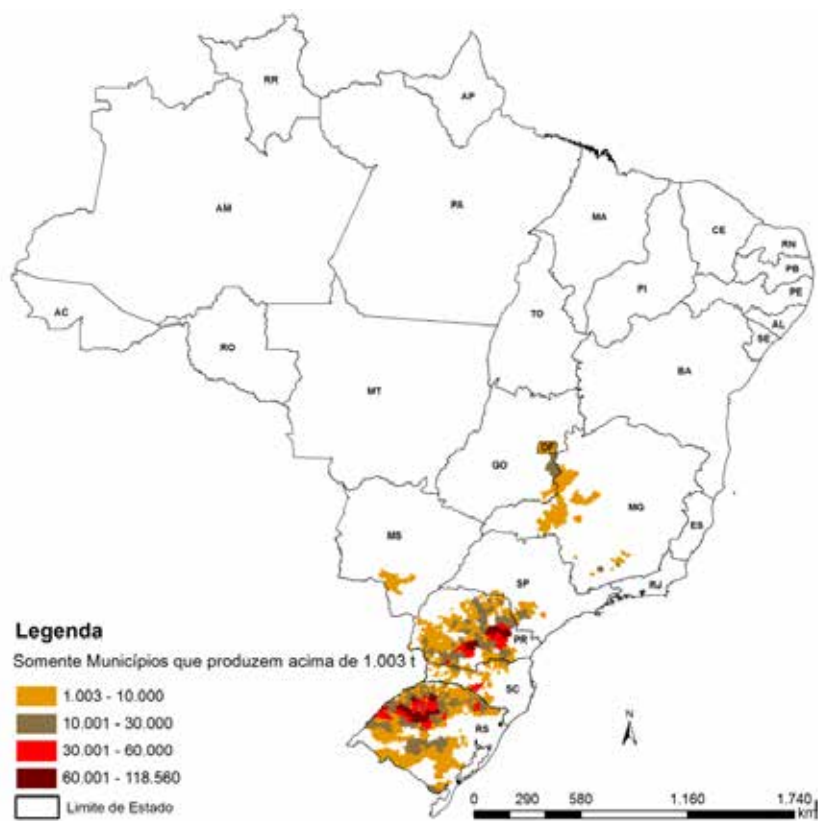
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



9.2.5. TRIGO

Figura 53 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 52 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
BA	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-OESTE	32,9	31,8	(3,3)	3.657	3.450	(5,7)	120,3	109,7	(8,8)
MS	17,8	20,0	12,2	2.328	2.203	(5,4)	41,4	44,1	6,5
GO	14,3	11,0	(23,1)	5.182	5.530	6,7	74,1	60,8	(17,9)
DF	0,8	0,8	-	6.000	6.000	-	4,8	4,8	-
SUDESTE	161,1	162,1	0,6	2.852	2.741	(3,9)	459,4	444,3	(3,3)
MG	84,3	85,8	1,8	2.599	2.645	1,8	219,1	226,9	3,6
SP	76,8	76,3	(0,7)	3.129	2.849	(8,9)	240,3	217,4	(9,5)
SUL	1.921,4	1.754,6	(8,7)	3.190	2.642	(17,2)	6.129,1	4.635,1	(24,4)
PR	1.086,4	997,3	(8,2)	3.140	2.837	(9,6)	3.411,3	2.829,3	(17,1)
SC	58,1	58,1	-	3.800	2.957	(22,2)	220,8	171,8	(22,2)
RS	776,9	699,2	(10,0)	3.214	2.337	(27,3)	2.497,0	1.634,0	(34,6)
NORTE/NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-SUL	2.115,4	1.948,5	(7,9)	3.171	2.663	(16,0)	6.708,8	5.189,1	(22,7)
BRASIL	2.118,4	1.953,5	(7,8)	3.175	2.672	(15,8)	6.726,8	5.219,1	(22,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.



Quadro 12 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – trigo (Safr 2016/17)

UF	Mesoregiões	Aveia primeira safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
SP	Itapetininga				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense				P	P	DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C	
	Norte Catarinense				P	P	DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C	
	Serrana				P	P	DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Considerando o bom ritmo de importações ocorridas nos últimos meses, os números para a safra 2016/17, cujo ciclo se encerra em 31 de julho, foram revistos para um volume de 6,56 milhões de toneladas. Porém, é importante frisar que ainda restam três meses para que se encerre o ciclo, podendo este número sofrer ainda alguns ajuste, ao contrário do número de produção que já está consolidado.

No que diz respeito a safra 2017/18, cujo plantio se inicia nos próximos meses, a expectativa é de que sejam produzidas 5,22 milhões de toneladas, volume ainda insuficiente para suprir o mercado nacional. Desta forma, projeta-se para a temporada 2017/18 que o Brasil importe cerca de 6,2 milhões de toneladas e exporte

800 mil toneladas em função das vantagens comparativas que se apresentam no mercado tritícola.

Em um cenário de recuperação e crescimento econômico, projeta-se aumento na moagem industrial, saindo de 10,6 milhões de toneladas na safra atual para 10,7 milhões de toneladas para a safra vindoura.

Há que se destacar que a oferta nacional em conjunto com a produção dos demais países do Mercosul apresenta otimismo no aspecto de que se apresente com uma oferta que venha a atender todos os seguintes consumidores.

Tabela 53 - Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil - Em mil toneladas

SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01 AGO)	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO GRÃOS	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO GRÃOS	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 JUL)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17 ⁽¹⁾	809,3	6.726,8	6.560,0	14.096,1	700,0	10.600,0	317,7	10.917,7	2.478,4
2017/18 ⁽²⁾	2.478,4	5.219,1	6.200,0	13.897,5	800,0	10.700,0	293,0	10.993,0	2.104,5

Legenda: (1) Estimativa (2) Previsão.

Fonte: Conab.



9.2.6. TRITICALE

Figura 54 – Mapa da produção agrícola – Tríticale

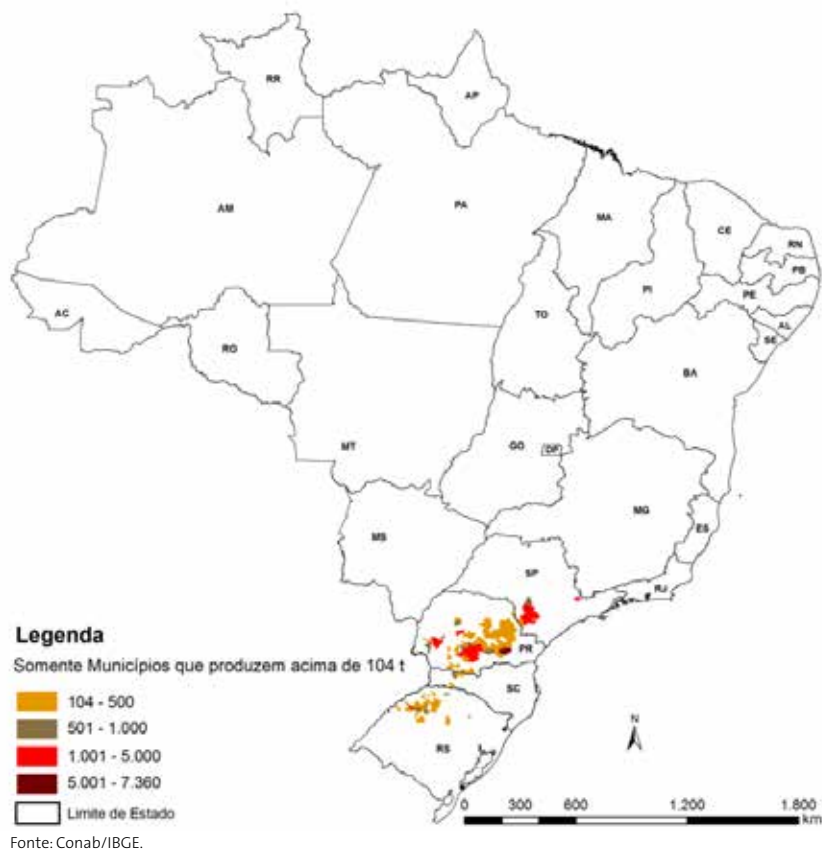


Tabela 54 – Comparativo de área, produtividade e produção – Tríticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	7,5	-	2.853	2.853	-	21,4	21,4	-
SP	7,5	7,5	-	2.856	2.856	-	21,4	21,4	-
SUL	16,0	14,7	(8,1)	2.919	2.340	(19,8)	46,7	34,4	(26,3)
PR	9,7	9,0	(7,2)	3.097	2.512	(18,9)	30,0	22,6	(24,7)
SC	0,6	-	(100,0)	2.243	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
RS	5,7	5,7	-	2.700	2.067	(23,4)	15,4	11,8	(23,4)
CENTRO-SUL	23,5	22,2	(5,5)	2.898	2.514	(13,3)	68,1	55,8	(18,1)
BRASIL	23,5	22,2	(5,5)	2.898	2.514	(13,3)	68,1	55,8	(18,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2017.





10. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

Tabela 55 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.488,8	55,0	1.745,1	700,0	630,0	415,1
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.400,0	893,7	459,6
	2016/17	459,6	11.963,1	1.000,0	13.422,7	11.500,0	1.000,0	922,7
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.327,8	150,0	3.663,8	3.350,0	120,0	193,8
Milho	2010/11	5.586,1	57.406,9	764,4	63.757,4	49.985,9	9.311,9	4.459,6
	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
	2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
	2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
	2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
	2015/16	10.401,3	66.530,6	3.338,1	80.270,0	53.387,8	18.883,2	7.999,0
	2016/17	7.999,0	92.832,5	500,0	101.331,5	56.100,0	26.000,0	19.231,5
Soja em grãos	2010/11	2.611,1	75.324,3	41,0	77.976,4	41.970,0	32.986,0	3.020,4
	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	744,0
	2013/14	744,0	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.581,9	1.482,1
	2016/17	1.482,1	113.013,4	300,0	114.795,5	47.281,0	63.000,0	4.514,5
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.954,0	0,8	31.790,1	15.500,0	14.100,0	2.190,1
	2016/17	2.190,1	33.110,0	1,0	35.301,1	17.000,0	15.900,0	2.401,1
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,3	8.327,8	6.359,2	1.669,9	298,7
	2015/16	298,7	7.839,0	70,0	8.207,7	6.380,0	1.400,0	427,7
	2016/17	427,7	8.385,0	40,0	8.852,7	6.800,0	1.550,0	502,7
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	6.560,0	14.096,1	10.917,3	700,0	2.478,8
	2017	2.478,8	5.219,1	6.200,0	13.897,9	10.993,0	800,0	2.104,9

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em abril/2017/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.





11. CALENDÁRIOS DE PLANTIO E COLHEITA

Quadro 13 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.



Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
TO												
Nordeste												
CE												
PB												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
Sudeste												
SP												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							  				 	
RO	  				 							
AC	  				 							
AM	  			 	 							
AP				  	  		 					
PA	  			  	  		 	 		 		
TO	  			  	 		 					
Nordeste												
MA	  			  	 		 					
PI		 		  	 		 					
CE				  	 			 		 		
RN	 				 		 			 		
PB				  	 			 				
PE	 			  	 			 		 		
AL	  			  	 		 			 		
SE	 			  	 							
BA	  				 		 					
Centro-Oeste												
MT	  			  	 		 					
MS	  			  	 		 					
GO	  						 					
Sudeste												
MG	  						 					
ES	  				 		 					
RJ	  				 		 					
SP	  				 		 					
Sul												
PR	  			  	 		 			 		
SC	  			  	 		 			 		
RS	  				 		 					

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.



Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
PI												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.



Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA												
TO												
Nordeste												
CE												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
Sul												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.



Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI												
CE												
RN												
PE												
BA												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.



Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.



Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab



Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			1/12 a 20/03			0/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 26 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS												
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.



Quadro 27 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 28 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 29 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab



Quadro 30 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 31 - Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.







Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
**AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO**

